

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RAYMUNDO DA COSTA OLIONI

TEMA E N-REMA: A CONSTRUÇÃO DO FLUXO DE INFORMAÇÃO EM TEXTOS
NARRATIVOS SOB UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

PORTO ALEGRE

2010

Raymundo da Costa Olioni

TEMA E N-REMA: A CONSTRUÇÃO DO FLUXO DE INFORMAÇÃO EM TEXTOS
NARRATIVOS SOB UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Área de Linguística Aplicada – da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi

Porto Alegre

2010

RAYMUNDO DA COSTA OLIONI

TEMA E N-TEMA: A CONSTRUÇÃO DO FLUXO DE INFORMAÇÃO EM
TEXTOS NARRATIVOS SOB UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Tese apresentada como requisito
para obtenção do grau de Dou-
tor, pelo Programa de Pós-
Graduação em Letras da Facul-
dade de Letras da Pontifícia U-
niversidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em 30 de outubro de 2009


BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi – UFRGS



Profa. Dr. Nina Célia Almeida de Barros – UFSM



Profa. Dr. Rejane Flor Machado - UFPel



Profa. Dr. Maria da Glória di Fanti - PUCRS



Profa. Dr. Leci Borges Barbisan – PUCRS

Dedicatória

Aos meus pais, Yara da Costa Olioni e Raymundo Dhamar Fernandes Olioni, *in memoriam*, por tudo o que as palavras jamais conseguirão expressar.

Ao meu irmão, Leonardo da Costa Olioni, que, ao renascer, conseguiu reverter o jogo a seu favor e me ensinar que podemos sempre ser melhores, apesar das adversidades.

AGRADECIMENTOS

Ao término deste processo, fechamento de um ciclo, preciso agradecer a quem, de uma forma ou de outra, me acolheu e me ajudou a andar, mesmo que o caminho muitas vezes parecesse íngreme... Em especial, agradeço aos meus pais, Yara da Costa Olioni e Raymundo Dhamar Fernandes Olioni, *in memoriam*, por terem sempre me estimulado a seguir em frente e a lutar por tudo em que acredito.

Meus agradecimentos às seguintes instituições:

- Ao CNPq, que me possibilitou, durante quatro anos, uma bolsa integral de doutorado;
- A CAPES, que proporcionou meu estágio de doutoramento em Lisboa (Portugal), por meio de uma bolsa-sanduíche com duração de cinco meses, o que fomentou minha pesquisa em terras lusitanas;
- A PUCRS, pelas oportunidades proporcionadas durante o período de doutorado.

Meus agradecimentos a estes/estas docentes que tiveram participação essencial no meu crescimento, tanto pessoal como profissional:

- Ao Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi, que, além de orientador, foi amigo, referência nas aulas de Sintaxe e exemplo de profissional;
- Ao Prof. Dr. Carlos A. M. Gouveia, meu orientador da bolsa-sanduíche, que me acolheu como aluno e amigo em Lisboa, abrindo as portas para a minha participação no seu grupo de pesquisa e me dando oportunidades de mostrar o meu trabalho aos sistemicistas lusitanos;
- À Prof^a Dr. Ingrid Finger, que, durante suas aulas no mestrado da UCPel, me estimulou a ingressar logo no doutorado, a quem devo, de certa forma, a minha incursão pelos meandros da sintaxe;
- À Prof^a Dr. Carmen Matzenauer, professora para toda a vida e amiga de toda hora, de quem guardo ótimas lembranças das aulas de Fonologia dos sábados pela manhã no mestrado da UCPel e que sempre foi para mim um exemplo de profissional e de ser humano;
- À Prof^a Dr. Leci Barbisan, que me acolheu no seu grupo de pesquisa e de estudos e que foi, durante o meu doutorado na PUCRS, um exemplo de profissional dedicada e comprometida com seu trabalho, além de uma amiga que soube me ouvir muitas vezes e me aconselhar;
- À Prof^a Dr. Regina Ritter Lamprecht, ex-coordenadora do PPGL, e à atual coordenadora, Prof^a Dr. Ana Lisboa de Mello, por terem sido sempre solícitas e agido de forma humana, para além daquilo que o cargo pressupõe.

Aos/Às meus/minhas amigos/as tenho que agradecer sempre, por eles estarem presentes constantemente na minha vida e serem pessoas que me ajudam a melhorar a cada dia:

À Elaine Nogueira da Silva, a quem conheço há mais de vinte anos, e de quem já me considero da família – uma espécie de irmão mais novo –; a ela recorro nas horas boas e ruins, tendo sempre ouvido o que era preciso no momento devido;

Ao Ubiratã Kickhöfel Alves (o Bira), que conheci durante o Mestrado em Pelotas e com quem comecei a conviver mais de perto durante o Doutorado, tendo se tornado um grande amigo e irmão meu, de quem, como bônus, ganhei mais uma amiga, a Clarinha – Clara Maria Lopes;

À Luciene Brizolara (a Duda), a minha ‘mana’ caçula desde o Mestrado, com quem já convivi em momentos bons e em momentos nem tão bons assim, mas sempre em situações que serviram para solidificar nossa amizade;

À Gabriela Betania Hinrichs Conteratto, a ‘mana’ que ganhei no doutorado, com quem posso compartilhar coisas boas e dividir um pouco o que sobrecarrega;

Aos meus amigos de terras lusitanas. Em especial, à Mafalda Mendes, pelas nossas conversas sempre animadas sobre lingüística e pelo seu exemplo de pesquisadora atenta e detalhista; ao Mário Martins – um brasileiro que fincou pé em Portugal e enveredou pelos caminhos sistêmicos por lá –; e ao Antonio Carlos Correia (o Tomká), em cuja casa fiquei durante minha estada em Lisboa;

À Jaqueline Suita Goes (a Jaque) e à Angela Maria Silva dos Santos, dois anjos em vida, que me acompanham há alguns anos e me ensinam com seus exemplos de fé e de solidariedade que a vida é muito além do aqui e do agora.

A todos/as aqueles/as que, de uma forma ou de outra, participaram e/ou participam do meu caminhar.

*Continuo a pensar que quando tudo parece sem saída,
sempre se pode cantar. Por essa razão, escrevo.*

Caio Fernando Abreu

RESUMO

Este estudo tem como referencial teórico a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) de M. A. K. Halliday, centrando-se especificamente nas funções de Tema e de Informação Nova – pertencentes respectivamente à Estrutura Temática e à Estrutura de Informação na Metafunção Textual, um dos níveis de análise linguística da GSF, que organiza a oração como mensagem e sistematiza os significados experienciais e interpessoais. Com base nas noções de Halliday (1985, 1994, 2004) sobre Tema funcional, nos estudos de Daneš (1974) sobre Progressão Temática e nas investigações de Peter Fries (1981; 1983; 1994; 1995; 1997; 2002; 2009) concernentes a Método de Desenvolvimento Textual e a N-Rema, observa-se de que modo, em textos narrativos escritos em língua portuguesa, se constrói o texto como unidade de sentido. Verifica-se, assim, o fluxo de informação, ou seja, como a Informação Nova em uma oração se relaciona ao contexto local desta – o Tema – e qual o movimento realizado do ponto de partida da oração como mensagem em relação ao final da oração, ponto em que se concentra a informação de maior valor para o leitor em estruturas de ordem canônica. Na seqüência, constata-se que os Temas oracionais não-marcados recorrentes neste tipo de produção, por terem um alto índice de previsibilidade, indicam o ponto de vista do escritor sobre o assunto do texto, e que o mapeamento dos N-Remas oracionais – que possuem um alto índice de informatividade – coincidem com a informação mais significativa para o leitor. Dessa forma, tem-se, na configuração dos Temas e dos N-Remas oracionais, um esqueleto do texto, isto é, um esquema contendo o ponto de vista do escritor agregado às idéias mais significativas a serem retidas pelo leitor, o que possibilita, numa segunda instância, a formação de um resumo, uma síntese do texto original.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional; Progressão Temática; N-Rema; método de desenvolvimento textual; fluxo de informação; textos narrativos.

ABSTRACT

This study is grounded in M. A. K. Halliday's Systemic Functional Grammar (SFG), focusing on the functions of Theme and New Information. These two functions belong, respectively, to the Thematic structure and to the Information structure in the textual metafunction, the latter being one of the levels of linguistic analysis in SFG. By following Halliday's (1985, 1994, 2004) conceptualization of Functional Theme, Daneš' studies on "Thematic Progression" (1974) and Fries' (1981; 1983; 1994; 1995; 1997; 2002; 2009) investigations on the method of development of the text and on the N-Rheme, we analysed narrative texts in Portuguese in order to verify the construction of each text as a whole. We observed the flow of information, that is, how the New Information in the clause relates to its local context – the Theme – and the movement from the point of departure of the clause to its end, in which the reader may find the information which is presented as New, the focus of attention, in structures in canonical order. We move on and show that, being highly predictable, the unmarked themes of each clause which occur in this type of production indicate the writer's point of view on the subject of the text; besides, the N-Rhemes of the clause, being highly informative, correspond to the most meaningful information to the reader. This considered, the Themes and N-Rhemes of the clause make up the main structure of the text, by characterizing a schema which contains the writer's point of view as well as the most informative ideas to be captured by the reader. This allows for the construction of a text summary, that is, a synthesis of the original text.

Key-words: Systemic Functional Grammar (SFG); Thematic Progression; N-Rheme; method of development of the text; flow of information; narrative texts.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EI	Estrutura de Informação
ET	Estrutura Temática
GSF	Gramática Sistemico-Funcional
ID	Informação Dada
IN	Informação Nova
MID	Metafunção Ideacional
MIN	Metafunção Interpessoal
MT	Metafunção Textual
mdt	método de desenvolvimento textual
N-R	N-Rema
PT	Progressão Temática
T	Tema
R	Rema

LISTA DE SÍMBOLOS

[]	Elipse ou comentário do pesquisador
→	Sucessão de funções, como em T → R
↓	Continuidade do mesmo elemento
α	Oração dominante no processo de Hipotaxe
β	Oração dependente no processo de Hipotaxe
1	Oração iniciadora no processo de Parataxe
2	Oração continuadora no processo de Parataxe

SUMÁRIO

RESUMO.....	008
ABSTRACT.....	009
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	010
LISTA DE SÍMBOLOS.....	010
1 INTRODUÇÃO.....	014
2 O FUNCIONALISMO DE M. A. K. HALLIDAY.....	023
2.1 INTRODUÇÃO.....	023
2.2 A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	024
2.2.1 A ESTRATIFICAÇÃO.....	029
2.2.1.1 OS NÍVEIS EXTRALINGÜÍSTICOS.....	030
2.2.1.2 OS NÍVEIS LINGÜÍSTICOS.....	031
2.2.1.3 A RELAÇÃO ENTRE O LINGÜÍSTICO E O EXTRALINGÜÍSTICO.....	037
2.3 RESUMO.....	039
3 O TEMA FUNCIONAL HALLIDAYANO.....	041
3.1 INTRODUÇÃO.....	041
3.2 A ESTRUTURA TEMÁTICA.....	042
3.3 DEFINIÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO TEMA IDEACIONAL: HALLIDAY E FRIES.....	044
3.3.1 A ESCOLHA DE TEMAS DISTINTOS.....	052
3.4 O QUE É O TEMA AFINAL?.....	058
3.5 TEMA SIMPLES.....	063
3.6 TEMA MARCADO E TEMA NÃO-MARCADO.....	067
3.7 TEMA MÚLTIPLO.....	075
3.8 O CASO DOS PRONOMES RELATIVOS E DOS PRONOMES INTERROGATIVOS.....	082
3.9 TEMAS EM COMPLEXOS ORACIONAIS.....	084
3.10 ESTRUTURAS TEMATIZADORAS.....	096

3.11 OUTROS TIPOS DE TEMA.....	104
3.12 IDENTIFICAÇÃO DO TEMA EM SITUAÇÕES PECULIARES.....	113
3.13 RESUMO.....	118
4 INFORMAÇÃO NOVA, N-REMA, PROGRESSÃO TEMÁTICA E MÉTODO DE DESENVOLVIMENTO TEXTUAL.....	120
4.1 INTRODUÇÃO.....	120
4.2 INFORMAÇÃO DADA.....	122
4.3 INFORMAÇÃO NOVA.....	126
4.4 RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA TEMÁTICA E ESTRUTURA DE INFORMAÇÃO.....	131
4.5 N-REMA.....	134
4.6 GRAMÁTICA E TEXTOS: A TEXTURA.....	139
4.7 PROGRESSÃO TEMÁTICA DE FRANTESEK DANĚŠ.....	142
4.7.1 PROGRESSÃO TEMÁTICA LINEAR SIMPLES.....	143
4.7.2 PROGRESSÃO TEMÁTICA CONSTANTE OU CONTÍNUA.....	144
4.7.3 PROGRESSÃO TEMÁTICA DERIVADA.....	145
4.7.4 OUTRAS POSSIBILIDADES DE PROGRESSÃO TEMÁTICA.....	148
4.7.4.1 REMA PARTIDO.....	148
4.7.4.2 TEMA PARTIDO.....	149
4.7.4.3 TEMA SINTETIZADOR.....	150
4.8 PETER FRIES E A RELAÇÃO ENTRE PROGRESSÃO TEMÁTICA E MÉTODO DE DESENVOLVIMENTO TEXTUAL.....	152
4.9 HIPÓTESES PROPOSTAS POR FRIES.....	155
4.9.1 PROGRESSÃO TEMÁTICA E GÊNERO TEXTUAL.....	156
4.9.2 CONTEÚDO EXPERIENCIAL DO TEMA E MODO DE DESENVOLVIMENTO TEXTUAL.....	158
4.9.3 CONTEÚDO EXPERIENCIAL DO TEMA E GÊNERO TEXTUAL....	159
4.9.4 CONTEÚDO EXPERIENCIAL DO TEMA E ELEMENTOS GENÉRICOS DA ESTRUTURA.....	161
4.10 RESUMO.....	163
5 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.....	166
5.1 INTRODUÇÃO.....	166
5.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	167
5.3 ILUSTRAÇÃO DE ANÁLISE.....	173

5.4 RESULTADOS.....	181
6 CONCLUSÃO.....	185
REFERÊNCIAS.....	192

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, centrada no âmbito da Lingüística Aplicada, surgiu do interesse de o pesquisador averiguar de que forma se constrói o fluxo de informação em textos narrativos curtos escritos em língua portuguesa, a fim de se verificar que marcas da materialidade lingüística são responsáveis, em tais produções, por sinalizar o ponto de partida do locutor em relação à mensagem pretendida, bem como em que posição na oração são colocadas informações mais relevantes para o interlocutor, na expectativa de se vislumbrar e mapear um contínuo da informação veiculada.

Para tanto, a perspectiva teórica adotada neste estudo está inserida numa visão funcionalista da linguagem, que vê a língua como instrumento de interação social em situações próprias de comunicação, de modo que os aspectos lingüísticos se inter-relacionam com a situação comunicativa; são considerados os interlocutores envolvidos no evento de fala, o propósito da comunicação e os contextos comunicativos. O texto, então, é considerado uma unidade de sentido, sendo a sua organização sintática motivada pelo contexto discursivo; assim, a língua não é considerada um sistema autônomo, mas está relacionada à adequação do locutor a distintas situações de comunicação.

O trabalho se fundamenta teoricamente na Gramática Sistêmico-Funcional de M. A. K. Halliday (1985; 1994; 2004) e de outros systemicistas (Bloor & Bloor: 1995; Butt et al.: 1998; Eggins: 1994; Ghadessy: 1995; Martin: 1992; Matthiessen & Halliday: 1997; Ravelli: 1995; Thompson: 1996; entre outros), com relação ao conceito funcional de

Tema¹, para se averiguar a relação deste com os conceitos de Progressão Temática (Daneš: 1974), N-Rema, método de desenvolvimento textual e fluxo de informação (Fries: 1981; 1994; 1995; 1997; 2009). O trabalho visa a verificar se o Tema, definido por Halliday como o “ponto de partida da oração como mensagem”, junto ao N-Rema que, segundo Fries, é o último constituinte oracional que contém informação de maior valor para o interlocutor em textos escritos, exerce contribuição significativa para o fluxo de informação, de modo a influenciar na organização do texto como uma unidade de sentido.

A pesquisa apresenta caráter de descrição lingüística da língua portuguesa, ao se examinar, em textos curtos narrativos escritos em português, originais, oriundos de fontes distintas, como suas orações são estruturadas em relação à sua Estrutura Temática e à sua Estrutura de Informação; são averiguadas também características comuns nestas produções com relação à sua Progressão Temática, constatando-se como esta, ao longo do texto, tem influência sobre o fluxo de informação. Pretende-se, assim, constatar de que forma se processa o modo de organização discursiva destas narrativas e como tais textos são apresentados nos veículos em que circulam, a fim de que se identifique que mecanismos são utilizados pelo locutor para induzir o leitor a depreender o ponto de vista desejado sobre o assunto.

Este trabalho se justifica pela relevância de estudos funcionalistas que possibilitem discussões como as que seguem:

(a) compreender qual é, precisamente, a função textual do Tema e sua contribuição para o fluxo de informação;

¹ Termo metalingüístico utilizado por alguns autores funcionalistas com sentidos distintos, mas estudado neste trabalho especificamente sob a ótica da *Gramática Sistemico-Funcional*, merecendo atenção especial no capítulo 3, pois conceito-chave para a pesquisa. Sempre que usado o termo *Tema*, refere-se ao Tema Ideacional – o ‘ponto de partida’ para a mensagem, com função no sistema de transitividade da Metafunção Ideacional, sendo caracterizado como um Participante, um Processo ou uma Circunstância. Os Temas Textual e Interpessoal, quando mencionados, serão especificados.

(b) mapear modelo(s) de organização textual que possibilitem (1) ao leitor, a identificação da organização discursiva, e, dessa forma, o entendimento da mensagem; (2) ao escritor, a possibilidade de redigir de forma mais clara e precisa, comunicando adequadamente o que pretende a seu interlocutor, a partir de um ‘padrão’ de organização textual; e

(c) descrever lingüisticamente fenômenos da língua portuguesa em uso, no que se refere à identificação de funções como o Tema, por exemplo, que têm implicações sintáticas e funcionais. Além disso, a pesquisa, ao se caracterizar como de descrição lingüística do português, pode ser útil, inclusive, para outras áreas da Lingüística, como é o caso do Discurso; afinal, a teoria hallidayana é difundida mundialmente, servindo também como instrumento de análise lingüística para aqueles que estudam a *Análise Crítica do Discurso* proposta por Norman Fairclough (1989; 1995; 2001) e colaboradores.

No que concerne, precisamente, à proposta de trabalho, esta tem por objetivo analisar as relações existentes entre os conceitos de Tema funcional hallidayano, Progressão Temática, método de desenvolvimento textual, conteúdo experiencial do Tema, N-Rema e fluxo de informação, no que estes dizem respeito ao modo como o texto narrativo é construído no *corpus* para análise. Tal objetivo é permeado pelos seguintes objetivos específicos:

(a) identificar, nos textos analisados, sob a perspectiva da GSF, os Temas de cada oração e/ou complexo oracional;

(b) constatar o(s) tipo(s) de PT apresentada(s) bem como sua relação com o modo de desenvolvimento textual dos referidos textos;

(c) localizar a Informação Nova nas orações, caracterizando o foco do texto – a parte que concentra a informação principal, aquela de maior valor para o interlocutor; e

(d) constatar como se constrói o fluxo de informação nos textos, a partir do mapeamento dos Temas e dos N-Remas oracionais.

Para o desenvolvimento da proposta, parte-se das hipóteses abaixo, referentes à importância do Tema e do N-Rema para a localização do fluxo de informação nas narrativas do *corpus* sob análise:

- (1) Visto que a informação contida em posição temática orienta o interlocutor para o que vem a seguir, (1a) o Tema contém significados ideacionais pouco relevantes para as metas do texto, apresentando geralmente um alto nível de previsibilidade, que está associado, pela recorrência dos Temas oracionais identificados ao longo do texto, ao ponto de partida do locutor em relação ao tópico textual; assim, o mapeamento dos Temas de um texto (sua Progressão Temática) revela de que forma o locutor se posiciona frente ao assunto do texto; e (1.b) o conteúdo experiencial dos Temas oracionais do *corpus*, isto é, a informação contida em posição temática na seqüência de orações de um texto narrativo (método de desenvolvimento do texto) tem relação com a especificidade da narrativa;
- (2) A informação contida no N-Rema, representado no texto escrito pelo último constituinte oracional, é o foco da mensagem, ou seja, a informação que o locutor deseja que seja retida pelo interlocutor. Dessa forma, (2a) os N-Remas oracionais em um texto devem conter informações de extrema relevância para as metas deste; e (2b) é **possível sintetizar um texto, ou seja, criar um “esqueleto” deste, por meio da**

identificação dos N-Remas das orações – que possuem um alto índice de informatividade –, agregados aos Temas recorrentes.

Apresentada a proposta deste estudo, além dos objetivos, da justificativa e das hipóteses norteadoras da pesquisa, assim como a contextualização desta no paradigma dos estudos funcionalistas, procede-se à configuração do trabalho. A Tese é estruturada em seis capítulos: 1. Introdução; 2. O Funcionalismo e a Gramática Sistêmico-Funcional; 3. O Tema funcional hallidayano; 4. Informação Nova, N-Rema, Progressão Temática e Método de desenvolvimento textual; 5. Metodologia e Análise dos Dados; e 6. Conclusão. A seguir, cada capítulo será brevemente explicitado, para que se tenha um panorama a respeito da realização de cada etapa.

O capítulo 2 – O Funcionalismo e a Gramática Sistêmico-Funcional – situa o leitor no contexto da Lingüística Funcional, apresentando as principais características comuns a teorias de autores diversos sob a denominação de Funcionalistas. Conforme Nichols (1984, apud. Neves, 2001: 3), “a gramática funcional, embora analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo”. A relevância do Capítulo 2, então, se verifica pela necessidade de se circunscrever a pesquisa nos domínios do Funcionalismo, que concebe a estrutura sendo determinada pelo uso e pelo contexto comunicativo; dessa forma, a abordagem funcionalista examina como uma língua natural é utilizada pelo falante/escritor para atingir seus propósitos com fins de comunicação.

Ainda referente ao segundo capítulo, faz-se um recorte, dentro dos estudos funcionalistas, sobre a teoria que embasa a proposta de trabalho – a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) de M. A. K. Halliday (1985; 1994; 2004) –, teoria social da linguagem

que estuda a língua em uso como instrumento para construir significado no discurso, atentando para a interação falante/escritor e ouvinte/leitor, a fim de que haja comunicação eficiente. Preocupando-se com o nível paradigmático, a teoria focaliza as escolhas disponíveis no sistema para o falante/escritor dispor daquilo que lhe convém com o intuito de adequar a sua linguagem às diferentes situações de comunicação e ao seu interlocutor. Assim, o capítulo contempla os fundamentos da GSF, teoria estruturada em três Metafunções – Ideacional, Interpessoal e Textual –, que se constituem como diferentes níveis simultâneos e complementares de análise: a primeira estuda a oração como representação; a segunda, como interação; e a terceira, como mensagem.

O capítulo 3 – O Tema funcional Hallidayano – situa o Tema como função pertencente a um dos dois sistemas de análise da Metafunção Textual: a Estrutura Temática. Além da reflexão sobre o conceito hallidayano de Tema, com base também nas reflexões de Peter Fries sobre o assunto, são abordadas diferentes formas de reconhecimento do Tema na oração e no complexo oracional bem como casos específicos de identificação temática. São apresentadas determinadas características peculiares do Tema em português que diferem, por exemplo, do Tema em inglês e em outras línguas, como é o caso da inexistência de um expletivo em português – “it” em inglês – para indicar sempre um Sujeito como realização temática. No caso específico da discussão sobre o Tema oracional em português, ao coincidir com a função de Sujeito na oração, o pesquisador adota a linha de Bárbara & Gouveia (2001) ao defenderem que, como o português possui flexão número-pessoal no verbo, a elipse pode ser indicada como Tema omitido, cabendo ao restante da oração o papel de Rema.

O quarto capítulo – Informação Nova, N-Rema, Progressão Temática e método de desenvolvimento textual –, assim como o capítulo 3, se constitui como cerne desta

pesquisa, por ambos apresentarem o embasamento teórico que, posteriormente, alicerçará a análise dos dados do capítulo 5. Dessa forma, após a ampla discussão realizada no terceiro capítulo sobre a concepção funcional hallidayana de Tema, o capítulo 4 discute as noções de Progressão Temática (Daneš: 1974), método de desenvolvimento textual (Fries: 1981; 1995; Halliday: 2004; Bloor & Bloor: 1995, entre outros systemicistas) e N-Rema (1981; 1983; 1994; 1995; 1997; 2002; 2009), articulando-as, de modo a verificar o fluxo da informação nos textos narrativos. Este se refere ao modo como a informação apresentada numa dada oração é interpretada e relacionada ao seu contexto, o Tema, e de que forma se estabelece a relação entre as informações relevantes contidas nos N-Remas oracionais (o *ponto* do texto, que é o foco de informação) e o conjunto de Temas (Progressão Temática) no decorrer de um texto visto como uma unidade de sentido.

Este capítulo está centrado prioritariamente na discussão sobre a produção de dois pesquisadores que discorrem sobre Progressão Temática (PT) e o mapeamento desta no discurso – Frantisek Daneš, cujo modelo de tipologia de PT é considerado em todos os estudos que remetem à seqüência e progressão de Temas, e Peter Fries, que, com base na caracterização da PT apresentada por Daneš, associa esta a método de desenvolvimento textual, estabelecendo ainda relações com as noções de conteúdo experiencial do Tema.

O capítulo 5 – Metodologia e Análise dos Dados – consiste em discorrer sobre a metodologia utilizada na pesquisa, ou seja, os procedimentos e critérios de análise temática, a partir dos constructos teóricos explicitados e ilustrados nos capítulos anteriores. O *corpus* utilizado refere-se a quarenta textos narrativos curtos que foram analisados isoladamente quanto às configurações dos Temas e dos N-Remas oracionais, para que, num segundo momento, houvesse possibilidade de comparação de dados em relação a aspectos comuns e

divergentes relativos às suas Estruturas Temática e de Informação. A sistematização aplicada em cada texto é ilustrada, no capítulo, por meio de um dos textos do *corpus*.

O sexto e último capítulo – Conclusão – visa à revisão dos conceitos fundamentais apresentados ao longo desta pesquisa, relacionando-os e vinculando-os às análises dos textos narrativos do *corpus*, de modo a propiciar considerações sobre o estudo, apontando para a necessidade do cruzamento entre estas com as de outros trabalhos sistêmicos em língua portuguesa que abordem a mesma temática.

Cabe ainda salientar que os termos metalingüísticos referentes à teoria sob enfoque são utilizados em língua portuguesa conforme tradução oficial realizada por um grupo de investigadores sistêmicos (brasileiros e portugueses) que se constitui como lista de discussão na *web*, com o intuito de desenvolvimento da LSF em países de língua portuguesa.

Outra consideração pertinente concerne ao fato de que, junto ao referencial teórico explicitado ao longo de todo o trabalho, utilizam-se exemplos extraídos de textos originais produzidos com propósitos distintos e oriundos de diferentes gêneros textuais; sua função, neste estudo, é a de apenas ilustrar aspectos teóricos referentes à explanação de conceitos imprescindíveis para a pesquisa. Em outras palavras, os textos que ilustram os aspectos teóricos referentes aos capítulos 3 e 4 são procedentes de gêneros textuais distintos, não constituindo o *corpus* de análise da pesquisa, mas colocados somente para se verificar a pertinência dos estudos sistêmicos quando associados à análise lingüística de qualquer tipo de texto.

Por fim, é importante reiterar que a proposta desta pesquisa é contribuir para a reflexão sobre preceitos da GSF em textos de língua portuguesa, centrando o estudo na discussão sobre constructos teóricos sistêmicos, de modo a se verificarem sua pertinência e

seu refinamento quando pensados na descrição especificamente do português. Não é da alçada do presente estudo, portanto, analisar questões referentes ao discurso, visto que a teoria sistêmica aqui não está sendo usada como instrumento de análise, mas sim no seu caráter metalingüístico como forma de reflexão e aprimoramento da teoria.

2 O FUNCIONALISMO DE M. A. K. HALLIDAY

2.1 INTRODUÇÃO

A teoria utilizada para sedimentar este trabalho se inclui nos chamados estudos funcionalistas, que vêem a língua como instrumento de interação social, sendo a principal função da linguagem a de mediar a comunicação entre os interlocutores. A competência comunicativa do falante/escritor, por sua vez, refere-se à habilidade de este construir e interpretar expressões lingüísticas, além de usá-las de maneira adequada, segundo os preceitos da comunidade lingüística em que está inserido. Dessa forma, os funcionalistas acreditam numa concepção de linguagem com caráter funcional e dinâmico, estabelecendo relações indissociáveis entre forma e significado no contexto total do discurso.

Neste quadro, faz-se um recorte nos estudos funcionalistas da contemporaneidade, discorrendo-se sobre a Gramática Sistemico-Funcional proposta por M. A. K. Halliday, teoria social da linguagem que sedimenta todo o trabalho aqui desenvolvido. Esta teoria é vista com base em seus aspectos social, funcional, sistemico e semiótico, sendo explicitados seus níveis lingüísticos e extralingüísticos de análise, para, a seguir, ser realizada uma correlação entre estes.

2.2 A GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Segundo Maria Helena de Moura Neves (2001: 1):

Caracterizar o *funcionalismo* é uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam. Prideaux (1994) afirma que provavelmente existem tantas versões do funcionalismo quanto lingüistas que se chamam *funcionalistas*, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitam o formalismo até os que criam uma teoria. **A verdade é que, dentro do que vem sendo denominado – ou autodenominado – “funcionalismo”, existem modelos muito diferentes.** [grifo do pesquisador].

Os funcionalistas lidam com a idéia de que a língua é um instrumento de interação social, cabendo ao lingüista averiguar de que forma os falantes/escritores a utilizam para estabelecerem comunicação. A estrutura lingüística, ou seja, a forma, é motivada pela função, isto é, a língua não é autônoma, mas instrumento de comunicação da experiência humana e, portanto, está relacionada ao evento comunicativo. Cabe aos funcionalistas, então, associarem a forma à função, considerando os interlocutores no processo de comunicação, o propósito da comunicação e o contexto extralingüístico da interação social. Assim, a função da língua em interação social motiva a forma para melhor comunicar, dependendo do objetivo da comunicação, dos interlocutores e da adequação à situação de uso.

O desenvolvimento da teoria funcionalista da linguagem, quanto à representatividade e consolidação dos seus estudos, está relacionado às concepções do grupo de estudiosos pertencentes ao que se designou Escola Lingüística de Praga, cujos trabalhos remetem a antes da década de 30 do século passado. A língua é vista como um sistema funcional, com um componente sistêmico e outro funcional, sendo a frase estudada como uma unidade comunicativa, portanto veiculando informação e se referindo a um evento de fala; esta deve, então, ser analisada no seu contexto de uso, importando tanto seu aspectos lingüísticos (níveis fonológico, morfológico e sintático) como os aspectos extralingüísticos, pois é um enunciado emitido por um locutor a algum(uns) interlocutor(es) em determinado contexto de comunicação.

Interessa ao pesquisador enfatizar o modelo funcionalista de Halliday, que propõe uma alternativa ao modelo formalista, a partir de uma análise funcionalista da estrutura lingüística que concebe a relevância dos componentes semântico e pragmático.

A *Gramática Sistêmico-Funcional*, fundada por M. A. K. Halliday na década de 1960, é uma teoria *social e funcional* da linguagem que vê a língua, numa perspectiva *sistêmica*, como recurso para *construir significado* no discurso. A origem desta teoria é oriunda dos estudos do lingüista britânico J. R. Firth, professor de Halliday, que atribuía ao significado papel preponderante como parte do processo social, sendo a linguagem vista como um evento social.

Como teoria *social*, a GSF se preocupa com a interação entre os interactantes – falante/escritor e ouvinte/leitor –, no processo, para estabelecer comunicação; a língua constitui-se, então, como parte do sistema social. Dessa forma, a língua é um recurso social que possibilita aos interlocutores significar em interação; visto ser o homem um ser social, imprescindível, portanto, torna-se olhar também para o meio em que este está inserido. Em

outras palavras, a GSF possibilita ver como os falantes constroem significados enquanto seres posicionados em seus mundos sociais.

A GSF não se caracteriza como um conjunto de regras pré-determinadas com o intuito de prescrição, mas aborda as tendências da linguagem e das opções disponíveis no sistema lingüístico para a construção do significado. O termo *sistêmico* provém de “sistema” conforme empregado por Firth (1957) como representação teórica das relações paradigmáticas, o que contrasta com “estrutura”, referente às relações sintagmáticas. A GSF, desse modo, prioriza o nível paradigmático, ao focalizar as escolhas do falante/escritor no sistema em relação ao que este pretende dizer, em vez do nível sintagmático, que realiza o primeiro. O foco, então, está na relação entre o que o falante/escritor escolhe dizer e as escolhas de que dispõe no sistema, sendo o significado obtido das opções feitas, ou seja, daquilo que foi dito em detrimento de tantas outras possibilidades existentes. Segundo Halliday (2004:23), “a language is a resource for making meaning, and meaning resides in systemic patterns of choice”². Ainda conforme Halliday (2004:10):

The perspective moves away from structure to consideration of grammar as system, enabling us to show the grammar as a meaning-making resource and to describe grammatical categories by reference to what they mean. This perspective is essential if the analysis of grammar is to be an insightful mode of entry to the study of discourse (...) ³

² O excerto pode ser traduzido livremente como segue: “uma língua é um recurso de construir significado, e o significado reside em padrões sistêmicos de escolha”.

³ Uma tradução livre da passagem é a seguinte: “A perspectiva [do estudo] afasta-se da estrutura para considerar a gramática como sistema, recurso de fazer significar; pretendemos descrever as categorias gramaticais, por referência ao que elas significam. Esta perspectiva é essencial, se a análise da gramática for considerada um modo de ingresso para o estudo do discurso (...)”.

Gramática, portanto, nesta perspectiva, é o modo como a língua se estrutura, é organizada para construir significado no discurso, já que a teoria não se preocupa em estudar sentenças isoladas, descontextualizadas, mas textos, que representam escolhas lingüísticas a partir do leque de opções que o sistema fornece. A gramática funcional hallidayana, denominada sistêmico-funcional, tem base no modelo funcionalista de Jonh Rupert Firth, tendo recebido influências também de Malinowski, Whorf e da Escola de Praga.

O texto, para Halliday, é uma unidade de sentido, o produto da comunicação, por isso faz-se imprescindível ao lingüista averiguar como se constrói o sentido textual. Segundo Halliday (1978: 122),

The text is the linguistic form of social interaction. It is a continuous progression of meanings, combining both simultaneously and in succession. The meanings are the selections made by the speaker from the options that constitute the meaning potential; text is the actualisation of this meaning potential, the process of semantic choice.⁴

Assim, a língua é vista como um sistema semântico (com significados codificados pela gramática em itens lexicais e gramaticais), ao produzir significados frente aos enunciados proferidos. A gramática funcional hallidayana refere-se, pois, a uma teoria lingüística com base em um componente significativo (caráter funcional) que visa à interpretação das formas lingüísticas (caráter gramatical); o importante é averiguar de que

⁴ A passagem pode ser traduzida livremente como segue: “O texto é a forma lingüística de interação social. É uma progressão contínua de significados, reunindo simultaneidade e sucessão. Os significados são as seleções feitas pelo falante [ou escritor] a partir das opções que constituem o potencial de significados; o texto é a realização deste potencial de significados, o processo de escolha semântica”.

forma os significados são veiculados, o que implica considerar as formas da língua como um meio para a realização de um propósito e não como fim em si mesmas.

Para os lingüistas sistêmico-funcionais, a linguagem é *semiótica*, sendo caracterizada como um sistema de signos que determina seus significados das oposições no sistema lingüístico. Assim, o mundo da linguagem não é considerado uma realidade pré-determinada, sendo essenciais as escolhas realizadas pelo falante/escritor para construir sentido no discurso, face à oposição com as demais possibilidades disponíveis no sistema. Nesta perspectiva, denomina-se Instanciação à relação do texto com o sistema, isto é, a relação entre o potencial sistêmico da linguagem como um todo e o texto; assim, o texto (instância) e o sistema (potencial) são o mesmo fenômeno visto de diferentes ângulos, e a instanciação, portanto, é o contínuo de um a outro.

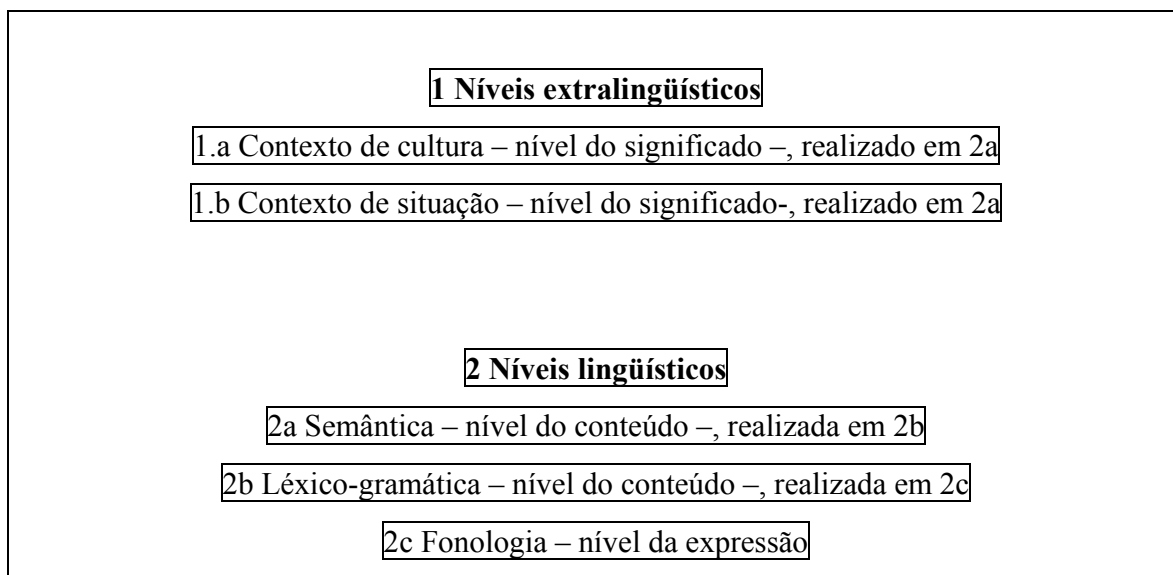
Em outras palavras, em GSF, a linguagem é descrita como um potencial de significados, representado como um sistema de opções, isto é, um texto deriva o seu significado do potencial de escolhas no sistema; para tanto, a realidade é construída por meio de escolhas selecionadas nas oposições codificadas na própria linguagem, inserida no social, como confirma Halliday (2004), ao afirmar que uma língua é um recurso para construir significado, significado este que reside em padrões sistêmicos de escolha.

A GSF, sendo uma teoria *funcional* da linguagem, está centrada no uso que o falante/escritor pode fazer da língua. Há a preocupação no estudo da organização interna do sistema lingüístico com base funcional, ou seja, cada elemento sendo explicado a partir de sua função, possibilitando a visão da língua organizada para o uso. Em síntese, a língua é considerada funcional no modo como é usada e estruturada para o uso. De cunho funcional e semântico, a GSF tem como objeto de análise o texto em vez da sentença isolada, sendo central, nesta perspectiva, o uso em vez da gramaticalidade.

2.2.1 A ESTRATIFICAÇÃO

Halliday (1985, p. 10) afirma que o “significado é um produto da relação entre o sistema e o seu meio”. Assim, a GSF cria um sistema com estratos ou níveis mediando essa relação entre sistema (língua) e meio (contexto) onde o texto está inserido. A organização semiótica nesse sistema estratificado é realizada por quatro estratos na seguinte ordem (do mais alto ao mais baixo): (a) o extralingüístico é o (1) contexto, subdividido em (1.a) contexto de cultura e (1.b) contexto de situação; (b) os lingüísticos, na ordem hierárquica, são os seguintes: (2) semântica, (3) léxico-gramática e (4) fonologia. É importante ressaltar que as categorias de estrato mais baixo realizam as de estrato mais alto, como pode ser verificado a seguir:

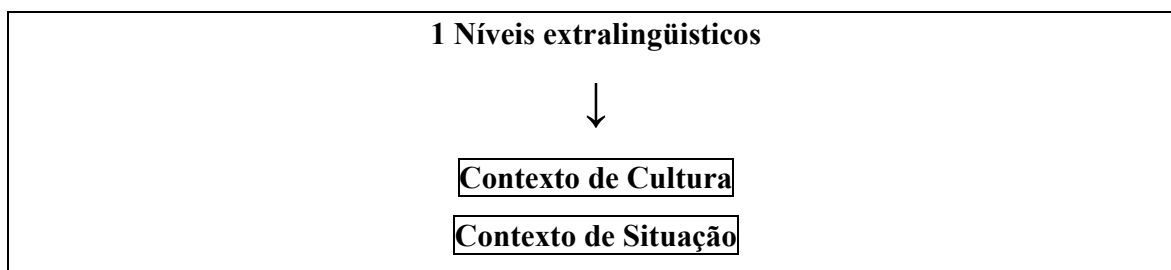
Organização semiótica num sistema estratificado



2.2.1.1 OS NÍVEIS EXTRALINGÜÍSTICOS

O contexto, sistema semiótico, é representado por uma camada externa – o contexto de cultura – e uma camada interna – o contexto de situação. O primeiro inclui “sets of beliefs, social practices, values, social relations and other cultural aspects that may influence how we make meanings” (McAndrew & McAndrew: 2002, p. 120)⁵. O segundo, por sua vez, descreve a situação particular relevante para qualquer texto dado, atentando para estudar a situação em que as palavras são ditas, pois, nesta, elas adquirem seu significado; há a preocupação em se ater no que está sendo dito, em quem está dizendo algo e para quem isso é dito (ouvinte/leitor). A representação destes níveis está sistematizada abaixo:

Quadro da representação dos níveis extralingüísticos



Como o contexto de situação é o estrato que fica em contato com a organização do sistema lingüístico, há uma relação de compreensão entre ambos, realizada por meio das três variáveis situacionais⁶ referentes ao contexto de situação: campo (assunto), relações (participantes da interação) e modo (papel que a linguagem desempenha na interação). Tais

⁵ Uma tradução livre da passagem é a seguinte: “conjuntos de crenças, práticas sociais, valores, relações sociais e outros aspectos culturais que podem influenciar o modo como nós construímos significados”.

⁶ As traduções de ‘campo’ (referente a ‘field’), ‘relações’ (concernente a ‘tenor’) e ‘modo’ (relativo a ‘mode’) são baseadas na lista de termos técnicos da teoria traduzidos para o português pelo grupo de discussão de gramática sistêmico-funcional.

variáveis influenciam o modo como a linguagem é usada, possibilitando interpretar os significados que o texto realiza.

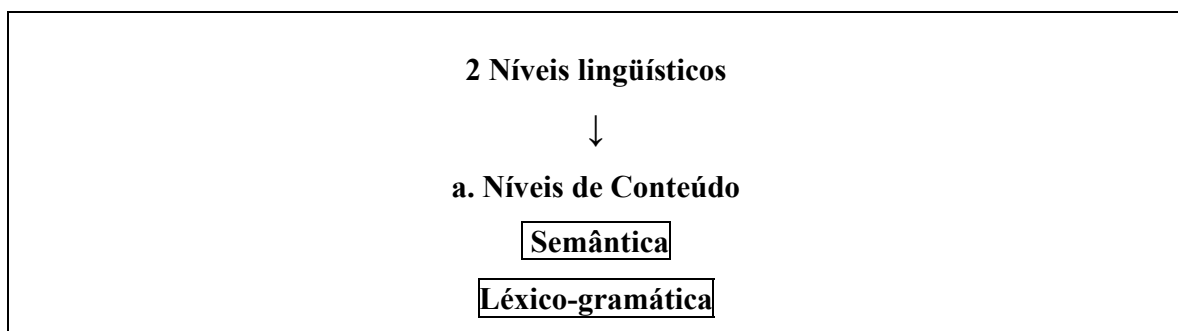
Abaixo do contexto, encontra-se a linguagem, que o realiza, codificando-o; ambos os sistemas são funcionalmente diversificados e mantêm entre si uma relação de interdependência; em outros termos, é fundamental que o sistema lingüístico seja discutido em termos da cultura na qual ele está inserido.

2.2.1.2 OS NÍVEIS LINGÜÍSTICOS

A linguagem é um sistema semiótico estratificado cujas escolhas lingüísticas realizam os significados. Ela se subdivide em três estratos: a semântica, a léxico-gramática e a fonologia. O nível mais alto da linguagem – a semântica – é realizado pela léxico-gramática (combinação da sintaxe com o léxico), que organiza os termos e sintagmas no sistema da língua, a fim de que possam significar para que a comunicação se efetive. Este nível é realizado pelo nível mais abaixo na estratificação, a fonologia.

A representação dos níveis lingüísticos pode ser verificada a seguir:

Quadro representativo dos níveis lingüísticos



b Nível de Expressão**Fonologia**

O estrato da léxico-gramática (também denominado ‘gramática’) é o meio de expressar experiência humana, estando dividido em três Metafunções: (a) Ideacional; (b) Interpessoal; e (c) Textual. Halliday (2004: 21) afirma o que segue:

When we come to analyse the grammar, we find that the structure of each unit is an **organic configuration** so that each part has a distinctive function with respect to the whole (...) Grammar is the central processing unit of language, the powerhouse where meanings are created; it is natural that the systems of sound and of writing through which these meanings are expressed should reflect the structural arrangement of the grammar.⁷

Halliday, em seu modelo funcionalista, apresenta três funções da linguagem, denominadas Metafunções (termo metalingüístico), que codificam tipos de significados diversos :

(a) *Ideacional*: a linguagem serve para expressar o conteúdo do pensamento, de modo que falante e ouvinte sistematizem na língua suas experiências do mundo psíquico e

⁷ O excerto pode ter a seguinte tradução: “Quando nós analisamos a gramática, nós achamos que a estrutura de cada unidade é uma **configuração orgânica**, sendo que cada parte tem uma função distinta em relação ao todo (...) A gramática é a unidade de processamento central da língua, a principal fonte de energia onde os significados são criados; é natural que os sistemas de som e de escrita por meio dos quais tais significados são expressos devessem refletir a organização estrutural da gramática”.

físico, ou seja, organizem o mundo à sua volta por meio de uma estrutura dotada de sentido, para que se possa entender o ambiente;

(b) *Interpessoal*: a linguagem serve para promover interação social, havendo o estabelecimento e a manutenção dos papéis sociais desempenhados pelos interreactantes no evento comunicativo, a fim de que se possa agir sobre o outro, influenciá-lo; e

(c) *Textual* (relacionada à organização do texto como forma de comunicação): sistematiza os significados ideacionais e interpessoais, de modo que as unidades lingüísticas estejam imbricadas no contexto lingüístico e relacionadas ao contexto extralingüístico.

A Metafunção Ideacional diz respeito ao domínio que possibilita ao indivíduo falar sobre suas experiências, ao construir uma figura mental da realidade circundante para significar o que acontece ao seu redor – mundo físico – e no seu interior – mundo psíquico. Para tal, é usado o sistema de transitividade, que descreve esses significados experienciais; assim, os verbos são considerados Processos, os elementos relacionados aos processos são os Participantes, e há as Circunstâncias envolvidas.

Os tipos de Processo e os Participantes nucleares envolvidos em cada tipo são sintetizados no quadro a seguir, traduzido do original de Martin et al. (1997: 103):

Quadro relacional dos tipos de Processo e respectivos Participantes

Tipos de Processo	Participantes nucleares	Exemplos (participantes em negrito)
Material	Ator, Meta	Ela fez o café .
Mental	Experienciador, Fenômeno	Ela viu o carro .
Relacional (Tipo atributivo)	Portador, Atributo	Maggie estava errada .
Relacional (Tipo identificativo)	<i>Token</i> , Valor	Maggie era nossa líder .
Comportamental	Comportante	Ela riu.
Verbal	Dizente	Ela respondeu.
Existencial	Existente	Havia uma bonita princesa .

Quanto à Metafunção Interpessoal, esta revela como os falantes interagem com a linguagem, ou seja, de que modo eles a usam para expressar significados interpessoais; assim, a gramática, além de construir experiência (foco da Metafunção Ideacional) também representa relações pessoais e sociais. Para descrever significados interpessoais por meio da linguagem, a GSF emprega o sistema de Modo (Sujeito, Finito, Predicador, além da escolha das formas declarativa, interrogativa, imperativa); para descrever aqueles que interagem, a GSF usa a modalidade, em termos de modalização e modulação.

No processo de comunicação, os interactantes atuam por meio da língua, alternando os papéis de falante/escritor e ouvinte/leitor; isso possibilita vislumbrar como a função interpessoal atua na produção dos enunciados e na organização do sentido do discurso. O indivíduo na condição de locutor seleciona um enunciado declarativo, interrogativo ou imperativo; por meio do modo, se coloca como participante no evento comunicativo, informando ao interlocutor sua intenção comunicativa – informar, perguntar, pedir, ordenar, etc. –, posicionando-se, assim, frente a seu interlocutor e à própria situação comunicativa.

O seguinte quadro resume a relação de interação, intercâmbio entre os participantes por meio da Metafunção Interpessoal:

Quadro-resumo da relação entre participantes na Metafunção Interpessoal

O que é trocado → Papéis na troca ↓	Bens & Serviços	Informação
Dar	Oferta (Interrogativa modulada) Gostaria que eu lhe entregasse o livro?	Afirmação (Declarativa) Aqui está o livro.
Pedir	Ordem (Imperativa) Alcance-me o livro.	Pergunta (Interrogativa) Onde está o livro?

A terceira Metafunção, a Textual, é revelada também pela gramática, caracterizando-se como um outro modo de significar que está relacionado à construção do texto, construindo seqüências de discurso, organizando o fluxo discursivo e criando coesão e continuidade no modo como o texto se move. Este domínio textual é descrito em termos de dois sistemas: (a) Estrutura Temática: combinação de Tema e Rema, nessa ordem; e (b) Estrutura de Informação: combinação entre Informação Dada e Informação Nova.

Sobre a importância da Metafunção Textual na constituição do texto, Eggins (1996: 306), afirma o seguinte:

Recognition of this hierarchy of textual organization underlines the systemic claim that the textual is the enabling metafunction: without structures such as Theme, there could be no text. The essential contribution made by textual meanings is to actualize a range of different textual structures which operate at all levels of the text, and whose function is to enable the experiential and interpersonal meanings we have

chosen to make to be realized in a cohesive and coherent text⁸.

A linguagem, então, é multifuncional, isto é, por meio do sistema de Transitividade (próprio da Metafunção Ideacional), a gramática interpreta a experiência; os sistemas de Modo e modalidade (próprios da Metafunção Interpessoal) são responsáveis por a gramática representar relações humanas e sociais; a Metafunção Textual, com seu sistema Temático, finalmente, estabelece a relação entre as Metafunções anteriores ao organizar o discurso, engendrando o texto. A junção das três Metafunções, assim como seus respectivos sistemas, contemplam o sistema lingüístico para a análise do texto como unidade de sentido.

Resumindo, então, a inter-relação existente entre as três metafunções, na prática, ocorre da seguinte forma:

(1) o falante/escritor, ao produzir um enunciado, acessa a função ideacional da linguagem, pela qual a realidade é estruturada na língua;

(2) a oração (menor unidade de análise lingüística, pertencente ao nível léxico-gramatical), que é parte deste enunciado, é o meio pelo qual se processam as relações sintático-semânticas que possibilitam a representação da realidade;

(3) a comunicação entre os interactantes se estabelece por meio de enunciados relacionados entre si, logo o falante/escritor acessa a função interpessoal, que lhe permite

⁸ A passagem pode ser traduzida como segue: “O reconhecimento desta hierarquia da organização textual sublinha a afirmação sistêmica de que a Metafunção Textual é a capacitadora: sem estruturas tais como o Tema não poderia haver texto. A contribuição essencial feita pelos significados textuais é realizar uma cadeia de diferentes estruturas textuais que operam em todos os níveis do texto, e cuja função é realizar os significados experienciais e interpessoais que nós escolhemos em um texto coesivo e coerente”-

influenciar seu destinatário, agindo sobre este, de modo que a estrutura sintático-semântica da oração se adaptará à sua perspectiva da realidade.

2.2.1.3 A RELAÇÃO ENTRE O EXTRALINGÜÍSTICO E O LINGÜÍSTICO

Há uma correlação sistemática entre o contexto de situação e a organização funcional do sistema semântico. Desse modo, cada metafunção se correlaciona a uma variável situacional particular:

(a) o *campo* é realizado por significados ideacionais, expressos pelo sistema de transitividade;

(b) *as relações* são realizadas por participantes na interação, expressos pelos sistemas de Modo e modalidade; e

(c) o *modo*, por significados textuais, expressos pelo Tema e pela coesão, entre outros.

Assim, por meio dessa relação de realização “texto (lingüístico) – contexto (extralingüístico)”, é possível, a partir do texto, se prever o contexto (ou seja, o contexto sendo criado pela linguagem) ou, ainda, prever o tipo de linguagem que pode ser usada em determinada situação (isto é, o contexto criando linguagem).

O quadro a seguir sintetiza as correlações entre o lingüístico e o extralingüístico:

FATORES QUE INTERFEREM NA REALIZAÇÃO DE UM TEXTO

EXTRALINGÜÍSTICO	LINGÜÍSTICO	LINGÜÍSTICO
-----	-----	-----
CONTEXTO DE SITUAÇÃO	SEMÂNTICA	LÉXICO-GRAMÁTICA
↓	↓	↓
Campo (assunto)	Metafunção Experiencial Significado Experiencial: construir modelo de experiência; representar a realidade (falante/escritor é observador)	<u>oração como representação</u> Sistema de Transitividade: Participante(s), Processo, Circunstância(s)
Relações (participantes)	Metafunção Interpessoal Significado Interpessoal: estabelecer relações sociais (falante/escritor como participante)	<u>oração como troca</u> Sistema de Modo: (Sujeito + Finito) + Resíduo Modalidade
Modo (como os significados estão sendo trocados)	Metafunção Textual Significado Textual: criar relevância para o contexto; codificar significados de desenvolvimento textual (falante/escritor como elaborador do texto)	<u>oração como mensagem</u> Estrutura Temática: Tema + Rema

2.3 RESUMO

A gramática funcional, que sistematiza as línguas naturais, deve se preocupar com a análise lingüística e com a análise da situação comunicativa; esta se refere aos interlocutores no processo comunicativo, ao propósito do evento de fala e ao contexto em que se processa a comunicação. Compete à gramática funcional, assim, estabelecer conexões concernentes à forma, ao significado e ao contexto em que a comunicação ocorre, ou seja, estabelecer um vínculo entre os níveis sintático, semântico e pragmático. Para Halliday (1994, p. xviii), uma análise do discurso que não é baseada na gramática não é uma análise, mas simplesmente comentários num texto.

A abordagem da teoria hallidayana enfatiza a natureza social da linguagem e o papel que esta desempenha na vida dos indivíduos: a língua é usada para fins de comunicação, com o intuito de que seus usuários, por meio de sua competência comunicativa, atinjam seus propósitos de interação social. Dessa forma, a gramática funcional hallidayana, além de se deter na análise da estrutura gramatical, preocupa-se, também, com o evento de fala, com os participantes e com o contexto discursivo.

Na perspectiva funcionalista de Halliday, são propostas três metafunções complementares da linguagem, que ocorrem simultaneamente em diferentes níveis, materializadas na oração, sendo que as duas primeiras orientam para fenômenos extralingüísticos e a última os organiza lingüisticamente no texto. As Metafunções são as seguintes – (a) Metafunção Ideacional: a linguagem, ao expressar um conteúdo, requer que falante/escritor e ouvinte/leitor organizem e incorporem, na língua, suas experiências do mundo real; (b) Metafunção Interpessoal: a linguagem é utilizada pelo falante/escritor para

interagir em um evento de fala; (c) Metafunção Textual: a linguagem contextualiza as unidades lingüísticas, sendo esta função instrumental para as anteriores, pois remete à forma de criação do texto pelo falante/escritor.

3 O TEMA FUNCIONAL HALLIDAYANO

3.1. INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como propósito estabelecer a acepção de Tema⁹ a ser adotada na presente pesquisa, utilizando-se, para tanto, de referenciais da Gramática Sistemática Funcional e de estudos de Peter H. Fries sobre Tematização. O capítulo é estruturado de forma a privilegiar os aspectos a seguir, imprescindíveis em um trabalho de investigação científica que se propõe a estudar a relevância do Tema para a constituição do texto:

(a) definição e identificação do Tema a partir de suas implicações para a organização da oração como mensagem;

(b) classificação do Tema, enfatizando-se suas funções textual, interpessoal e ideacional, que apresentam significados distintos;

(c) estabelecimento de critérios de marcação temática, segundo o sistema de modo oracional; e

(d) mapeamento do Tema em complexos oracionais e em situações peculiares de produção textual.

O capítulo está organizado em treze seções, apresentadas de forma sistemática; todos os itens estão inter-relacionados, tendo sido estruturados de modo a contemplar os pontos mais significativos sobre Tematização. Cada seção, por sua vez, é ilustrada com exemplos vários, oriundos de textos de gêneros diversos e de fontes distintas. A

⁹ Todas as funções hallidayanas são, por convenção, grafadas com inicial maiúscula, sendo termos metalinguísticos.

importância deste capítulo é crucial para o trabalho, visto que o Tema Ideacional é aquele que apresenta *conteúdo experiencial*, o que vai ser significativo para a caracterização do *método de desenvolvimento textual*, com base no mapeamento dos Temas oracionais ao longo das orações, ou seja, a *Progressão Temática* do texto. Todos estes conceitos serão devidamente discutidos no próximo capítulo.

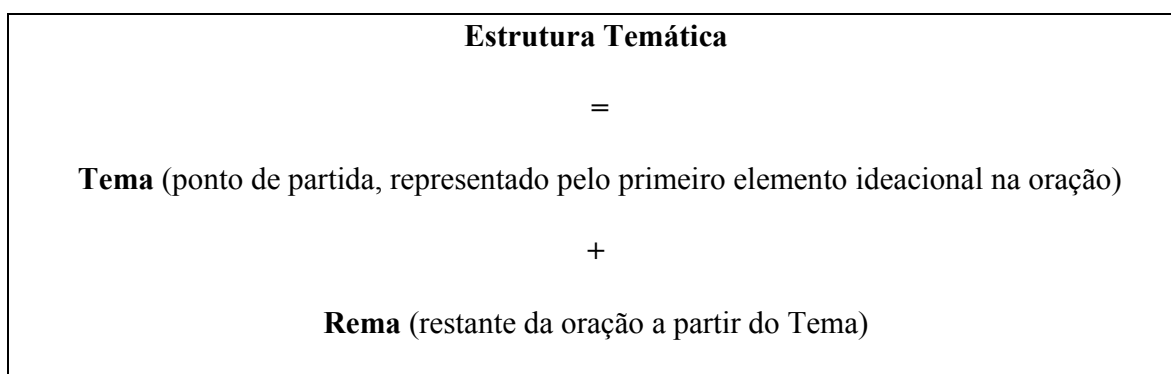
3.2 A ESTRUTURA TEMÁTICA

Inicia-se a discussão situando-se o Tema como uma das funções da Metafunção Textual. Por meio da Metafunção Textual da linguagem, o indivíduo estrutura seus significados experienciais e interpessoais de forma linear e coerente. Para o falante/escritor organizar um texto num todo coerente, há a necessidade de manter seu ouvinte/leitor ciente do caminho a ser percorrido. Isso é possível por meio do uso pelo locutor de recursos lingüísticos que sinalizam significados textuais: o caminho a percorrer do ponto de partida de uma oração, complexo oracional, parágrafo ou texto, até o final deste(a), informando ao ouvinte/leitor sua intenção comunicativa. Esta organização da mensagem é realizada por meio de dois sistemas distintos e complementares – Estrutura Temática, com as respectivas funções de Tema e Rema; e Estrutura de Informação, com as funções de Informação Dada e Informação Nova.

A Estrutura Temática opera no nível da oração, dando a esta seu caráter de mensagem: uma parte dela, que possui estatuto especial, o Tema, se une ao restante da oração – o Rema –, parte para onde a oração se move depois do ponto de partida. Dessa forma, a Estrutura Temática é formada por Tema seguido de Rema, necessariamente nessa

seqüência. Assim, conforme Halliday (1994:67), “the Theme provides the environment for the remainder of the message, the Rheme¹⁰”, visto que, ainda segundo o autor (1994:67), “in the Theme-Rheme structure, it is the Theme that is the prominent element¹¹”. A Estrutura Temática da oração se configura da seguinte forma:

Configuração da Estrutura Temática



Halliday (2004:64) afirma sobre a organização temática de uma oração o que segue:

In English, as in many other languages [in Portuguese, for instance], the clause is organized as a message by having a special status assigned to one part of it. One element in the clause is enunciated as the theme; this then combines with the remainder so that the two parts together constitute a message.¹²

¹⁰ Uma tradução livre da passagem é a seguinte: “o Tema fornece o meio para o restante da mensagem, o Rema”.

¹¹ O excerto pode ser traduzido livremente da forma a seguir: “na estrutura Tema-Rema, é o Tema que é considerado o elemento proeminente”.

¹² A passagem é traduzida livremente assim: “Em inglês, como em muitas outras línguas [em português, por exemplo], a oração é organizada como uma mensagem ao ter um status especial atribuído a uma parte dela. Um elemento na oração é enunciado como o Tema; este, então, se combina com o restante para que as duas partes, juntas, constituam a mensagem”.

Um exemplo disso pode ser verificado na seguinte oração:

As questões do multiculturalismo e da diferença (Tema) tornaram-se, nos últimos anos, centrais na teoria educacional crítica e até mesmo nas pedagogias oficiais (Rema)¹³.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 73.

3.3 DEFINIÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO TEMA IDEACIONAL¹⁴: HALLIDAY E FRIES

O conceito hallidayano de Tema, porque funcional, abrange dois estratos de análise lingüística – o semântico e o léxico-gramatical. O primeiro está relacionado à definição de Tema, sua função, ao se referir aos tipos de significado que o Tema constrói, ao considerá-lo como “element which serves as the point of departure of the message; it is that with which the clause is concerned”¹⁵ (Halliday: 1985, p. 38), ou, ainda, “the starting-point for the message; it is what the clause is going to be about”¹⁶ (Halliday: 1985, p. 39). O Tema, portanto, é o ponto de partida da oração, a parte com a qual o restante da oração – o Rema – está relacionada. Segundo Halliday (2004:58):

¹³ A partir daqui, todos os exemplos que envolverem Estrutura Temática serão demarcados do mesmo modo – **Temas (T) serão identificados em negrito**, e **Remas (R) serão sublinhados**.

¹⁴ O Tema Ideacional equivale, na nomenclatura de Halliday, ao Tema Tópico. Preferiu-se não seguir a designação hallidayana de Tema Tópico para evitar ambigüidade com a idéia de assunto.

¹⁵ O fragmento pode ser traduzido livremente como “[o Tema] é o elemento que serve como o ponto de partida da mensagem; é sobre o que a oração diz respeito”.

¹⁶ A tradução livre da citação é a seguinte: “[o Tema] é o ponto inicial para a mensagem; é sobre o que a mensagem vai ser”.

The Theme functions in the structure of the clause as a message. A clause has meaning as a message, a quantum of information; the Theme is the point of departure for the message. It is the element the speaker [or writer] selects for ‘grounding’ what he is going on to say.¹⁷

O segundo está relacionado à identificação do Tema, isto é, ao modo como este é realizado na oração, à forma como é representado na materialidade lingüística do texto. Dessa perspectiva, é imprescindível a seqüência, a ordem dos termos para a expressão do Tema. Caso se adote seu significado textual como critério de identificação, entretanto, o Tema não pode ser caracterizado sempre como um constituinte oracional necessariamente expresso, mas como uma função que pode ou não ser realizada lingüisticamente em português por um constituinte expresso (Bárbara & Gouveia: 2001; Gouveia & Bárbara: 2001). Nas palavras de Gouveia & Bárbara (2002), “Theme is that which is the concern of the message, that which the speaker [or writer] has in mind to start with, when embarking on the production of the clause, even if it doesn’t correspond to any morphological realization”¹⁸.

Um exemplo de Tema não realizado lingüisticamente em português, mas representado por uma anáfora zero, pode ser verificado no texto¹⁹ a seguir, retirado de um folheto explicativo de divulgação sobre um dos pontos turísticos da cidade do Porto – Portugal –, a Torre dos Clérigos:

¹⁷ O excerto pode ter a seguinte tradução livre: “O Tema funciona na estrutura da oração vista como mensagem. Uma oração tem significado como uma mensagem, uma porção de informação; o Tema é o ponto de partida para a mensagem. É o elemento que o falante [ou escritor] seleciona para ‘embasar’ sobre o que vai continuar a ser dito”.

¹⁸ A tradução livre da citação é a que segue: “Tema é aquilo que é de interesse da mensagem; o que o falante [ou escritor] tem em mente ao iniciar, quando começa a produção da oração, mesmo se ele [o Tema] não corresponde a nenhuma realização morfológica”.

¹⁹ O texto está escrito em português europeu.

TORRE DOS CLÉRIGOS (MONUMENTO NACIONAL)

D- 14122

[A Torre dos Clérigos]²⁰ É a torre mais alta de Portugal, com 6 andares e 225 degraus. [A Torre dos Clérigos] Mede 76 metros de altura. [A Torre dos Clérigos] Foi começada em 1754 e [a Torre dos Clérigos] [foi] concluída em 1763 sob a direcção do arquitecto italiano Nicolau Nasoni.

Nota-se que o texto está constituído por quatro orações, explicitadas a seguir quanto às suas Estruturas Temáticas; em todas elas, o Tema está elíptico, subentendido, pois relacionado diretamente ao título do panfleto – Torre dos Clérigos (monumento nacional). Em todas as orações, o Tema Ideacional coincide com o Sujeito de cada oração, sendo caracterizado, nesse caso, como o assunto de cada uma e, como decorrência, o assunto do texto.

Divisão das orações do texto:

1ª oração – **[A Torre dos Clérigos] (T1)** É a torre mais alta de Portugal, com 6 andares e 225 degraus (Rema1).

2ª oração – **[A Torre dos Clérigos] (T2)** Mede 76 metros de altura (Rema2);

3ª oração – **[A Torre dos Clérigos] (T3)** foi começada em 1754 (Rema3)

4ª oração – e²¹ **[A Torre dos Clérigos] (T4)** [foi] concluída em 1763 sob a direcção do arquitecto italiano Nicolau Nasoni (Rema4).

²⁰ Os colchetes são usados, por convenção, para indicar o termo elíptico.

²¹ O Conetivo “e” também é Tema, só que Tema Textual, explicado em detalhes na seção relativa ao Tema Múltiplo.

Quando o Tema está expresso, o grupo que o representa é o primeiro elemento ideacional na oração, isto é, o constituinte que exerce também função no sistema de transitividade, ao desempenhar um dos seguintes significados experienciais – (a) Participante; (b) Circunstância; ou (c) Processo. Estes serão detalhados a seguir:

(a) Participante – Sujeito ou Complemento no sistema de modo. Quando Sujeito, pode estar explícito lingüisticamente ou não, sendo sinalizado, então, por uma anáfora zero (elipse), que indica sua recuperação no contexto lingüístico antecedente, conforme ilustrado a seguir:

A pesquisa mostra a realidade que [nós] vivemos nas escolas públicas. [Eu] Sou pedagoga e [eu] gosto do que [eu] faço, mas nossa categoria não recebe um salário digno nem [a nossa categoria] é valorizada.

Lúcia Aparecida Antunes Lopes, Belo Horizonte, MG, via site

(Fonte: Revista Nova Escola, ano XXII, nº 208, dez 2007 – Seção Caixa postal: e-mails, cartas etc., p. 8)

Divisão das orações:

1ª oração²²: **A pesquisa (T1) mostra a realidade que [nós] vivemos nas escolas públicas (R1)**

2ª oração: **[Eu] (T2) Sou pedagoga (R2)**

3ª oração: **e [eu] (T3) gosto (R3)**

4ª oração: **do que (T4) [eu] faço (R4)**

²² Deve-se salientar que, conforme a Gramática Tradicional, visto o critério de divisão das orações de um período ser estritamente sintático, haveria, aqui, duas orações – a primeira (A pesquisa mostra a realidade) seria considerada principal; a segunda (que [nós] vivemos nas escolas) seria classificada como subordinada adjetiva restritiva. A abordagem sistêmica adotada neste trabalho, porém, considera o nível léxico-gramatical como realização do estrato semântico, logo há uma única oração (A pesquisa mostra a realidade que [nós] vivemos nas escolas), já que a estrutura “que [nós] vivemos nas escolas” é rebaixada do nível de oração e enquadrada como parte do grupo nominal, pois modifica o sentido do grupo “a realidade”. A explicação detalhada sobre orações encaixadas – rebaixamento de orações – pode ser acompanhada na seção referente a isso: páginas 106 e 107.

5ª oração: **mas nossa categoria (T5) não recebe um salário digno (R5)**

6ª oração: **nem [a nossa categoria] (T6) é valorizada (R6)**

Nota-se que, nas orações 2, 3, 5 e 6, os Temas confluem com a função de Sujeito, sendo expressos lingüisticamente (orações 1 e 5) ou não (orações 2, 3 e 6). Nos casos em que Tema e Sujeito se relacionam, o Tema também é identificado como assunto da oração, isto é, sobre o que esta retrata. Na oração 4, por outro lado, o Tema é Complemento. Cabe salientar que, nas orações 3, 5 e 6, aparecem os conetivos “e”, “mas” e “nem”, respectivamente; estes são considerados Temas Textuais, explicados minuciosamente na seção relativa ao Tema Múltiplo.

(b) Circunstância – Adjunto Circunstancial no sistema de modo oracional. No exemplo a seguir, o produtor do texto, ao construir a oração em ordem indireta, privilegiou a Circunstância temporal por colocá-la em posição temática.

Depois de anos de seca, crise e preços baixos (Tema) quatro setores impulsionam o agronegócio gaúcho rumo a um novo horizonte: bioenergia, florestas, frigoríficos e leite (Rema).

(Fonte: Jornal ‘ZERO HORA’, Porto Alegre – domingo, 27/08/06, chamada de capa)

A oração Depois de anos de seca, crise e preços baixos, quatro setores impulsionam o agronegócio gaúcho rumo a um novo horizonte: bioenergia, florestas, frigoríficos e leite

teria outra motivação temática na ordem direta – *Quatro setores – bioenergia, florestas, frigoríficos e leite – impulsionam o agronegócio gaúcho rumo a um novo horizonte depois de anos de seca, crise e preços baixos.*

(c) Processo – Predicador no sistema de modo oracional. Dois exemplos são apresentados na seqüência: (a) o primeiro remete à oração inicial de um poema que apresenta em seus dois versos iniciais uma oração declarativa com inversão na ordem canônica Sujeito + Verbo, ou seja, o Sujeito apresenta-se posposto ao verbo. Aqui, o Tema Ideacional é o próprio verbo, colocado em posição inicial; (b) o segundo, retirado de um manual de *notebook*, apresenta uma oração no modo imperativo.

O PIANO
(Alexandre Marino)

Dorme (T) um piano
entre as cinzas do porão,
onde os gatos
e suas ninhadas,
indiferentes à escuridão
ou qualquer sinal de morte,
caminham sobre o teclado
e descobrem o imponderável
(como se ordenassem:)
acorde!

Nos casos de orações no modo imperativo (como o exemplo a seguir), há uma dupla possibilidade de análise, conforme pode ser visto na seção 3.6 referente a Temas marcados e não-marcados, especificamente na parte concernente às orações imperativas.

Ligue (Tema) o cabo de alimentação do computador a um estabilizador de tensão opcional e de boa qualidade (Rema).

(Fonte: manual sobre Referência rápida – HP Pavilion Entertainment PC, jan. 2007, Seção “Proteger o computador contra surtos de tensão”, 2–3.)

A fim de sistematizar a relação entre a função textual de Tema e as respectivas funções deste nos sistemas de modo oracional, relativo à Metafunção Interpessoal, e de transitividade, referente à Metafunção Ideacional, apresenta-se um quadro-resumo:

Quadro-resumo da relação entre a função de Tema e as diferentes funções deste nos sistemas de modo oracional e de transitividade

Metafunção Textual ↓	Metafunção Interpessoal (estrutura de modo) ↓	Metafunção Ideacional (estrutura de transitividade) ↓
Tema →	Sujeito ou Complemento	Participante
Tema →	Adjunto Circunstancial	Circunstância
Tema →	Predicador	Processo

Retomando o folheto distribuído aos turistas que visitam a cidade do Porto, nota-se que há, no mesmo material, uma tradução do texto original para o inglês, exposta, na íntegra, a seguir:

Clerigos (T1) is the highest tower in Portugal, with 6 floors and 225 steps (R1). **It (T2)** is 76 meters high (R2). **Its construction (T3)** began in 1754 (R3), and **[its construction]**

(T4) was concluded in 1763, under the direction of the italian architect Nicholas Nasoni (R4).

Divisão das orações:

1ª oração – **Clerigos (T1)** is the highest tower in Portugal, with 6 floors and 225 steps (R1).

2ª oração – **It (T2)** is 76 meters high (R2).

3ª oração – **Its construction (T3)** began in 1754 (R3).

4ª oração – **and²³ [its construction] (T4)** was concluded in 1763, under the direction of the italian architect Nicholas Nasoni (R4).

Como em inglês, diferentemente do português, há a necessidade de o Sujeito estar expreso lingüisticamente, a primeira oração tem seu Sujeito explicitado – Clérigos. Na segunda oração, para se evitar a repetição do termo, há a substituição do nome “Clérigos” pelo pronome “it”, mantendo-se o mesmo referente. O Sujeito das orações subseqüentes é o mesmo – “its construction”, grupo nominal que remete a “Clérigos” –, expreso lingüisticamente na oração 3 e subentendido na 4.

3.3.1 A ESCOLHA DE TEMAS DISTINTOS

²³ A palavra “and” tem a função de Tema Textual. O Tema Textual é explicado em detalhes nas páginas 75 e 76.

A escolha de Temas diversos, na organização de orações, pode caracterizar diferença temática, gerando, assim, mensagens distintas. Dessa forma, a seleção de uma estrutura temática diferente altera o foco da oração de modo significativo, o que é relevante, portanto, na organização discursiva. Em outras palavras, a escolha do elemento colocado na posição temática pelo falante/escritor orienta o ouvinte/leitor a se localizar frente à mensagem que está sendo construída. Tal fato pode ser comprovado na oração contida no item “Desafio”, retirada de um encarte publicitário de duas páginas da Companhia Vale do Rio Doce – Fundação – e transcrito a seguir, na íntegra:

Desafio:

A tradição do Congo, uma manifestação cultural popular (Tema), estava ameaçada pelo esquecimento nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo (Rema).

Solução:

Através do programa Vale Música, a Fundação Vale do Rio Doce, em parceria com o Centro Cultural Caieiras, ajudou a resgatar o Congo, mostrando que investir em cultura, como meio de inclusão social e fortalecimento das identidades das comunidades, é um excelente caminho.

Resultado:

O Congo está mais vivo do que nunca. Assim como sua música, seu ritmo, seus instrumentos, suas cores e sua alegria estampados nos rostos de centenas de crianças e adolescentes participantes do projeto. Trabalhar em parceria para fortalecer pessoas e comunidades muda um país. É nisso que a Fundação Vale do Rio Doce acredita.

COM A AJUDA DA FUNDAÇÃO VALE DO RIO DOCE,
A CULTURA POPULAR BRASILEIRA ESTÁ RECUPERANDO
UMA DE SUAS RIQUEZAS: O CONGO.

www.cvrld.com.br

(Fonte: Revista *Vida Simples*, março 2007, ed. 51, p. 6-7).

A oração original é transcrita abaixo:

A tradição do Congo, uma manifestação cultural popular (Tema), estava ameaçada pelo esquecimento nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo (Rema).

Variações possíveis da oração destacada são as que seguem:

(a) **Pelo esquecimento (Tema), a tradição do Congo – uma manifestação cultural popular – estava ameaçada nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo (Rema).**

(b) **Nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo (Tema), o esquecimento ameaçava a tradição do Congo, uma manifestação cultural popular (Rema).**

(c) **O esquecimento (Tema) ameaçava a tradição do Congo, uma manifestação cultural popular nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo (Rema).**

Tanto na oração original como nas suas três variantes, mantém-se o mesmo significado ideacional, ou seja, nas quatro orações, “o esquecimento” é Ator, “a tradição do Congo, uma manifestação cultural popular” é Meta e “nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo” é Circunstância, expressando informação de espaço. O quadro que segue sistematiza as funções exercidas no sistema de transitividade (Metafunção Ideacional) pelos diferentes elementos que exercem função de Tema (Metafunção Textual).

Orações	Metafunção Textual ↓ (Tema)	Metafunção Ideacional
----------------	---	------------------------------

original	A tradição do Congo, uma manifestação cultural popular	Meta
(a)	Pelo esquecimento	Ator
(b)	Nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo	Circunstância
(c)	O esquecimento	Ator

Quanto aos significados interpessoais, nota-se que, na oração original e na oração (a), estes são os mesmos, isto é, em ambas, “a tradição do Congo” é Sujeito; nas orações (b) e (c), “o esquecimento” é Sujeito.

A diferença entre as quatro orações, porém, se encontra na forma como estas são organizadas pelo escritor enquanto mensagem; há escolhas temáticas distintas em relação a que grupo ocupar a primeira posição nas orações, isto é, as quatro orações possuem significados textuais diversos entre si. Um exemplo disso é a oração (b), que apresenta o Adjunto Circunstancial deslocado, em posição temática, o que implica uma perspectiva distinta em relação àquela do produtor do texto original, visto que o ponto de partida para a mensagem, aqui, é a circunstância de lugar.

No caso da oração original e da variante (c), o Tema conflui com a função de Sujeito na Metafunção Interpessoal; logo, em ambas as orações, o Sujeito é o assunto destas. Em relação às orações (a) e (b), porém, o Tema é representado por grupos preposicionais; no primeiro, a oração discorre sobre a agenciamento, enquanto, no segundo, não se pode afirmar que a oração verse sobre a Circunstância espacial. Tal fato merece reflexão e também é objeto do presente estudo, já que casos como (b) sugerem que a função de Tema nem sempre está relacionada diretamente com o assunto da oração, ou seja, com aquilo de que esta trata.

Uma análise de cada oração, levando-se em consideração as funções de Tema e de Sujeito será realizada a seguir. Antes, contudo, cabe abrir parênteses para salientar aqui uma aproximação da noção de Tema com a de três diferentes tipos de Sujeitos utilizados na segunda metade do século XIX, segundo Halliday (2004:56) – o Sujeito psicológico (sobre o que é a mensagem, ou seja, o assunto, aquilo que o escritor/falante tem em mente ao começar a produção da oração); o Sujeito gramatical (aquele do qual algo é predicado, concordando em número e pessoa com o verbo) e o Sujeito lógico (aquele que pratica a ação). Estabelecendo-se proximidade entre as três variantes de Sujeito e as principais funções hallidayanas, pode-se dizer que o Sujeito psicológico relaciona-se com o Tema na oração vista como mensagem; o Sujeito gramatical, com a função de Sujeito no sistema de modo oracional; e o Sujeito lógico tem relação com a função de Ator no sistema de transitividade.

Um quadro estabelecendo a relação entre os três tipos de Sujeito e suas respectivas funções segundo cada Metafunção da teoria sistêmica pode ser contemplado como segue:

Quadro-síntese sobre as funções de Tema, Sujeito e Ator e suas equivalências quanto às distintas noções de Sujeito

Sujeito Psicológico	Tema (Metafunção Textual)
Sujeito Gramatical	Sujeito (Metafunção Interpessoal)
Sujeito Lógico	Ator (Metafunção Ideacional)

Parênteses fechados, volta-se à oração original e às variantes formuladas a partir desta, para se proceder a uma análise com base nas categorias explicitadas. No caso da oração original, advinda do anúncio publicitário, o Tema coincide com o Sujeito

psicológico (assunto de que trata a oração) e com o Sujeito gramatical (aquilo do qual algo é predicado).

(oração original) **A tradição do Congo, uma manifestação cultural popular (Tema)**, estava ameaçada pelo esquecimento nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo.

→ **a tradição do Congo: Sujeito psicológico e Sujeito gramatical**

→ pelo esquecimento: Sujeito lógico

Na oração (a), o Tema conflui com a função de Ator; nesta formulação, a função interpessoal de Sujeito, que faz parte da função textual de Rema, remete ao Sujeito psicológico – assunto da oração.

(a) **Pelo esquecimento (Tema)**, a tradição do Congo – uma manifestação cultural popular – estava ameaçada nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo.

→ a tradição do Congo: Sujeito psicológico e Sujeito gramatical

→ **pelo esquecimento: Sujeito lógico**

Na oração (b), o Tema não se relaciona com nenhum dos três tipos de Sujeito, pois é representado por um grupo preposicional que desempenha a função de Circunstância no sistema de transitividade. O termo “o esquecimento”, que faz parte do Rema, desempenha os três tipos simultâneos de Sujeito – o psicológico (é sobre ele que a oração versa), o gramatical (é sobre ele que algo é predicado) e o lógico (realizador da ação).

(b) **Nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo (Tema)**, o esquecimento ameaçou a tradição do Congo, uma manifestação cultural popular.

→ esquecimento: Sujeito psicológico, Sujeito gramatical e Sujeito lógico

A oração (c) se caracteriza pelo fato de o Tema representar os três tipos de Sujeito – psicológico, gramatical e lógico – concomitantemente.

(c) **O esquecimento (Tema)** ameaçou a tradição do Congo, uma manifestação cultural popular nas comunidades da Grande Vitória, no Espírito Santo.

→ o esquecimento: Sujeito psicológico, Sujeito gramatical e Sujeito lógico.

De acordo com o que foi ilustrado, verifica-se que o Tema de uma oração pode confluir com um ou mais tipos diferentes de Sujeito ou com nenhum deles, conforme demonstrado no quadro abaixo:

orações → função ↓	original	(a)	(b)	(c)
Tema	psicológico e gramatical	lógico	_____	psicológico, gramatical e lógico

3.4 O QUE É O TEMA AFINAL?

O conceito de Tema Ideacional vinculado ao “assunto” da oração nem sempre ocorre, como pôde ser verificado nos exemplos (a) e (b) da seção anterior, visto que, em ambos, não há correlação entre Tema e Sujeito psicológico. Tal reflexão, extremamente relevante para se caracterizar o Tema nesta pesquisa, encontra respaldo na discussão fomentada por Fries (1995:14) e transcrita aqui. O autor menciona a linha seguida por alguns systemicistas, segundo a qual seria incluído como Tema tudo aquilo que precede o verbo da oração.

However, some Systemicists (e.g. Berry, 1989, 1992a, 1992b) feel that the Subject of the clause has a special status and have chosen to include as Theme everything that precedes the verb of the clause. In such an analysis, any Subject which precedes its verb is automatically a part of the Theme of the clause. The disagreement revolves largely around how to analyze clauses which contain ‘marked Themes’ such as example (2).

2. Yesterday, John left before lunch.

All Systemicists agree that *yesterday* is a marked Theme in this example. Berry and others who take her approach, however, would include *John* as Theme in addition to *yesterday*. Such an analysis, of course, finesses the issue of exactly how Theme and Subject interact. This interaction is particularly difficult to separate out since the great majority of Themes are conflated with Subject. Regardless of which approach to the delimitation of Theme is taken. Systemicists still need to discuss the special uses of Themes which are (only) Subjects and those Themes which contain material which is not Subject. (...) ²⁴

²⁴ Uma possível tradução do excerto é a que segue: “Contudo, alguns systemicistas (exemplo: Berry 1989, 1992a, 1992b) sentem que o Sujeito da oração tem um status especial; assim, eles têm escolhido incluir como Tema tudo o que antecede o verbo da oração. Nesta análise, qualquer Sujeito que anteceda o verbo é automaticamente uma parte do Tema da oração. A discussão gira em torno de como analisar orações que contenham “Temas marcados” tal como o exemplo (2) *Ontem, João saiu antes do almoço*. Todos os systemicistas concordam que “ontem” é um Tema marcado neste exemplo. Berry e outros que adotam sua abordagem, contudo, incluiriam “João” como Tema em acréscimo a “ontem”. A interação entre Tema e Sujeito é particularmente difícil de separar, visto que a grande maioria dos Temas se coadunam com o Sujeito.

No caso de se adotar tal concepção de Tema Ideacional partilhada por alguns systemicistas, haveria sempre a confluência deste com a função interpessoal de Sujeito (gramatical), levando-se em consideração que ambas também coincidiram com a idéia de assunto da oração e, por conseguinte, do texto. Neste caso, algumas considerações devem ser feitas:

(a) por que, então, adotar dois nomes aparentemente distintos para designar a mesma função – Tema e Sujeito?

(b) como caracterizaríamos elementos ideacionais que antecedessem o Tema, ou seja, qual a função atribuída a Complementos e Circunstâncias que precedessem o Sujeito nas orações, quando pensados em termos de organização textual?

(c) como identificar o Tema em orações cujo Sujeito estivesse posposto ao verbo?

(d) a distinção temática entre ordem canônica e ordem marcada desapareceria, visto que, em ambas as situações, o Sujeito seria sempre prioritário, não importando se colocado pelo produtor textual no início, meio ou final da oração? Assim, diferenças temáticas não implicariam diferentes intenções comunicativas?

A partir das considerações realizadas, adota-se, nesta pesquisa, uma aceção de Tema que está relacionada não só com as concepções de Halliday, mas também com as ideias de Fries. Halliday (2004: 65), sobre Tema, afirma o seguinte:

The Theme is the element which serves as the point of departure of the message; it is that which locates and orients the clause within its context. The remainder of the message, the part in which the Theme is

Os systemicistas precisarão discutir os usos especiais dos Temas que são (apenas) Sujeitos e aqueles que contêm material que não é Sujeito.

developed, is called in Prague school terminology the Rheme. As a message structure, therefore, a clause consists of a Theme accompanied by a Rheme; and the structure is expressed by the order – whatever is chosen as Theme is put first.²⁵

O conceito de Tema Ideacional utilizado pelo pesquisador está associado diretamente com a posição inicial da oração em inglês (e, por associação, em português), sendo considerado o ‘ponto de partida’ da oração como mensagem e funcionando como orientador para a informação que está por vir, o que é considerado por Fries (1995:318) ao afirmar que o “Theme is not topic (or given or even necessarily nominal). Rather, Theme functions as an orienter to the message. It orients the listener/reader to the message that is about to be perceived and provides a framework for the interpretation of that message²⁶”.

A primeira posição na oração, porém, não é o que define o Tema, mas o meio pelo qual a função de Tema é realizada na gramática de algumas línguas. Halliday (1985:39) atesta isso ao afirmar que “as a general guide, the Theme can be identified as that element which comes in first position in the clause. We have already indicated that this is not how the category of Theme is defined²⁷”.

A noção de ‘ponto de partida’ como recurso textual vai além da idéia de o Tema ser gramaticalizado em primeira posição na oração. Tal assertiva encontra respaldo em Fries

²⁵ A passagem pode ser traduzida livremente da seguinte forma: “O Tema é o elemento que serve como o ponto de partida da mensagem; ele é aquele que localiza e orienta a oração dentro do seu contexto. O resto da mensagem, a parte na qual o Tema é desenvolvido, é chamada, segundo a terminologia da escola de Praga, de Rema. Como uma estrutura de mensagem, portanto, uma oração consiste de um Tema acompanhado por um Rema; e a estrutura é expressa de modo que o Tema necessariamente é colocado primeiro”.

²⁶ O excerto pode ser traduzido assim: “Tema não é tópico (ou Informação Dada ou necessariamente grupo nominal). O Tema funciona como um orientador para a mensagem. Ele orienta o ouvinte/leitor para a mensagem que está por vir e fornece um *framework* para a interpretação dessa mensagem”.

²⁷ O excerto pode ter a seguinte tradução livre: “como um guia geral, o Tema pode ser identificado como o elemento que vem em primeira posição na oração. Nós já indicamos que isso não é como a categoria de Tema é definida”.

(1983), para evidenciar a relevância do Tema hallidayano motivado discursivamente. Segundo o autor, o conjunto de Temas das orações num parágrafo é responsável pelo ‘método de desenvolvimento do texto’, o que tem a ver com o conteúdo lexical dos constituintes em posição temática, fator que expressa um ângulo particular de visão sobre o assunto abordado no texto. Dessa forma, reitera-se que a escolha do Tema Ideacional tem motivação funcional em primeiro plano, sendo realizada lingüisticamente ou não por um constituinte no nível léxico-gramatical.

O material lexical em posição inicial de cada oração indica o ponto de partida da mensagem expressa por aquela oração. Representado pelo primeiro constituinte oracional que tem função no sistema de transitividade, o Tema Ideacional de cada oração, segundo Fries, fornece um *framework* para o restante da oração – o Rema –, ao estabelecer um contexto no qual a oração é interpretada. Martin (154) embasa tal afirmação no excerto que segue:

(...) coming first in fact constructs a particular angle of interpretation on the topic of each text which resonates with other aspects of discourse organization. Frie’s point, following Halliday, is that first position in the English clause is not arbitrary, but rather a textual resource which is systematically exploited to effect patterns which constitute a text’s method of development. In this position, functioning as a textual resource of precisely this kind, that Halliday (1985) names Theme and defines as the point of departure for the clause as message.²⁸

²⁸ Uma tradução livre da passagem segue: “vir primeiro [em primeira posição] de fato constrói um ângulo particular de interpretação sobre o tópico de cada texto que se alia com outros aspectos da organização do discurso. O ponto de Fries, seguindo Halliday, é que a primeira posição na oração em inglês não é arbitrária, mas um recurso textual que é sistematicamente explorado para produzir modelos que constituem um método de desenvolvimento. Nesta posição, funcionando como um recurso textual precisamente deste tipo, é que Halliday (1985) nomeia Tema e define-o como ponto de partida para a oração como mensagem”.

Dois quadros mencionando os pontos principais que identificam o conceito de Tema levantados neste trabalho, bem como os de Rema, são expressos a seguir:

Tema Ideacional

→ é o ponto de partida da mensagem expressa pela oração;
→ localiza e orienta a oração dentro de seu contexto;
→ funciona como orientador para a informação que está por vir;
→ fornece um <i>framework</i> para o restante da oração;
→ estabelece um contexto (local) no qual a oração é interpretada;
→ tem motivação discursiva;
→ não é necessariamente tópico ou assunto da oração, exceto nas situações em que conflui com a função de Sujeito na estrutura de modo (a grande maioria das situações);
→ é representado pelo primeiro elemento ideacional na oração, ou seja, pelo constituinte oracional com função no sistema de transitividade;
→ quando expresso linguisticamente, é identificado por um grupo nominal, um grupo verbal, um grupo preposicional ou um grupo adverbial.

Rema

→ tudo o que vem na oração depois do Tema – o restante da oração;
→ para onde a oração se movimenta depois do ponto de partida;
→ parte na qual o Tema é desenvolvido.

As próximas seções ilustram os conceitos discutidos aqui.

3.5 TEMA SIMPLES

O Tema oracional é caracterizado como **Tema Simples**, quando representado por um único constituinte – um grupo nominal, verbal, adverbial ou preposicional – em posição inicial na oração. Este constituinte também desempenha uma função no sistema de transitividade, referente à Metafunção Ideacional, ou seja, pode ser um Participante, um Processo ou uma Circunstância.

A identificação do Tema como grupo nominal, verbal, adverbial ou preposicional pode ser verificada nos exemplos destacados no texto que segue. No primeiro caso, há duas orações – na primeira, o Tema é constituído por um grupo preposicional; na segunda, o Tema é representado por um grupo nominal. A oração três tem como Tema um grupo adverbial, ao passo que a última oração é constituída por um grupo verbal em posição temática.

Interações medicamentosas

(1) Em caso de algum tratamento ocular adicional, (T) deve haver um intervalo de aplicação de no mínimo 5 minutos entre as medicações. **(2) GENTEAL (T)** deve ser sempre a última medicação a ser instilada.

Reações adversas

(3) Ocasionalmente (T) têm sido relatadas: dor nos olhos, alteração na visão, vermelhidão e irritação.

Pacientes idosos

(4) Não existem (T) advertências ou recomendações especiais sobre uso do produto por pacientes idosos.

(Fonte: bula do colírio ‘Genteal hipromelose – 3,0 mg/mL’; fragmentos)

Quadro-síntese do Tema Ideacional e sua constituição como classe gramatical e função no sistema de transitividade

Orações e Temas	Classe gramatical (grupo)	Função no sistema de transitividade (Metafunção Ideacional)
1	Grupo preposicional	Circunstância
2	Grupo nominal	Participante
3	Grupo adverbial	Circunstância
4	Grupo verbal	Processo

Outros exemplos²⁹:

A discriminação (T) tem efeitos devastadores para todos e todas a quem afecta directamente.

²⁹ Os exemplos de Temas Simples listados a partir daqui até a página 66 são todos autênticos e foram retirados de material de divulgação sobre o *Ano Europeu da Igualdade de Oportunidade para Todos* e escritos em português europeu. O exemplo sobre a confluência do Tema com a função interpessoal de Sujeito também é oriundo do mesmo material encontrado nos links www.igualdades2007.com.pt; e <http://equality2007.europeu.eu>.

Um dos potenciais mais preciosos da Europa (T) é a grande diversidade dos seus povos.

Ninguém (T) pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão da ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual (Artigo 13º Constituição da República Portuguesa)

Na união Europeia (T) há 10% de cidadãos com deficiência.

Entre os jovens (T), o desemprego é mais do dobro da média global europeia.

Há (T) cidadãs e cidadãos da União Europeia que estão privados de iguais oportunidades por causa do seu sexo, raça, etnia, religião ou crença, deficiência, idade ou orientação sexual.

O Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos (T) vai lançar um grande debate sobre os benefícios da diversidade nas sociedades europeias.

A legislação europeia aprovada em 2002 (T) proíbe toda e qualquer discriminação em razão da religião ou credo, raça ou origem étnica, deficiência, idade ou orientação sexual não só no âmbito do emprego, como noutras áreas como a educação, a segurança social, os cuidados de saúde e o acesso a bens e serviços.

Mais da metade dos jovens europeus que são gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais (T) já foram alvo de preconceito ou discriminação nas escolas e nas famílias.

O Tema Simples também pode ser expresso por dois ou mais elementos que formam um complexo único, uma unidade, sem nenhuma estrutura interna nova, como é o caso de dois grupos nominais ligados por “e”, “quer” ou “ou”, o que pode ser ilustrado como segue:

Os imigrantes e as minorias étnicas vivendo em áreas urbanas menos favorecidas são muitas vezes confrontados com o risco acrescido de exclusão social – devido ao local onde vivem, à sua etnia e nacionalidade.

Quer as mulheres quer os homens são protegidos contra a discriminação em todos os pontos abrangidos pelas directivas.

9 Pratique o cafuné

(Fernanda Dannemann)

Aquele gostoso cafuné na cabeça pode ser um santo remédio. E não é só para tratamento capilar, não. **Uma boa massagem ou mesmo um afago de levinho na cabeça** alivia mau humor, fadiga e até enxaqueca. (...)

Fonte: Especial Revista Vida Simples – 50 Idéias para uma vida mais feliz. Editora Abril, p. 21

O Tema Simples necessariamente é Ideacional, denominado assim por ser realizado pelo primeiro elemento lingüístico considerado como parte da estrutura ideacional da oração, isto é, representado por um dos elementos do sistema de transitividade.

3.6 TEMA MARCADO E TEMA NÃO-MARCADO

As orações independentes selecionam o modo oracional, sendo este o critério utilizado para identificar se um Tema é marcado ou não-marcado, conforme explanado a seguir.

No caso de orações declarativas, o Tema Ideacional é considerado não-marcado quando desempenha a função interpessoal de Sujeito (gramatical). Temas marcados, por sua vez, recebem uma proeminência textual maior e ocorrem quando o Tema Ideacional de uma sentença declarativa não é representado pelo Sujeito, ou seja, quando a função textual Tema se relaciona com as funções interpessoais de Adjunto Circunstancial, Complemento ou Predicador. Há que se observar que, destes, o menos provável de ser temático em uma oração declarativa é o Complemento, que poderia estar na função de Sujeito, mas não a ocupa.

A seguir, são citados exemplos de Temas que confluem, na seqüência, com as respectivas funções interpessoais de Sujeito, Complemento, Adjunto Circunstancial e Predicador.

A escola (T1) tem o dever de contribuir para um aumento e fortalecimento da auto-estima de todos os alunos, independentemente da sua orientação sexual ou identidade de género. **[A escola] (T2)** É também, por excelência, um local que se espera que veicule informação correcta.

O Tema, em ambas as orações, conflui com a função interpessoal de Sujeito, logo é considerado não-marcado.

quase nada
(Zeca Baleiro e Alice Ruiz)

de você sei quase nada / pra aonde vai ou porque veio / nem mesmo sei / qual é a parte / da tua estrada / no meu caminho / será um atalho / ou um desvio / um rio raso / um passo em falso / um prato fundo / pra toda fome / que há no mundo / noite alta que revele / o passeio pela pele / dia claro madrugada / de nós dois não sei mais nada / se tudo passa como se explica / o amor que fica nessa parada / amor que chega sem dar aviso / não é preciso saber mais nada

versos:

de você (T) sei quase nada

de nós dois (T) não sei mais nada

Cada um dos dois versos é uma oração iniciada por um Complemento em posição temática – Tema marcado.

No texto abaixo, as duas primeiras orações possuem Temas marcados, representados por Adjuntos Circunstanciais no sistema de modo oracional. As demais orações possuem Temas não-marcados, confluindo com a função interpessoal de Sujeito.

PARA CONHECER MAIS

Em 1989, (T) uma experiência realizada no estado norte-americano do Novo México manteve isolada durante quatro meses a italiana Stefania Folline. **Durante esse período, (T)** ela habitou um módulo de fibra de vidro colocado dentro de uma caverna. [Ela] Perdeu a noção de tempo e [ela] mudou seus horários de sono e vigília. [Ela] Chegava a ficar acordada durante 30 horas e [ela], às vezes, dormia 24 horas seguidas. Seu ritmo biológico ficou completamente alterado, e, ao sair, [ela] levou vários meses para [ela] se readaptar à vida urbana.

MONTELLATO, Andrea Rodrigues Dias. *História temática: tempos e culturas – 5ª série*. São Paulo: Scipione, 2000. p. 101.

Outro exemplo de Adjunto Circunstancial como Tema marcado pode ser verificado no excerto abaixo:

Nurembergue, assim como várias outras cidades, foi construída ao redor de um morro em cujo topo ergueu-se um castelo. **Ao redor da cidade** corre o rio Pegnitz.

MONTELLATO, Andrea Rodrigues Dias. *História temática: tempos e culturas – 5ª série*. São Paulo: Scipione, 2000. p. 148

Um exemplo de Predicador como Tema marcado em orações declarativas já foi apresentado, retirado do poema “O Piano”, de Alexandre Marino: **Dorme (T)** um piano / entre as cinzas do porão.”.

Quadro-resumo do função textual de Tema nas orações declarativas

função textual de Tema	funções interpessoais
Tema não-marcado	Sujeito
Tema marcado	Complemento, Adjunto Circunstancial, Predicador

Os cinco textos apresentados ilustraram situações temáticas em orações declarativas.

Quanto às orações interrogativas, parece não haver muita diferença entre elas e as declarativas no caso da língua portuguesa. A distinção, porém, se manifesta quando o primeiro elemento é expresso por um pronome interrogativo que exerce função Temática. Assim, para as perguntas com polaridade, a idéia de Tema marcado e Tema não-marcado é a mesma das declarativas. Quanto às perguntas de conteúdo, que têm um pronome interrogativo como primeiro elemento, o Tema não-marcado é representado por este elemento; quando algum outro elemento antecede o pronome interrogativo, aquele constitui uma escolha marcada de Tema.

O quadro abaixo sintetiza os tipos de Tema marcado e não-marcado em orações interrogativas:

Quadro-resumo sobre a função de Tema em orações interrogativas de polaridade e de conteúdo

Tema	Interrogativa de	Interrogativa de conteúdo
-------------	-------------------------	----------------------------------

↓	polaridade	
não-marcado	Sujeito	pronomes interrogativos em primeira posição na oração e exercendo qualquer função sintática – Participante ou Circunstância
marcado	Complemento / AdjuntoCircunstancial	elemento(s) que antece(m) o pronome interrogativo

Abaixo, há um exemplo de oração interrogativa de polaridade, sendo o Tema não-marcado, ao confluir com a função de Sujeito no sistema de modo oracional:

(...) A amplitude agora é interna, meu olhos estão fechando pra fora e abrindo para dentro, e hei de descobrir algo que me interesse e me motive nesta viagem sombria, sem gôndolas, sem tons pastéis, sem pontes nem edificações, *você (T) acredita nisso (R)?* Eu não estou desaparecendo, ainda que pareça.

MEDEIROS, Martha. *Tudo que eu queria te dizer*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 34.

Um exemplo de pergunta de polaridade com Tema marcado pode ser observado na oração destacada:

Então é você mesmo – disse. – *Welcome*, não é assim que se diz? – Indicou a poltrona em frente à mesa. – Deve ter coisas sensacionais para contar. – Esperou que ele sentasse, acomodando lentamente as longas pernas. – **Um cafezinho (T), [você] quer um cafezinho autenticamente brasileiro? (R)** – Riu alto, fingindo ironia. – Garanto que por lá não tinha essas coisas. – Apertou o botão do telefone interno. – Ana, por favor, traga dois

cafês. – Voltou-se para ele. – Ou você prefere chá? Ouvi dizer que os ingleses tomam chá o tempo todo. Você deve estar acostumado...

ABREU, Caio Fernando. Paris não é uma festa. In: ABREU, Caio Fernando. *Fragments: 8 histórias e um conto inédito*. Porto Alegre: L&PM, 2002. p. 82-3.

A seguir, há exemplos³⁰ de perguntas de conteúdo cujos pronomes interrogativos e advérbios interrogativos são considerados Temas não-marcados.

O que (T) é uma teoria do currículo? **Quando (T)** se pode dizer que se tem uma “teoria do currículo”? **Onde (T)** começa **e**³¹ **como (T)** se desenvolve a história das teorias do currículo? **O que (T)** distingue uma “teoria do currículo” da teoria educacional mais ampla? **Quais (T)** são as principais teorias do currículo? **O que (T)** distingue as teorias tradicionais das teorias críticas do currículo? **E**³² **o que (T)** distingue as teorias críticas do currículo das teorias pós-críticas?

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 11

Um exemplo de oração interrogativa de conteúdo com Tema marcado segue na oração destacada a seguir, visto ser o Complemento o Tema.

Não alcanço onde me colocaram. O pódio é alto demais. Meus joelhos desobedecem às ordens, não me posiciono altiva. Me detesto demais para aceitar cumprimentos. Sou uma

³⁰ Cabe salientar que foram identificados apenas os pronomes interrogativos como Temas das orações interrogativas no parágrafo transcrito. No caso da oração “que se tem uma ‘teoria do currículo’”, o Tema – que se tem – não foi identificado em negrito, intencionalmente, por não constituir o ponto de discussão da seção.

³¹ O conetivo “e” é considerado Tema Textual, tendo a explanação sobre a função deste mencionada nas páginas 75 e 76-

³² Mesmo caso da nota em 23.

ignorante. Não burra, mas ignorante. É calamitoso igual, Felinta. E o grave é que não pretendo melhorar.

Meu quarto (T), por que devo deixá-lo todas as manhãs? (R). A cama. O colchão. Bem deitada é minha posição favorita. O teto me conforta, as paredes, estar protegida. Veria televisão pra sempre, se pudesse.

MEDEIROS, Martha. Tudo que eu queria te dizer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 151-2.

Analisadas as orações declarativas e as interrogativas quanto à tematização, procede-se ao estudo das orações imperativas que, segundo Halliday, têm duas possibilidades de análise temática. Em uma delas, como a mensagem da oração é “Eu desejo/quero que você faça algo”, este constituinte temático implícito funcionaria como Tema, sendo a oração toda considerada Rema. Outra análise, porém, identifica o primeiro elemento experiencial da oração como Tema; no caso, o Predicador na estrutura de modo.

A seguir, um exemplo de oração imperativa é ilustrado segundo as duas formas de análise temática preconizadas pela GSF.

(a) Análise 1: o verbo da oração é considerado o Tema, visto ser aquele uma forma de representação no mundo; então, tem-se o Processo em posição Temática como Tema não-marcado, sendo o resto da oração identificado como Rema.

Ligue (T) o cabo de alimentação do computador a um estabilizador de tensão opcional e de boa qualidade (R).

(Fonte: manual sobre Referência rápida – HP Pavilion Entertainment PC, jan. 2007, Seção “Proteger o computador contra surtos de tensão”, 2–3.)

No caso de orações no modo imperativo negativo, o Tema não-marcado caracteriza-se pela partícula de negação seguida do verbo no imperativo, conforme exemplo que segue:

16 NÃO ASFIXIE (T) suas plantinhas com adubos químicos (R). Restos de alimento que você despeja na lixeira são bons fertilizantes orgânicos. Parece incrível, mas espalhar casca de ovo, de fruta e de legume, pó de café, saquinho de chá e pão velho nos vasos ajuda a deixar as plantas mais fortes e bonitas.

(Fonte: Manual de Etiqueta: 33 dicas de como enfrentar o aquecimento global e outros desafios da atualidade – Planeta Sustentável. Material Encartado na Revista Nova Escola Ano XXII, nº 208. Editora Abril: dez. 2007.)

(b) Análise 2: o Tema, revelando o/a desejo/vontade do falante/escritor em relação à execução de uma tarefa pelo ouvinte/leitor, se encontra implícito, não identificado lingüisticamente; toda a oração, então, é considerada Rema – aquilo que é solicitado/ordenado executar. Neste trabalho, o pesquisador adota esta forma de análise temática das orações imperativas.

[É necessário que você] (T) Ligue o cabo de alimentação do computador a um estabilizador de tensão opcional e de boa qualidade (R).

(Fonte: manual sobre Referência rápida – HP Pavilion Entertainment PC, jan. 2007, Seção “Proteger o computador contra surtos de tensão”, 2–3.)

16 [Eu aconselho que você] (T) NÃO ASFIXIE suas plantinhas com adubos químicos (R). Restos de alimento que você despeja na lixeira são bons fertilizantes orgânicos. Parece incrível, mas espalhar casca de ovo, de fruta e de legume, pó de café, saquinho de chá e pão velho nos vasos ajuda a deixar as plantas mais fortes e bonitas.

(Fonte: Manual de Etiqueta: 33 dicas de como enfrentar o aquecimento global e outros desafios da atualidade – Planeta Sustentável. Material Encartado na Revista Nova Escola Ano XXII, nº 208. Editora Abril: dez. 2007.)

3.7 TEMA MÚLTIPLO

Além do Tema Ideacional, obrigatório na oração, pode haver outros Temas opcionais o antecedendo, mas que não participam do significado experiencial da oração. Estes, juntamente com o Tema Ideacional, constituem um **Tema Múltiplo**. Martin (1992: 151), a esse respeito, assegura que “in short, Halliday suggests that English [and Portuguese] grammaticalises the Theme function as clause sequence (initial position) , distinguishes between unmarked and marked Themes depending on MOOD, and allows for experiential, interpersonal and textual contributions to the Theme function³³”.

O Tema Textual tem geralmente a função de conectar com o texto antecedente os significados experienciais representados no Tema Ideacional. Ao desempenhar tal função, cria-se um texto coeso, que sinaliza a junção entre as mensagens. Segundo Halliday, os Temas Textuais podem ser representados por um dos seguintes elementos: (a) continuativos; (b) conjunções ou adjuntos conjuntivos. Apareceram Temas Textuais nas orações exemplificadas abaixo, que foram retiradas de textos já apresentados.

e (Tema Textual) [A Torre dos Clérigos] (Tema Ideacional) foi concluída em 1763 sob a direcção do arquitecto italiano Nicolau Nasoni;

³³ A tradução livre do excerto é a seguinte: “resumindo, Halliday sugere que o inglês [e o português] gramaticaliza a função de Tema como sequência na oração (posição inicial), distingue entre Temas marcados e não-marcados dependendo do modo oracional, e permite contribuições experienciais, interpessoais e textuais para a função de Tema”.

e (Tema Textual) [eu] (Tema Ideacional) gosto

mas (Tema Textual) nossa categoria (Tema Ideacional) não recebe um salário digno

nem (Tema Textual) [a nossa categoria] (Tema Ideacional) é valorizada

and (Tema Textual) [its construction] (Tema Ideacional) was concluded in 1763, under the direction of the italian architect Nicholas Nasoni.

e (Tema Textual) como (Tema Ideacional) se desenvolve a história das teorias do currículo?

E (Tema Textual) o que (Tema Ideacional) distingue as teorias críticas do currículo das teorias pós-críticas?

Outro exemplo de Tema Textual pode ser verificado no poema “O Outro”, do poeta português Mário de Sá-Carneiro:

Eu não sou eu nem sou o outro,
sou qualquer coisa de intermédio:
 pilar da ponte de tédio
que vai de mim para o outro.

1º verso

oração 1: Eu não sou eu / oração 2: **nem (Tema Textual)** [eu] (**Tema Ideacional**) sou o outro)

Além do Tema Textual, também pode aparecer na oração o Tema Interpessoal, que tem por função indicar o tipo de interação entre falantes ou as posições que estes assumem, por exemplo, ao se solicitar uma informação (interrogativa), dar uma ordem (imperativa) ou expressar juízo de valor (modalidade). Os Temas Interpessoais são expressos por uma das formas que seguem: verbos modais ou adjuntos de comentário; vocativos; verbos auxiliares. Exemplos de Temas Interpessoais são apresentados a seguir:

Texto 1

Marina

(Dorival Caymi)

Marina, morena / Marina, você se pintou / Marina, você faça tudo / Mas faça um favor / Não pinte esse rosto que eu gosto / Que eu gosto e que é só meu / Marina, você já é bonita / Com o que Deus lhe deu / Me aborreci, me zanguei / Já não posso falar / E quando eu me zango, Marina / Não sei perdoar / Eu já desculpei muita coisa / Você não arranjava outro igual / Desculpe, Marina, morena / Mas eu tô de mal / De mal com você / De mal com você

Exemplos de Temas interpessoais retirados do texto:

Marina, (Tema Interpessoal) você (**Tema Ideacional**) se pintou

Marina (Tema Interpessoal), você (**Tema Ideacional**) faça tudo

Marina (Tema Interpessoal), você (**Tema Ideacional**) já é bonita com o que Deus lhe deu

Texto 2

Comidas³⁴

A mesa iraquiana é simples, mais pelo embargo econômico do que por gosto. Quando tem, tem os tradicionais kebab de carneiro e de frango, além de húmus (pasta de grão-de-bico) e arroz com aletria. Mas quibe é kubbeh (pronuncia-se “cúbe”) e esfira não há. **Parece que (Tema Interpessoal) a iguaria (Tema Ideacional)** só é chamada assim na Síria.

SANTIAGO, Pedro. *Por dentro da história* – 5ª série: manual do professor. São Paulo: Escala Educacional: 2006, p. 86

Exemplificados os Temas Textuais e os Interpessoais, verifica-se que estes, quando presentes nas orações, sempre se agregam a Temas Ideacionais, conforme verificado nos exemplos expostos. Quando a oração tiver, portanto, dois ou mais Temas, ela é formada por Tema Múltiplo – representado, além do primeiro elemento ideacional expresso na oração, por outro(s) elemento(s) que o antecede(m), o(s) qual/quais apresenta(m) significado textual e/ou interpessoal. Assim, pode-se concluir que o Tema Múltiplo resulta da junção de Temas diversos oriundos de componentes metafuncionais distintos, o que se nota na afirmação a seguir de Halliday (1985:53):

The internal structure of a multiple Theme is based on the functional principle that was presented in Chapter 2: the principle that a clause is the product of three simultaneous semantic processes. It is at one and the same time a representation of experience [Ideational

³⁴ Trecho do texto “Diário de Bagdá”, escrito pelo jornalista Sérgio Dávila ao participar como repórter de guerra no Iraque em 2003; excerto que integra texto publicado originalmente no *Jornal Folha de São Paulo* e adaptado na seção “Almanaque” do livro citado como referência.

Metafunction], an interactive exchange [Interpersonal Metafunction], and a message [Textual Metafunction].³⁵

Nesse caso, o Tema com significado experiencial na oração passa a ser denominado Tema Ideacional e é obrigatório; os Temas Textual e Interpessoal são facultativos. Segundo Fries (2002:120), o “theme includes everything at the beginning of the clause up to and including the first constituent that comes from the experiential metafunction³⁶”.

A seguir, mencionam-se as diferentes possibilidades de configuração do Tema Múltiplo:

(1) seqüência “Tema Textual + Tema Ideacional”:

exemplo:

ÁGUA PERRIER
(Adriana Calcanhoto / Antônio Cícero)

³⁵ O trecho pode ser traduzido livremente da seguinte forma: “A estrutura interna de um Tema múltiplo é baseada no princípio funcional que foi apresentado no Capítulo 2: o princípio de que uma oração é o produto de três processos semânticos simultâneos. Ela é única e, ao mesmo tempo, uma representação de experiência [Metafunção Ideacional], uma troca interativa [Metafunção Interpessoal] e uma mensagem [Metafunção Textual]”.

³⁶ A passagem tem a tradução livre que segue: “o Tema inclui tudo no começo da oração até (e incluindo) o primeiro constituinte que vem da Metafunção Experiencial”.

Não quero mudar você, / nem mostrar / novos mundos / pois eu, meu amor, acho graça até mesmo em clichês / Adoro esse olhar blasé / que não só / já viu quase tudo / mas acha tudo tão déjà vi antes de ver. / Só proponho / alimentar seu tédio / Para tanto, exponho / a minha admiração. / Você em troca cede o / seu olhar sem sonhos / à minha contemplação: / aí eu componho uma nova canção. / Adoro, sei lá por que, / esse olha / meio escudo / que em vez de qualquer álcool forte pede água Perrier / Adoro, sei lá por que, / esse olhar / meio escudo / que não quer o meu álcool forte e sim água Perrier

Tema Textual	Tema Ideacional	Rema
pois	eu,	meu amor, acho graça até mesmo em clichês

(2) seqüência “Tema Interpessoal + Tema Ideacional”:

O exemplo mencionado para ilustrar a seqüência é referente à musica “Marina”, de Dorival Caymi:

Tema Interpessoal	Tema Ideacional	Rema
Marina,	você	se pintou

(3) seqüência “Tema Interpessoal + Tema Textual + Tema Ideacional”:

“O castelo de Guimarães é um dos monumentos mais conhecidos de Portugal, carregando a carga simbólica que lhe foi dada nos anos 40, de símbolo de nacionalidade. Talvez por isso [o castelo] figura na lista dos 21 monumentos da primeira fase das Maravilhas de Portugal.”

(Fonte: Guia das Maravilhas de Portugal: 30 grandes cidades e seus arredores, p. 38)

Tema Interpessoal	Tema Textual	Tema Tópico	Rema
Talvez	por isso	[o castelo de Guimarães]	figura na lista dos 21 monumentos da primeira fase das Maravilhas de Portugal

(4) seqüência “Tema Textual + Tema Interpessoal + Tema Ideacional”:

A carta (Benil Santos / Raul Sampaio)			
<p>Escrevo-te estas mal traçadas linhas, meu amor / Porque veio a saudade visitar meu coração / Espero que desculpes os meus erros por favor / Nas frases desta carta / que é uma prova de afeição / Talvez tu não a leias mas quem sabe até darás / Resposta imediata me chamando de meu bem / Porém o que me importa / é confessar-te uma vez mais / Não sei amar na vida mais alguém / Tanto tempo faz, / que li no teu olhar / A vida cor-de-rosa que eu sonhava / E guardo a impressão / de que já vi passar / Um ano sem te ver, / um ano sem te amar / Ao me apaixonar, / por ti não reparei / Que tu tivestes só entusiasmo / Ee para terminar, / amor assinarei / Do sempre, sempre teu...</p>			

Tema Textual	Tema Interpessoal	Tema Ideacional	Rema
mas	quem sabe	[tu]	até darás resposta imediata

3.8 O CASO DOS PRONOMES RELATIVOS E DOS INTERROGATIVOS

Uma observação há que ser feita em relação aos pronomes relativos e aos interrogativos, segundo Halliday. Os pronomes relativos podem funcionar simultaneamente como Temas Textuais, ao ligarem o que vem a seguir com a oração anterior, e como Temas

Ideacionais, ao desempenharem função de Participantes ou de Circunstâncias como representação do mundo.

A seguir, são apresentados dois exemplos de pronomes interrogativos funcionando como Temas Textuais e Ideacionais:

exemplo 1:

CONTAR A HISTÓRIA DO SAMBA, aulas de penteados afros, confecção de roupas para apresentações artísticas, canções de congo, jogos típicos das aldeias africanas, tambores, literatura, receitas de comidas típicas, cartazes sobre animais da savana... As expressões artísticas são das mais livres. Em Juiz de Fora, MG, as irmãs Fernanda, Amanda e Iana, alunas da Escola Municipal José Calil Ahouagi, estavam ansiosas para o recomeço das atividades do projeto “África-Brasil”, **que (T) reúne atividades voltadas para a comunidade do bairro Nova Califórnia (R)**. Através do teatro, da dança, do artesanato e, principalmente, da criatividade dos alunos da escola, os contos e as lendas africanas ganham novas interpretações. E o papel do negro no Brasil torna-se objeto de discussão.

REVISTA RAÇA – Edição 115, outubro de 2007

No exemplo 1, a oração adjetiva “que reúne atividades voltadas para a comunidade do bairro Nova Califórnia” apresenta como Tema o pronome relativo “que”, ao relacionar a nova oração com a anterior e ao se referir ao termo “projeto ‘África-Brasil’”. O pronome “que” desempenha a função de Sujeito no sistema de modo oracional e de Participante no sistema de transitividade, caracterizando-se, portanto, como Tema não-marcado.

que	reúne atividades voltadas para a comunidade do bairro Nova Califórnia
Tema Textual e Tema Ideacional	Rema

No exemplo 2, a seguir, o pronome relativo “onde”, em ambas as orações em que aparece, relaciona a oração em que está presente à oração precedente – na oração “onde viveu até 1980”, o termo se refere à palavra “Itália”, funcionando, aqui, como Circunstância no sistema de transitividade; na oração “onde vive até hoje”, o pronome se refere a “Rio de Janeiro”, também tendo a função de Circunstância. É interessante notar que, nos dois casos, o pronome aparece como Tema marcado, pois não conflui com a função de Sujeito no sistema de modo oracional.

exemplo 2:

Miguel Paiva é cartunista, diretor de arte, escritor, ilustrador, publicitário e jornalista. Nasceu em 1950 na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou a carreira aos dezesseis anos, escrevendo para o Jornal dos Sports. Em 1974 foi para a Itália, **onde (T) viveu até 1980 (R)**. Lá começou a criar e publicar alguns de seus personagens. De volta ao Brasil, instalou-se em São Paulo durante nove anos, voltando para o Rio de Janeiro em 1992, **onde (T) vive até hoje (R)**.

Suas conhecidas criações, a Radical Chic e o Gatão de Meia Idade, têm circulado nos últimos anos em diversos veículos de comunicação, além de terem sido personagens de livros – ela, de quatro; ele, de dois. Em parceria com Luís Fernando Veríssimo, Miguel também produziu cinco livros com as aventuras do detetive Ed Mort.

(...)

http://guiadasemana.com.br/event.asp?ID=16&cd_event=13025

onde	viveu até 1980
onde	vive até hoje
Tema Textual e Tema Ideacional	Rema

Os pronomes interrogativos, por sua vez, tendem a funcionar concomitantemente como Temas Interpessoais, ao indicarem pergunta de conteúdo, e como Temas Ideacionais,

desempenhando, no sistema de transitividade, uma das seguintes funções: Participante, Circunstância ou Processo. Um exemplo disso pode ser verificado no último verso da letra da música “Metade”, de Adriana Calcanhoto; o pronome interrogativo “onde” acumula dupla função. Na organização da mensagem, desempenha a função de Tema não-marcado, porque sinaliza uma pergunta de conteúdo; no sistema de transitividade, exerce a função de Circunstância de lugar.

METADE

Eu perco o chão / Eu não acho as palavras / Eu ando tão triste / Eu ando pela sala / Eu perco a hora / Eu chego no fim / Eu deixo a porta aberta / Eu não moro mais em mim / Eu perco as chaves de casa / Eu perco o freio / Estou em milhares de cacos / Eu estou ao meio / **Onde será que você está agora?**

3.9 TEMAS EM COMPLEXOS ORACIONAIS

Nos itens precedentes, a Estrutura Temática foi analisada apenas no âmbito da oração, ou seja, Tema e Rema pertencendo aos limites da oração. O princípio temático da organização textual é válido também para unidades maiores que a oração, isto é, a Estrutura Temática também se manifesta em um complexo oracional, em um parágrafo (nos textos escritos) e no texto como um todo. Martin, Matthiesen & Painter (1997:26) sustentam isso ao afirmarem o que segue:

The Thematic principle of textual organization can also be seen operating with respect to units larger than clause (also for smaller units. See IFG Chapter 6.). One such case is where two or more clauses are linked together within a ‘clause complex’ (the sentence of written English). Where a dependent (modifying, subordinate) clause precedes the main clause it can be interpreted as having thematic status for the clause complex as a whole, as in *Although the play was well acted, the characters ultimately failed to engage our sympathies*. (See 3.7 below.) In a similar way, the initial clause complex of a paragraph may be seen as functioning as a kind of ‘paragraph Theme’ (the Topic Sentence of traditional accounts), while the introductory paragraph itself has a thematic status *vis-à-vis* the text as a whole³⁷.

No caso dos complexos oracionais, as relações entre as orações são de dois tipos:

(a) Parataxe – a oração primária é iniciadora e a secundária é a continuadora, ou seja, a relação entre os elementos é de igual estatuto;

(b) Hipotaxe – há uma oração dominante e uma oração dependente, sendo que o elemento modificador está dependente do elemento modificado. Assim, o Tema, quando no nível acima da oração, no caso de Hipotaxe, pode ser também representado por uma oração principal na ordem canônica – oração dominante + oração dependente – ou por uma oração dependente na ordem marcada – oração dependente + oração dominante.

³⁷ O excerto pode ter tradução livre como segue: “O princípio temático de organização textual pode também operar em relação a unidades maiores do que a oração individual (também para unidade maiores. Ver IFG, capítulo 6.). Um caso desse tipo ocorre quando duas ou mais orações estão ligadas dentro de um ‘complexo oracional’ (a sentença do inglês escrito). Onde uma oração dependente (modificadora, subordinada) precede a oração principal, aquela pode ser interpretada como tendo estatuto temático para o complexo oracional como um todo – exemplo: *Although the play was well acted, the characters ultimately failed to engage our sympathies*. (Veja 3.7, abaixo). De um modo similar, o complexo oracional de um parágrafo pode ser visto funcionando como um tipo de ‘Tema do parágrafo’ (a Sentença-Tópico numa abordagem tradicional), enquanto o parágrafo introdutório tem um estatuto temático em relação ao texto como um todo”.

O seguinte quadro sistematiza a relação entre os processos de Parataxe e de Hipotaxe no complexo oracional:

Relação entre as orações no complexo oracional³⁸

relação ↓	oração	oração
Parataxe	1 (iniciadora)	2 (continuadora)
Hipotaxe (ordem não-marcada)	α (dominante)	β (dependente)
Hipotaxe (ordem marcada)	β (dependente)	α (dominante)

No caso de parágrafos, a oração ou o complexo oracional que o inicia normalmente funciona como o Tema do parágrafo, pois tende a revelar sobre o que este trata, ou seja, o ponto de partida do escritor para desenvolver a mensagem. Seguindo-se o mesmo raciocínio, o parágrafo introdutório de um texto geralmente tem o estatuto temático com relação ao texto como um todo, apresentando a idéia principal que será desenvolvida no decorrer do texto.

(a) Temas em Parataxe

Na parataxe (orações coordenadas), como as orações são consideradas independentes entre si, isto é, têm ambas o mesmo estatuto, apresentam, cada uma, sua

³⁸ Cabe salientar que os símbolos α e β são usados para representar, respectivamente, orações dominantes e orações dependentes em processo de Hipotaxe, ao passo que os números **1** e **2** indicam, na Parataxe, oração iniciadora e oração continuadora, respectivamente.

Estrutura Temática, seus próprios constituintes: Tema e Rema. Isso pode ser exemplificado no período representado abaixo:

[A Torre dos Clérigos] foi começada em 1754 e [ela] [foi] concluída em 1763 sob a direcção do arquitecto italiano Nicolau Nasoni.

Oração 1

[A Torre dos Clérigos]	foi começada em 1754
Tema	Rema

Oração 2

e [ela]	[foi] concluída em 1763 sob a direcção do arquitecto italiano Nicolau Nasoni
Tema	Rema

Orações 1 e 2

[A Torre dos Clérigos]	foi começada em 1754	e	[ela]	[foi] concluída em 1763 sob a direcção do arquitecto italiano Nicolau Nasoni
Tema Ideacional 1	Rema 1	Tema Textual 2	Tema Ideacional 2	Rema 2

Outro exemplo, retirado do mesmo material dos períodos que exemplificam Temas Simples pode ser verificado abaixo:

A discriminação está errada, é ilegal e é um desperdício de talentos e de competências.

oração 1	A discriminação (T1)	está errada (R1)
oração 2	[a discriminação] (T2)	é ilegal (R2)
oração 3	[a discriminação] (T3)	é um desperdício de talentos e de competências (R3)

Quadro-resumo do tipo de análise temática em orações que têm relação de Parataxe

Tipo de relação ↓	Oração ↓	Oração ↓	Tipo de análise temática ↓
PARATAXE	1 (iniciadora)	2 (continuadora)	Cada oração tem sua própria Estrutura Temática: T1→R1 + T2→R2

(b) Temas em Hipotaxe

Na hipotaxe, há uma oração dominante e uma dependente, logo há uma hierarquia entre as orações no complexo oracional. Bloor & Bloor (1995: 182), em relação à Hipotaxe no complexo oracional, afirmam o seguinte:

The decision to put the dependent clause before or after the clause on which it depends (the *dominant* clause) is not an arbitrary one. There are significantly different meanings attached to such choices, notably those identified with the functions of Theme and Rheme (...) Clearly, however, placing a clause at the beginning of a clause complex suggests a thematic role for that clause as a whole in relation to the other clause(s) within the complex.

The thematically unmarked sequence is:
dominant clause followed by dependent clause:
 α, β .

The thematically marked sequence is dependent clause followed by dominant clause: β, α .³⁹

No caso da **ordem marcada** (oração dependente + oração dominante), duas possibilidades de análise temática ocorrem.

Análise 1. A oração dependente (β) pode ser considerada o Tema do complexo oracional, cabendo à oração dominante (α) o papel de Rema. Halliday (1985:57), discorrendo sobre o complexo oracional, ilustrando-o com “Give that teapot away if you don’t like it”, afirma o que segue:

In a clause complex of this kind the typical sequence of the parts is the one just illustrated, with the Modifying clause following the Head clause. But the reverse order is also possible, with the Modifying clause preceding; and where that order is used, the motive is thematic. If I say *if you don’t like that teapot, give it away*, the effect is to thematize your imputed dislike of the teapot (...).⁴⁰

Quando ocorre inversão (ordem marcada), a causa é temática; então, a oração dependente e a oração dominante equivaleriam, respectivamente, a Tema e Rema. Tal forma de análise temática também encontra respaldo em Martin, Mathiessen & Painter

³⁹ O extrato pode ser livremente traduzido da seguinte forma: “A decisão de colocar a oração dependente antes ou depois da oração de que esta depende (a oração *dominante*) não é arbitrária. Há diferentes significados importantes associados a tais escolhas, notavelmente aqueles identificados com a função de Tema e Rema discutidos nos Capítulos 4 e 5. (...) Claramente, contudo, ao colocar uma oração no começo de um complexo oracional, isso sugere um papel temático para aquela oração como um todo em relação à(s) outra(s) oração(ões) dentro do complexo. A seqüência não-marcada tematicamente é a seguinte: oração dominante seguida por oração dependente: α, β . A seqüência marcada tematicamente é a seguinte: oração dependente seguida por oração dominante: β, α ”.

⁴⁰ Uma tradução livre do excerto é a que segue: “Num complexo oracional deste tipo, a seqüência típica das partes é aquela recém ilustrada, com a oração dependente seguindo a dominante. Mas, a ordem inversa é também possível, com a oração dependente precedendo a dominante; e, quando tal ordem é usada, o motivo é temático. Se eu digo ‘se você não gosta do bule, dê-o’, o efeito é tematizar sua não apreciação ao bule”.

(1997:26), já mencionado, no presente trabalho, na página 85. Thompson (1996:132), sobre o assunto, se posiciona da seguinte forma:

(...) In analyzing a text, as we shall see, the way in which the Themes work to signal the **'method of development'** (Fries, 1981) of the text emerges more clearly if dependent clauses in initial position are taken as the point of departure for the whole clause complex (...) This applies both to finite and non-finite clauses.⁴¹

Um exemplo para a aplicação deste critério de análise temática pode ser observado no complexo oracional destacado em negrito no excerto abaixo e analisado na seqüência:

GÊMEOS
(21/5 A 20/6)

⁴¹ O excerto tem tradução livre a seguir: “(...) Ao analisar um texto, como nós veremos, o modo no qual os Temas funcionam para sinalizar o **'método de desenvolvimento'** (Fries, 1981) do texto emerge mais claramente se as orações dependentes em posição inicial são consideradas como ponto de partida para o complexo oracional como um todo (...) Isso se aplica tanto a orações finitas como a não-finitas”.

Inteligente, versátil e com raciocínio rápido, você tem um dom incrível para se comunicar e se adaptar às situações. Coloca entusiasmo em tudo o que faz e, graças a isso, raramente se deixa abalar por coisas bobas. No **setor afetivo**, demora para se envolver, pois quer ter ao seu lado alguém companheiro e leal. *Quando encontra esse par, inventa mil formas de surpreendê-lo e quebrar a rotina.* O diálogo é sua arma para superar os problemas da relação. No **trabalho**, a versatilidade é o seu ponto forte: é capaz de fazer várias coisas ao mesmo tempo e vive de olho no que ocorre ao seu redor; assim, não perde oportunidades. Gosta de autonomia e tem muito pique para cumprir as tarefas. Ver suas idéias serem reconhecidas é seu maior desejo. Na **vida social**, faz amigos facilmente, graças a seu carisma e seu jeito brincalhão. E, para alegria de todos, você sempre cria um programa interessante. Seus gestos ágeis dão aos outros a impressão de que será eternamente jovem.

(Fonte: Revista Astral Anual 2008, Ano 23. p. 7-8)

É importante salientar que o produtor do texto colocou em negrito, intencionalmente, os termos “setor afetivo”, “trabalho” e “vida social”, destacando-os para informar ao leitor as características dos gemininos referentes a cada uma dessas áreas. Mapeando-se os Temas do texto, observa-se que, em sua grande maioria, o Tema conflui com a função interpessoal de Sujeito – “você”. Exceções são feitas justamente nas orações iniciadas pelas Circunstâncias “no setor afetivo”, “no trabalho” e “na vida social” – Temas marcados. Para se manter tal paralelismo, pode-se considerar a oração dependente “quando encontra esse par” como temática em relação à oração dominante seguinte – “inventa mil formas de surpreendê-lo e quebrar a rotina”. A oração dependente também representa uma Circunstância, podendo ser transformada no grupo preposicional “no encontro desse par”, ou, ainda, “no amor”, marcando mais uma área da vida pessoal do geminiano que se pretende destacada pelo produtor do texto.

Assim, o complexo oracional *Quando encontra esse par, inventa mil formas de surpreendê-lo e quebrar a rotina* tem a seguinte Estrutura Temática:

Quando encontra esse par,	[você] inventa mil formas de surpreendê-lo e quebrar a rotina.
Tema oração β (dependente)	Rema oração α (dominante)

Análise 2. Cada oração pode ser analisada independentemente, contendo cada uma Tema e Rema próprios. O exemplo anterior será analisado, na seqüência, com base neste critério.

Quando [você]	encontra esse par,
Tema 1	Rema 1

[você]	inventa mil formas de surpreendê-lo e quebrar a rotina.
Tema 2	Rem 2

É relevante frisar que ambas as análises são preconizadas pela GSF, cabendo ao investigador adotar aquela que melhor se adapta à estrutura do texto em questão. No exemplo mencionado, a primeira análise parece mais pertinente, visto que, para se manter o paralelismo de mesma função sintática – Circunstância no sistema de transitividade –, optou-se por considerar toda uma oração dependente como Tema para a dominante que a sucede. Isso é justificável no texto analisado, conforme já explicitado.

Quadro-resumo das formas de análise temática em orações marcadas em relação de Hipotaxe

Relação ↓	Oração ↓	Oração ↓	Análise temática ↓
---------------------	--------------------	--------------------	------------------------------

HIPOTAXE (ordem marcada)	β (dependente)	α (dominante)	<p>1. Cada oração tem sua própria Estrutura Temática: T1→R1 + T2→R2</p> <p>2. A primeira oração (dependente) é Tema e a segunda oração (dominante) é Rema</p>
------------------------------------	-------------------------	-------------------------	---

O pesquisador, neste trabalho, adota ambos os tipos de análise temática quando as orações estiverem na ordem marcada, embora com distinções. Quando as orações dependentes manifestarem idéia de circunstância, estas poderão ser consideradas como Tema do complexo oracional, dependendo de sua função no texto como um todo. Nos demais casos, porém, a postura adotada é a de considerar cada oração do período composto isoladamente, ou seja, cada oração contendo seus respectivos Tema e Rema.

No caso da **ordem não-marcada** – oração dominante + oração dependente –, duas possibilidades de análise temática são contempladas a seguir:

Análise 1. O Tema da primeira oração é considerado como Tema de todo o complexo oracional; o que se sucede ao Tema é considerado Rema. Tal critério é colocado por associação ao critério que identifica uma oração dependente como Tema da oração dominante que a sucede. Em outras palavras, a oração dependente é considerada como ponto de partida para o complexo oracional como um todo. Conforme Thompson (1997:133):

(...) The corollary of this is that when the dominant clause comes first, the Theme of that clause functions

as Theme for the whole clause complex, including the dependent clause. (...) ⁴²

Um exemplo de complexo oracional retirado do mesmo texto da página 91 – *O diálogo é sua arma para superar os problemas da relação* – pode ser verificado a seguir, com base nesse critério de análise temática:

O diálogo	<i>é sua arma para superar os problemas da relação</i>
Tema	Rema

Análise 2. Cada oração do complexo possui seu próprio Tema e seu próprio Rema.

No primeiro exemplo, então, o complexo oracional *O diálogo é sua arma para superar os problemas da relação*, segundo este critério, seria analisado tematicamente da seguinte forma:

O diálogo	<i>é sua arma</i>
Tema 1	Rema 1
para [você]	<i>superar os problemas da relação</i>
Tema 2 (Tema Textual + Tema Ideacional)	Rema 2

A seguir, há um quadro que sintetiza as relações de Hipotaxe quanto aos dois tipos de análise temática possíveis em orações não-marcadas:

⁴² Uma tradução livre do excerto segue: “A decorrência disso é que, quando a oração dominante vem primeiro, o Tema dessa oração funciona como Tema de todo o complexo oracional, incluindo a oração dependente”.

Quadro-resumo das formas de análise temática em orações não-marcadas em relação de Hipotaxe

Relação	Oração	Oração	Análise temática
↓	↓	↓	↓
HIPOTAXE (ordem canônica)	α (dominante)	β (dependente)	<p>1. Cada oração tem sua própria Estrutura Temática: $T1 \rightarrow R1 + T2 \rightarrow R2$</p> <p>2. O Tema da primeira oração vale como Tema do complexo oracional, sendo o restante o Rema</p>

O investigador, a princípio, adota o segundo critério de análise temática no caso de complexos oracionais em ordem não-marcada; exceção é feita a textos que exijam, pela continuidade de seus Temas, a adoção do primeiro critério.

A fim de sintetizar as relações de Parataxe e de Hipotaxe, há um quadro-resumo a seguir, explicitando os critérios de análise possíveis trabalhados em Sistêmica.

Quadro-resumo sobre as relações entre as orações no complexo oracional

Relação	Oração	Oração	Análise temática
↓	↓	↓	↓
PARATAXE	1 (iniciadora)	2 (continuadora)	Cada oração tem sua própria Estrutura Temática: $T1 \rightarrow R1 + T2 \rightarrow R2$
HIPOTAXE (ordem canônica)	α (dominante)	β (dependente)	<p>1. Cada oração tem sua própria Estrutura Temática: $T1 \rightarrow R1 + T2 \rightarrow R2$</p> <p>2. O Tema da primeira oração vale como Tema do complexo oracional, sendo o restante o Rema</p>
HIPOTAXE (ordem marcada)	β (dependente)	α (dominante)	<p>1. Cada oração tem sua própria Estrutura Temática: $T1 \rightarrow R1 + T2 \rightarrow R2$</p> <p>2. A primeira oração (dependente) é Tema e a segunda oração (dominante) é Rema</p>

3.10 ESTRUTURAS TEMATIZADORAS

Além dos Temas citados anteriormente, há tipos específicos de Tema que merecem ressalva, porque têm características peculiares. Nos casos a seguir, os falantes/escritores, a partir das escolhas temáticas, estabelecem pontos de partida específicos para as mensagens a serem veiculadas nas orações. A utilização de tais estruturas, explicadas e exemplificadas a seguir, permite verificar de que modo o locutor engendra a mensagem segundo suas próprias intenções.

A construção Equativa Temática é um tipo de oração em que Tema e Rema são equivalentes, portanto intercambiáveis; assim Tema = Rema, como numa equação. O falante/escritor utiliza o recurso de agrupar em posição temática elementos que, juntos, representam um único constituinte. Segundo Halliday (2004:69):

In a thematic equative, all the elements of the clause are organized into two constituents; these two are then linked by a relationship of identity, a kind of ‘equals sign’, expressed by some form of the verb *be*⁴³. (...)

Halliday (2004:71), ainda sobre a equativa, afirma que ela “actually realizes two distinct semantic features, which happen to correspond to the two senses of the word

⁴³ A passagem tem a tradução livre que segue: “Numa equativa temática, todos os elementos da oração são organizados em dois constituintes; estes dois são, então, ligados por uma relação de identidade, um tipo de ‘sinal de igual’ expresso por alguma forma do verbo *ser*”.

identity. On the one hand, it identifies (specifies) what the Theme is; on the other hand, it identifies it (equates it) with Rheme⁴⁴.

As equativas temáticas podem ser reescritas de modo que essa equivalência Tema-Rema desapareça. Um exemplo de Equativa Temática pode ser verificado na oração destacada em negrito no poema:

<p>A VACA (Veronica Stigger)</p> <p>Quando abri a bolsa vermelha</p> <p>só o que vi foram as pernas da vaca espremidas entre a carteira e a máquina de calcular.</p> <p>(Fonte: Revista Vida Simples, ed. 57 – Ed. Abril: set. 2007. p. 82)</p>
--

Só o que vi	foram as pernas da vaca espremidas entre a carteira e a máquina de calcular.
Tema	Rema

Possibilidade sintática de inversão

Foram só as pernas da vaca espremidas entre a carteira e a máquina de calcular	o que vi
Tema	Rema

⁴⁴ O trecho pode ser livremente traduzido da seguinte forma: “[a equativa] realmente realiza duas características semânticas distintas, que correspondem a dois sentidos da palavra *identificar*. Por um lado, ela identifica (especifica) o que o Tema é; por outro, ela o identifica (torna-o igual a) com o Rema”.

Reescritura da oração

Só as pernas da vaca espremidas entre a carteira e a máquina de calcular	eu vi
Tema	Rema

Os Temas Predicados, por sua vez, referem-se às denominadas “cleft sentences”, chamadas orações partidas ou clivadas em algumas gramáticas formais. Dizem respeito à seleção de um elemento da mensagem que não estaria a rigor em posição temática, com o intuito de dar-se estatuto temático para salientar uma situação de contraste entre este elemento e outros disponíveis no sistema que não foram utilizados para tal fim.

Adios, señor Beckham

David Beckham começa no dia 1 de julho, domingo, a sua passagem milionária por Los Angeles. E foi ao jeito de Hollywood que se despediu de Espanha: primeiro houve incerteza e drama, e depois o final feliz (...)

E foi ao jeito de Hollywood (T) que [David Beckham] se despediu de Espanha: primeiro houve incerteza e drama, e depois o final feliz (...).

(Fonte: Revista portuguesa Sábado, nº 164, p. 19, 2007)

A predicação tem, portanto, a função, na escrita, de indicar ao leitor que a Informação Nova está presente no Tema, sendo contrastiva; dessa forma, a estrutura de Tema Predicado é frequentemente relacionada a contraste. Quanto à discussão mais acurada sobre Informação Dada e Informação Nova, isso será foco do próximo capítulo.

Outro exemplo de Tema Predicado pode ser verificado na oração destacada em itálico no trecho a seguir:

Queria saber há quanto tempo estou mofando aqui. Não tem espelho. Se quebrarem viram cacôs. Arma. Me enxergo no reflexo dos vidros das janelas e me acho igual. Igualzinho. Igual a quem, não sei. A Rosana me achava bonito. A Rosana. Você conheceu. Você casou com ela? *Foi a Rosana (T) que esteve aqui?* Me olhou com uma cara de pena. Tão feia.

MEDEIROS, Martha. Tudo que eu queria te dizer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 77)

Foi a Rosana	que esteve aqui
Tema Predicado	Rema

Outra estrutura tematizadora é o Comentário Tematizado que, segundo Ventura & Lima-Lopes (2002), “permite que os escritores/falantes tematizem seu próprio comentário a respeito do valor ou da validade do que dirão a seguir (...)”. Os autores citam como exemplo a estrutura que segue: *É verdade que ele errou ao dar o dinheiro aos bicheiros*.

Cabe uma consideração a respeito da análise feita pelos autores – a expressão “é verdade que” corresponde a uma modalização. Dessa forma, para Halliday, “é verdade que” seria caracterizado como Tema Interpessoal, sendo o elemento experiencial a seguir, “ele”, identificado como Tema Ideacional. A análise ficaria formalizada como segue:

É verdade que	ele	errou ao aceitar o dinheiro dos bicheiros
Tema Interpessoal	Tema Ideacional	Rema

Talvez, aqui, o exemplo dado pelos autores não fosse o mais adequado para ilustrar o caso do Comentário Tematizado. Um exemplo viável para isso está na oração grafada em itálico no seguinte trecho:

<p>CARTA DOS LEITORES</p> <p>(16)</p> <p><i>[É] Impressionante a declaração dada pelo pai de um dos psicopatas que espancaram impiedosamente a empregada doméstica Sirley.</i> [O pai] Alegou não ter sentido o fato de seu filho – que estuda, tem boa família e é uma pessoa de caráter – ficar preso junto com outros ladrões e assassinos de baixo nível. Na outra ponta desta linha do absurdo, a declaração calma e lúcida do pai da vítima foi uma verdadeira aula para os pais de todos os mauricinhos e patricinhas que pensam estar acima de tudo e de todos. Todos deveriam ouvi-lo.</p> <p style="text-align: right;">(Wilson GORDON PARKER, por e-mail, 26/06, Nova Friburgo, RJ)</p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Jornal O Globo, Primeiro Caderno, 27/06/2007)</p>
--

[É] Impressionante	a declaração dada pelo pai de um dos psicopatas que espancaram impiedosamente a empregada doméstica Sirley.
Comentário Tematizado	Rema

Comentários tematizados são muito comuns em textos argumentativos, tendo em vista a necessidade de o locutor se posicionar explicitamente frente ao assunto sobre o qual defende determinado ponto de vista.

Outro tipo peculiar de Tematização é a Metáfora Gramatical, expressão utilizada para significar algo que já foi significado por outra, ou seja, um significado anteriormente realizado de um jeito é, agora, realizado de outra forma. Denomina-se gramatical, porque o

que está sendo substituído não é uma palavra (um item lexical), mas uma classe gramatical. Em outros termos, tenta-se manter o significado, modificando-se a forma de realização, o que é denominado de “transcategorização” – derivar uma classe de palavra de outra. Segundo Halliday (2003:414):

Gramatical metaphor is what turns move into motion, resist into resistance, fail into failure, long into length, can into possible, so (‘therefore’) into cause (verb or noun). It is metaphor because it involves cross-coupling between semantics and lexicogrammar: an expression is being used to mean something that has usually been meant by something else. (Better: a meaning that has usually been realized in one way is now being realized in another.) It is grammatical because what is being cross-coupled is not a word (that is, not a lexical item, or “lexeme”) but a class: a noun is doing the job of a verb or adjective, an adjective that of a modal verb, a verb is doing the job that has been done by a conjunction. And there are others.

As metáforas gramaticais se distinguem, portanto, das metáforas lexicais, visto que estas se caracterizam pela manutenção da mesma classe gramatical, ao se substituir um termo por outro, tentando se conservar o mesmo tipo de relação semântica. Estas são comuns em textos literários, ao passo que aquelas aparecem com mais frequência na escrita científica, que exige um alto grau de abstração, na condensação de informações por meio dos termos lexicais utilizados.

Um exemplo de metáfora gramatical pode ser verificado no complexo oracional a seguir, já mencionado na página 79 na exemplificação de Tema Múltiplo:

Talvez tu não a leias mas quem sabe até darás / Resposta imediata me chamando de meu bem /

(1) Análise metafórica:

Talvez tu não a leias **mas quem sabe até darás / Resposta imediata** me chamando de meu bem /

Divisão das orações:

1ª oração: talvez (Tema Interpessoal) / tu (Tema Ideacional) não a leias (Rema)

2ª oração: mas (Tema Textual) quem sabe (Tema Interpessoal representado por uma metáfora gramatical) / [tu] até darás resposta imediata (Rema)

3ª oração: me (Tema Ideacional) / chamando de meu bem (Rema)

mas	quem sabe (talvez)	[tu] até me darás resposta imediata
Tema Textual	Tema Interpessoal, representado por uma metáfora gramatical	Rema

(2) Análise não-metafórica:

Talvez tu não a leias mas quem sabe até darás / Resposta imediata me chamando de meu bem /

Divisão das orações:

1ª oração: Talvez (Tema Interpessoal) tu (Tema Ideacional) / não a leias (Rema)

2ª oração: mas (Tema Textual) quem (Tema Ideacional) / sabe (Rema)

3ª oração: [tu] (Tema Ideacional) até darás resposta imediata (Rema)

4ª oração: me (Tema Ideacional) chamando de meu bem (Rema)

Outro tipo de estrutura tematizadora são os Temas Prepostos, que ocorrem em situações de fala, ou em textos escritos que têm caráter informal ou transcrevem a fala. O Tema Preposto, então, caracteriza o fato de o falante separar o Tema como um constituinte isolado e, posteriormente, retomá-lo por um pronome anafórico no Rema. Um exemplo de Tema Preposto está presente na oração *Meu quarto, por que devo deixá-lo todas as manhãs?*, retirada do excerto da página 73 e apresentada como exemplo também de Complemento em posição temática. Nessa oração, o Tema é retomado, posteriormente, pelo pronome oblíquo “o”.

Meu quarto,	por que devo deixá- lo todas as manhãs?
Tema	Rema

3.11 OUTROS TIPOS DE TEMA

Um tipo distinto de Tema ocorre com as orações dependentes não-finitas (reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo); estas, quando iniciadas pelo verbo, caracterizam-se apenas como Rema. Se houver elemento(s) precedendo tais orações, estes serão considerados Temas. A oração em negrito no período a seguir, já explorado por outros motivos nas páginas 79 e 102, ilustra tal situação:

Talvez tu não a leias mas quem sabe até darás / Resposta imediata **me chamando de meu bem** /

→ oração reduzida de gerúndio: **me chamando de meu bem**

me	chamando de meu bem
Tema	Rema

Mais um exemplo pode ser verificado no período destacado em negrito no excerto a seguir:

Parlamentar iraniano defende punição para homossexuais

14/11/2007

Por Redação

Político do alto escalão iraniano surpreendeu parlamentares ingleses ao afirmar que homossexuais devem ser torturados e executados. Mohsen Yahyavi fez o infeliz comentário durante uma conferência, quando se discutia a violência com que dois jovens iranianos menores de 18 anos foram presos e executados sob a acusação de serem gays.

Yahyavi justificou a ação, dizendo que o Islã não permite a homossexualidade e que homens e mulheres existem para procriar. Para a parlamentar britânica An Cclwyd (foto), é preocupante que atitudes como esta ainda persistam.

(http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/11_101_64106.shtml)

Divisão das orações:

oração 1: Yahyavi justificou a ação

oração 2: dizendo

oração 3: que o Islã não permite a homossexualidade

oração 4: e que homens e mulheres existem para procriar

oração 2

-----	dizendo
Tema	Rema

Quanto às orações encaixadas, estas são rebaixadas do nível das orações e passam a funcionar como estrutura do nível do grupo; é o caso das orações adjetivas restritivas (quando desenvolvidas ou reduzidas), que não se encontram em relação de subordinação/dependência com outra oração, isto é, não formam com esta um complexo oracional, mas uma só oração. Segundo Halliday (2004:100),

The thematic structure of such clauses is the same as that of dependent clauses. However, because of their down-ranking, the fact that they do not function as constituents of a sentence, their thematic contribution to the discourse is minimal, and for practical purposes can be ignored.⁴⁵

Exemplos de orações encaixadas (destacadas em itálico) são mencionados a seguir, nos períodos já citados no item relativo ao Tema Simples – página 66. O primeiro é de uma oração adjetiva reduzida; o segundo apresenta uma oração adjetiva reduzida de participio; o terceiro, por sua vez, apresenta uma oração reduzida de gerúndio. É interessante notar que, nos três casos, os termos em itálico modificam os termos ou expressões que os antecedem, logo deixam, pela teoria sistêmica, de ser considerados orações e passam a integrar um único grupo, juntamente com o termo que modificam, conforme assinalado em negrito.

⁴⁵ A tradução livre do excerto pode ser verificada a seguir: “A estrutura temática de tais orações é a mesma das orações dependentes. Contudo, em função do seu rebaixamento, o fato de elas não funcionarem como constituintes de uma sentença, sua contribuição temática para o discurso é mínima, e por razões práticas pode ser ignorada”.

Mais da metade dos jovens europeus que são gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais (T) já foram alvo de preconceito ou discriminação nas escolas e nas famílias.

A legislação europeia aprovada em 2002 (T) proíbe toda e qualquer discriminação em razão da religião ou credo, raça ou origem étnica, deficiência, idade ou orientação sexual não só no âmbito do emprego, como noutras áreas como a educação, a segurança social, os cuidados de saúde e o acesso a bens e serviços.

Os imigrantes e as minorias étnicas vivendo em áreas urbanas menos favorecidas são muitas vezes confrontados com o risco acrescido de exclusão social – devido ao local onde vivem, à sua etnia e nacionalidade.

Mais dois exemplos retirados do mesmo material mencionado em nota de rodapé da página 65 vêm a seguir.

Todas as pessoas que se encontrarem no território da União (T) estão protegidas contra qualquer tipo de discriminação baseada nos motivos referidos supra.

Os valores que devem ser ensinados (T) são aqueles que afirmam o respeito pelo outro e o interesse manifesto pelos sentimentos dos outros, independentemente das suas diferenças

No caso das orações adjetivas explicativas, a relação com a outra oração é de dependência, formando com esta um complexo oracional. Quando a oração dependente começar por um pronome relativo, este elemento caracteriza-se por desempenhar, simultaneamente, conforme visto nas páginas 82, 83 e 84, as funções de Tema Textual (os pronomes relativos, como elementos estruturais, exercem função coesiva) e de Tema Ideacional (os pronomes relativos desempenham também função no sistema de transitividade da oração). O exemplo a seguir ilustra tal situação:

Terra Estrangeira.

Dir. Walter Salles Jr. e Daniela Thomas
Brasil, 1995.

Por – Igor Jose de Renó Machado e Gustavo Adolfo Pedrosa Daltro Santos [1]

As fronteiras da Terra Estrangeira

Depois de filmar o criticado *A Grande Arte* e antes do sucesso alcançado com *Central do Brasil*, Walter Sales Jr. dirigiu uma belíssima história em que trata da solidão vivida pelos imigrantes. Em *Terra Estrangeira* vemos a história de Paco (Fernando Alves Pinto) e sua mãe espanhola (Laura Cardoso), **que desejam conhecer a terra de seus antepassados.**
(...)

Na oração adjetiva destacada no texto, o pronome relativo “que” se refere aos termos da oração anterior – “Paco (Fernando Alves Pinto) e sua mãe espanhola (Laura Cardoso)”. O pronome desempenha a função de Sujeito da segunda oração no sistema de modo oracional.

Em Terra Estrangeira	vemos a história de Paco (Fernando Alves Pinto) e sua mãe espanhola (Laura Cardoso),
Tema 1	Rema 1

que	desejam conhecer a terra de seus antepassados
Tema 2 (Tema Textual e Ideacional)	Rema 2

A exceção em relação às explicativas é feita quando estas estão interpolando o Tema, completando-o, especificando-o; neste caso, as explicativas participam do Tema, conforme pode ser verificado na segunda oração do texto a seguir, o qual é esmiuçado para se averiguar os diferentes usos das restritivas e das explicativas. Mais sobre Interpolação do Tema pode ser observado (inclusive com mais exemplos) nas páginas 116 e 117.

Quero mais!

Os alimentos orgânicos produzidos pela Lapinha Clínica e SPA Naturista agora estão disponíveis em mercados e empórios do Paraná e de São Paulo. A clínica – fundada em 1972 com base na medicina naturista, que considera a saúde integral do ser humano – faz queijos, geléias, conservas, pães e biscoitos integrais e orgânicos, como este, de aveia, que deixou saudades aqui na redação. Os ingredientes são cultivados no local ou comprados de pequenos agricultores participantes de um projeto de incentivo à agroecologia familiar mantido pela clínica. Confira os pontos de venda no www.revistavidasimples@com.br.

Lapinha
(41)3622-1044
www.lapinha.com.br
7 reais (200 gramas)

Fonte: Revista Vida Simples nº 57, Ed. Abril, dez. 2007. p. 72

Divisão das orações:

1ª oração: **Os alimentos orgânicos** *produzidos pela Lapinha Clínica e SPA Naturista* (T) agora estão disponíveis em mercados e empórios do Paraná e de São Paulo.

→ A parte em itálico é uma oração rebaixada

2ª oração: **A clínica** – *fundada em 1972 com base na medicina naturista, que considera a saúde integral do ser humano* – (T) faz queijos, geléias, conservas, pães e biscoitos integrais e orgânicos, como este, de aveia,

→ A parte em negrito é constituída por duas orações adjetivas explicativas: a primeira é reduzida de participio; a segunda é uma oração desenvolvida. Como ambas estão interpoladas ao Sujeito “A clínica”, não podem ser analisadas separadamente, mas como constitutivas do mesmo Tema.

3ª oração: **que** (T) deixou saudades aqui na redação.

→ Toda a oração é adjetiva explicativa, sendo analisada separadamente em seus constituintes na Estrutura Temática: Tema e Rema.

4ª oração: **Os ingredientes** (T) são cultivados no local

5ª oração: **ou** (Tema Textual) **[os ingredientes]** (Tema Ideacional) [são] comprados de pequenos agricultores participantes de um projeto de incentivo à agroecologia familiar *mantido pela clínica*.

→ A parte destacada em negrito é uma oração adjetiva restritiva reduzida de participio, a qual foi rebaixada de nível, constituindo, junto à expressão “à agroecologia familiar” um grupo preposicional.

6ª oração: **[Eu desejo que você]** (T) Confira os pontos de venda no www.revistavidasimples@com.br.

As frases nominais (*minor clauses*), por sua vez, como não possuem verbo, não têm estrutura de modo oracional nem de transitividade; não são, portanto, consideradas orações, pois não têm função independente no discurso e não apresentam estrutura temática. Para ilustrar esse tipo de estrutura, há os termos em negrito nos excertos abaixo:

O Ano Europeu não acontece apenas em Bruxelas, nem só nas capitais europeias! **Muito pelo contrário.** Ao longo de 2007, várias actividades, conferências e projectos terão lugar em cada país, por todas as regiões e cidades. Cada país selecciona as áreas prioritárias e as actividades nacionais que irão receber apoios comunitários. Exemplos de actividades que serão realizadas: premiar empresas com fortes políticas de diversidade, organizar concursos para escolas sobre o tema do respeito e tolerância, montar exposições temáticas, promover e divulgar estudos para um melhor conhecimento das situações em cada país.

É verdade, sim, que recebi o diário dela. Não é natural que nesses casos a polícia sempre mande os pertences da vítima para o parente mais próximo? Sim, eu tenho vinte e cinco anos e sou, quer dizer, eu era filho dela. **Único filho.** O que não sei é se é certo ficarem chamando ela de *vítima*, e também nem sei se posso chamar de *pertences* aquelas tralhas da sacola de plástico. (...)

ABREU, Caio Fernando. Red roses for a blue lady. In: ABREU, Caio Fernando. *Ovelhas Negras*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 174.

No caso das orações elípticas, estas se manifestam de duas formas: (a) a elipse anafórica; e (b) a elipse exofórica. A elipse anafórica ocorre quando alguma parte da oração é pressuposta, ou seja, é presumível do que foi dito anteriormente, como no caso da resposta a uma pergunta. A Estrutura Temática de tais construções depende de que parte da

oração precedente é pressuposta. Alguns desses casos são ilustrados por respostas do tipo “Sim”, “Com certeza”, entre outras, que, quando consideradas Frases Nominais, não possuem Estrutura Temática; nesse tipo de situação, o pressuposto é toda a oração precedente e não apenas parte dela.

Um exemplo de elipse anafórica pode ser verificado na parte destacada em negrito do trecho que segue:

Então o telefone tocou outra vez, e duas vezes, enquanto ele esperava que Pérsio gritasse qualquer coisa como atende aí, ou deixa tocar. Atendeu.

– Ele está tomando banho – disse. – Quem quer falar?

– **[Quem quer falar] É o Paulinho.** Diga a ele que é o Paulinho.

Chamou Pérsio, o fone nas mãos, meio confuso. O outro emergiu do corredor enrolado numa toalha branca, cabelos molhados, cara coberta de espuma, um pincel de barba na mão.

– Paulinho? – cumprimentou. – Olha, eu estou no meio de um banho. Você pode ligar depois? Daqui a pouco, sei lá. Dez minutos, quinze. Me dá um tempo, estou todo ensaboado.

ABREU, Caio Fernando. Pela Noite. In: ABREU, Caio Fernando. *Estranhos Estrangeiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 79-80.

[Quem quer falar] ↓ (elipse anafórica)	É o Paulinho
Tema	Rema

A elipse exofórica, por outro lado, ocorre quando a oração não está pressupondo nada do que foi dito anteriormente, mas simplesmente tirando proveito da estrutura retórica

da situação, especificamente dos papéis do falante e do leitor. Daí, o Sujeito e o verbo são entendidos pelo contexto. Tais orações têm, de fato, uma Estrutura Temática, mas que consiste de Rema apenas, visto o Tema ser parte do que está omitido na elipse. Halliday (2004: 100) ilustra esse tipo de elipse com exemplos tais como este: *Thirsty?* (*'are you thirsty?*), que pode ser traduzido por *'Com sede?'* (*'Você está com sede?'*).

3.12 IDENTIFICAÇÃO DO TEMA EM SITUAÇÕES PECULIARES

Quando há reprodução fiel do discurso do outro, ou seja, o discurso direto, as orações devem ser analisadas isoladamente, com seus constituintes estruturais: Tema e Rema. No trecho que segue, o enunciado destacado em negrito apresenta um caso de discurso direto.

Ele apertou com força a mão do outro. Confirmou:

– **Topo. Eu topo, sim. Claro que eu topo, Pérsio.** – E percebeu que ele estremecia um pouco. Como se visse um pouco além de tudo aquilo? Soltou seus dedos quase bruscamente para esfregar as palmas das mãos nos braços nus. – Está com frio? Por que não veste uma coisa mais quente?

ABREU, Caio Fernando. Pela Noite. In: ABREU, Caio Fernando. *Estranhos Estrangeiros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 68

[Ele]	confirmou
Tema	Rema

[Eu]	Topo
Tema	Rema

Eu	topo, sim
Tema	Rema

Claro que [eu]	topo, Pésio
Tema Interpessoal + Tema Ideacional	Rema

No caso de inversão da estrutura, a análise temática receberia o seguinte tratamento:

DEFESA
Jovem morto por tigresa nos EUA tentou salvar amigo, diz pai.
http://oglobo.globo.com/mundo/30/12/07

Jovem morto por tigresa nos EUA	tentou salvar amigo,	diz	pai
Tema 1	Rema 1	Tema 2	Rema 2

O Tema no discurso indireto merece duas formas de análise. Na primeira, a oração projetada é considerada como parte da dominante, logo só há um Tema e um Rema; outra análise possível é a de a oração projetada ser considerada separada da anterior, ou seja, cada oração contendo seus próprios Tema e Rema. A forma de análise, então, deve se adequar às propostas do pesquisador. Ambas as análises temáticas são ilustradas na seqüência, com base no período destacado em negrito no excerto a seguir:

27/12/2007 21:49

É dos nerds que elas gostam mais!

por Aline Vieira

(...)

Mas você deve estar se perguntando “Nerds se dão mal com garotas, não se dão?!”. **Sandino prefere dizer que problemas com relacionamentos são normais e acontecem com todas as pessoas.** “Timidez, insegurança nas relações interpessoais e dificuldades em fazer novas amizades não são únicas dos nerds”, diz. Mas isso não é problema para a estudante Carolina Bussmann, de 16 anos. “Eles são diferentes. Além de terem assunto pra conversar, porque não são fúteis e ignorantes como a maioria dos garotos, eles não tentam se sobressair, o que é difícil encontrar hoje em dia”, diz ela.

http://capricho.abril.com.br/comportamento/conteudo_comportamento_264914.shtml

Análise 1:

Sandino	prefere dizer que problemas com relacionamentos são normais e acontecem com todas as pessoas
Tema	Rema

Análise 2:

Sandino	prefere dizer	que problemas com relacionamentos	acontecem com todas as pessoas
Tema 1	Rema 1	Tema 2 (Tema Textual + Tema Ideacional)	Rema 2

As Interpolações no Tema ocorrem quando o falante/escritor adiciona informações antes de concluir o Tema, com o objetivo de detalhar mais o Tema proposto. A estrutura interpolada, embora não fazendo parte da oração que interrompe, tem sua relação com o Tema por razões de ênfase sinalizadas pelo autor na ordem de colocação dos termos no enunciado. A interpolação pode ser verificada em itálico nos seguintes excertos:

exemplo 1:

<p>A montanha</p> <p>O Piton de La Founaise, <i>que traduzido seria Pico da Fornalha</i>, é um vulcão do tipo blindado, e situa-se no leste das ilhas Reunião, 2632 metros acima das coordenadas 21.231° S e 55.713° E, no oceano Índico. Junto ao Kilauea, no Hawaí e ao Monte Erebus, na Antártida, o Piton de La Fournaise é um dos mais ativos vulcões da atualidade. Seu topo é formado pelo Enclos Fouché, uma caldeira de 8 quilômetros de largura. (...)</p> <p style="text-align: right;">Última Atualização: Segunda-feira, 9 abr 2007 - 09h07 http://www.apolo11.com/vulcoes.php</p>

O Piton de La Founaise, <i>que traduzido seria Pico da Fornalha</i>,	é um vulcão do tipo blindado
Tema 1	Rema 1

E [ele]	situa-se no leste das ilhas Reunião, 2632 metros acima das coordenadas 21.231° S e 55.713° E, no oceano Índico.
Tema 2 (Tema Textual + Tema Ideacional)	Rema 2

exemplo 2:

Vestígios de 800 anos, *descobertos por arqueólogos dentro de ruínas astecas*, sugerem que a capital do país teria pelo menos um século a mais de vida.

* **Comente:** O que você acha desta notícia? Clique e comente

<http://oglobo.globo.com/ciencia/>
(30/12/07)

Vestígios de 800 anos, descobertos por arqueólogos dentro de ruínas astecas,	sugerem que a capital do país teria pelo menos um século a mais de vida
Tema	Rema

Outra situação peculiar de Tema refere-se aos Atributivos; esses, quando tematizados, a ordem marcada prevalece, com o intuito de ênfase em relação à certa característica do elemento que vem a seguir; atributivos, portanto, encontram-se dependentes do elemento que os sucede. Dois casos de atributivos são ilustrados a seguir em itálico:

exemplo 1:

Quase humanos

Mimados, adorados, úteis e companheiros, os cães vivem o apogeu da sua relação com os homens

<http://revistagalileu.globo.com/>

<i>Mimados, adorados, úteis e companheiros, os cães</i>	vivem o apogeu da sua relação com os homens.
Tema	Rema

exemplo 2:

<p>O país mais globalizado do planeta</p> <p>13.12.2007</p> <p><i>Primeira colocada em vários rankings de competitividade, Cingapura é o melhor exemplo de como a abertura ao comércio mundial pode trazer prosperidade a uma nação.</i></p> <p>http://portalexame.abril.com.br/revista/exame/edicoes/0908/mundo/m0146015.html</p>

<i>Primeira colocada em vários rankings de competitividade, Cingapura</i>	é o melhor exemplo de como a abertura ao comércio mundial pode trazer prosperidade a uma nação.
Tema	Rema

3.13 RESUMO

A Metafunção Textual, que organiza a oração como mensagem, possui a Estrutura Temática como um dos seus dois sistemas de análise. A ET tem duas funções que ocorrem necessariamente na seguinte seqüência:

(1) *Tema*, caracterizado como o primeiro constituinte identificado na posição inicial da oração, incluindo o primeiro elemento experiencial – um Participante, uma Circunstância ou um Processo no sistema de transitividade da Metafunção Ideacional; e

(2) *Rema*, caracterizado como o restante da oração, o que está depois do primeiro constituinte.

O Tema Ideacional, que pode estar expresso linguisticamente ou elíptico, é obrigatório em qualquer oração, visto que apresenta significado ideacional. É o ponto de partida da mensagem, a parte com a qual todo o resto da oração está relacionada, ou seja, o contexto local escolhido pelo falante/escritor para estruturar a informação em uma orientação seguida pelo Rema. Ele pode estar precedido ou não pelo Tema Interpessoal e/ou pelo Tema Textual, ambos facultativos; o primeiro tem função coesiva, servindo para conectar os significados representados pelo Tema Ideacional ao texto precedente, enquanto o segundo objetiva estabelecer o tipo de relação entre os interactantes ou as posições que estes assumem.

A importância da discussão sobre o Tema Ideacional se reflete no papel deste com a organização da informação em orações e com a organização do texto maior. Cada oração é estruturada como uma mensagem em relação a um texto como um todo, visto este ser considerado como uma unidade de sentido. O Tema, portanto, é funcional, pois o seu mapeamento ao longo das orações de um texto (a chamada *Progressão Temática*) geralmente está relacionado a determinado tipo de informação veiculada – Informação Dada ou Informação Nova. Além disso, os Temas Ideacionais das orações ao longo de um texto, por representarem significados experienciais, apresentam conteúdos que estão relacionados a um ou mais campos semânticos, o que desencadeará a possibilidade de se identificar o método de desenvolvimento textual.

As noções sobre Informação Dada, Informação Nova, Progressão Temática, conteúdo experiencial e método de desenvolvimento textual, bem como suas relações com o Tema, são o foco do próximo capítulo.

4 INFORMAÇÃO NOVA, N-REMA, PROGRESSÃO TEMÁTICA E MÉTODO DE DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

4.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, serão sistematizados outros constructos teóricos significativos que apresentam relação com o Tema, amplamente discutido e exemplificado no capítulo anterior. O capítulo apresenta a discussão do que, segundo Halliday, caracteriza a *Informação Dada* e a *Informação Nova*, bem como a relação de ambas as funções com as de *Tema* e *Rema* (discutidas no capítulo 3), para que se perceba a influência dessas funções textuais na constituição do sentido do texto. Feitas essas considerações e o estabelecimento das relações entre Tema e Rema, Dada e Nova, a próxima etapa consiste na explanação sobre a *Progressão Temática* (mapeamento dos Temas ao longo do texto) de Frantisek Daneš e sua releitura por Peter Fries a partir do conceito de Tema hallidayano. Essa ordenação do capítulo é intencional, visto que a *PT* pressupõe o conceito sobre Tema e tem relação com o tipo de informação veiculada, além de estabelecer relações com o *método de desenvolvimento textual*, uma ferramenta utilizada por Fries que se relaciona ao *conteúdo experiencial dos Temas*, todos conceitos abordados na seqüência. Para concluir o capítulo, são apresentadas quatro hipóteses levantadas por Fries, relacionando os conceitos explanados e ilustrados.

Para fins de sistematização do capítulo, optou-se por abordar, numa primeira etapa, o outro sistema de organização da mensagem: a Estrutura de Informação, que é constituída pelas funções de Informação Dada e Informação Nova.

A Estrutura de Informação utiliza, na oralidade, a entonação para ressaltar o que é particularmente novo na mensagem, e, na escrita, o último constituinte como elemento fundamental para caracterizar a Informação Nova; esta é *foreground* – colocada em primeiro plano –, enquanto a Informação Dada é *background* – pano de fundo para o que está por vir. A Estrutura de Informação, então, corresponde à tensão entre o que já é de conhecimento prévio do falante/ouvinte (ou previsível a este) e aquilo que há de ser apresentado como novo para este; em outros termos, a Estrutura de Informação é composta de duas funções – a Informação Dada e a Informação Nova.

A gramática sistêmica, portanto, possui dois sistemas inter-relacionados que ocorrem paralelamente, mas que são independentes entre si – a Estrutura Temática e a Estrutura Informacional. Numa gramática funcional, é relevante, portanto, o modo como o falante/escritor sistematiza a informação no processo de comunicação segundo seus objetivos. Esta organização do discurso – a Estrutura de Informação – é imposta pelo falante/escritor e mediada pelo estrato léxico-gramatical na oração, sendo suas funções expostas a seguir:

Quadro-resumo das funções da Estrutura de Informação

<p>Estrutura de Informação</p> <p>=</p> <p>Informação Dada (<i>background</i>) + Informação Nova (<i>foreground</i>)</p>
--

4.2 INFORMAÇÃO DADA

Com o intuito de comunicar algo ao interlocutor, o falante/escritor tende a apresentar, em primeiro lugar, algum elemento de conhecimento mútuo – a Informação Dada⁴⁶, que, geralmente, mas não necessariamente, aparece no início do enunciado e é expressa, usualmente, pelos seguintes elementos inerentemente dados, ou fóricos:

- (a) pronomes que se referem aos interlocutores (contexto extralingüístico);

exemplo 1:

Como utilizar um conversor AC (não fornecido)

Se **você** quiser conectar o aparelho à tomada elétrica, utilize um conversor AC (não fornecido com o aparelho) que forneça 4,5VCD, com 450mA e que tenha centro “positivo”. Se **você** utilizar um conversor AC, não é necessário utilizar pilhas. Se **você** utilizar um conversor AC e houver pilhas no compartimento, a atuação das pilhas será desativada automaticamente quando o conversor for conectado à tomada elétrica, portanto não é necessário retirar as pilhas do compartimento ao utilizar um conversor AC.

(Fonte: Manual de instruções CCE D-20X, CD Player portátil – p. 7)

⁴⁶ Nos textos que ilustram esta seção, a Informação Dada é a parte destacada.

exemplo 2:

Ele sentou na beira da cama. E afundou no travesseiro:

– Não agüento mais. Isso tem quase dois meses. Preciso saber quem é essa pessoa.
Sentado aos pés da cama, **eu** não sabia o que dizer.

– Ele sabe tudo sobre mim, os meus horários, tudo. Às vezes, fala de pessoas que conheço, de lugares onde vou. Deve estar sempre por perto, deve conhecer muita gente que eu conheço.

– **Você** está muito agitado.

– Claro. Como é que **você** queria que **eu** estivesse? Cada vez que recebo uma carta dessas fico assim. Me dá uma sensação estranho, saio na rua com a impressão que estou sendo observado. Alguém que eu não sei quem é acompanha todos os meus passos.

– Com amor – **eu** disse.

Ele acendeu um cigarro e ficou seguindo a fumaça até o teto:

– Amor? Não sei. É meio paranóico. Parece uma coisa para enlouquecer a gente devagar.

ABREU, Caio Fernando. Uma história confusa. In: ABREU, Caio Fernando. *Ovelhas Negras*. Porto Alegre: Sulina, 1995. pp. 217-8.

(b) elementos mencionados previamente no contexto lingüístico, representados por

(b.1) nomes que representam relação de sinonímia;

No exemplo abaixo, os grupos “o evento” e “a festa” caracterizam-se por indicar Informação Dada, visto que retomam a informação principal emitida no final do primeiro período: “a Marujada, festa em homenagem a São Benedito”.

26 Homens e mulheres vestidos como marujos comandam em Bragança, no Pará, a **Marujada**, festa em homenagem a São Benedito. **O evento**, embalado por tambores, rabecas, cavaquinhos, cuícas e pandeiros, tem coreografias que emulam o movimento do mar. **A festa** já começa em junho, quando três imagens de São Benedito transitam por Bragança e cidades vizinhas. **COMO CHEGAR** Em Belém, a 300 quilômetros, há ônibus e vans. A companhia **Boa Esperança** (91/3266-0033) leva por R\$ 16. A viagem dura quatro horas

Matéria publicada na Revista **Viagem e Turismo**

http://viajaqui.abril.com.br/vt/materias/vt_materia_261840.shtml

(b.2) elementos anafóricos;

exemplos 1 e 2:

Você sabia que é possível doar somente uma parte do sangue?

Através de um processo especial denominado Aférese, você poderá doar somente uma parte do seu sangue. Em algumas unidades da Fundação HEMOMINAS – Hemocentros de Belo Horizonte, Uberaba e Juiz de Fora – existe um tipo de coleta denominada Plaquetaférese, onde o doador doa somente plaquetas. É um método simples e muito seguro, que permite retirar até 08 unidades de plaquetas de uma única doação. Isso significa grande benefício aos pacientes. A Plaquetafe demora em média 1 hora e 40 minutos. O tempo é maior que a doação normal de sangue, porque neste procedimento as plaquetas são separadas automaticamente dos outros componentes do sangue. **Esse tipo de doação beneficia** os pacientes que estão com algum tipo de problema no processo de coagulação sangüínea, especialmente pacientes com leucemia ou que estão sendo submetidos a quimioterapia. As condições para realizar a doação de plaquetas são as mesmas que para realizar a doação de sangue total, citadas acima, porém um mesmo doador pode realizar esse tipo de doação várias vezes ao ano obedecendo a um intervalo mínimo de 30 dias entre doações de plaquetas. Todo o material utilizado é descartável não havendo possibilidade de contaminação.

<http://hemomimas.mg.gov.br/opencms/opencms/hemominas/menu/cidadao/doacao/infosangue.html> - 21/12/2007 - 21:49

É dos nerds que elas gostam mais!

por Aline Vieira

Eles foram de esquisitos a rejeitados e tiveram que agüentar a zoação da galera por um bom tempo. Agora, os nerds viraram o sonho de consumo de muitas meninas e são considerados os namorados ideais. Saiba o porquê.

Ele senta no fundo da sala, usa óculos, é cheio de espinhas, não se dá muito bem com as meninas e quando está sozinho costuma ler um livro enorme de física quântica e, em poucos segundos, já consegue devorá-lo. Esquece tudo isso! **Isso que você acaba de ler** é um estereotipo fajuto de um nerd.
(...)

http://capricho.abril.com.br/comportamento/conteudo_comportamento_264914.shtml

Os elementos anafóricos podem carregar foco de informação quando forem contrastivos, sendo caracterizados, então, como Informação Nova. Isso pode ser verificado nos exemplos destacados no texto a seguir:

Duas saídas, muitos países

O Mediterrâneo possui duas saídas. **Uma**, natural, é o estreito de Gibraltar, localizado entre a península Ibérica e a África. **Outra**, artificial, é o canal de Suez, construído por um consórcio franco-britânico em 1869. Hoje, é controlado pelo Egito e considerado crucial para o comércio internacional.

Ao todo, 19 países são banhados pelas águas do mediterrâneo: França, Espanha, Itália, Grécia, Turquia, Síria, Líbano, Egito, Líbia, Marrocos, Argélia, Tunísia, Albânia, Croácia, Iugoslávia, Malta, Chipre, Israel e Palestina.

SANTIAGO, Pedro. *Por dentro da história* – 5ª série. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p. 123.

(b.3) elementos dêiticos.

Notícias do Brasil – 14/12/2007

Sozinho na eclusa

Dia 11

Barra Bonita existe no mapa do turismo por um hotel com uma área de lazer espetacular, o Estância Barra Bonita, e pelo passeio de barco no rio Tiête, que incluía eclusa na barragem da Usina Hidrelétrica. E **lá** estava eu, em domingo no final de feriado prolongado, prestes a embarcar. Na fila, constatei o de sempre em minha vida de repórter do guia: das 400 pessoas que entravam, eu era a única sem acompanhante.

(...)

Luís Souza

<http://viajeaqui.abril.com.br/indices/conteudo/blog/noticias-do-brasil.shtm>

A Informação Dada é opcional – não necessariamente expressa na oração –, sendo apresentada pelo falante/escritor como recuperável pelo ouvinte/leitor no contexto, ou porque mencionada anteriormente (casos exemplificados em “b”), ou porque inserida no contexto de situação (caso citado em “a”). Junto à Informação Dada aparece, na oração, a Informação Nova, discutida na seção a seguir.

4.3 INFORMAÇÃO NOVA

A informação desconhecida pelo ouvinte/leitor, por sua vez, aquela que deve ser apresentada pelo falante/escritor como foco da mensagem é a Informação Nova. Esta é obrigatória, pois de maior valor, estando geralmente localizada no fim da oração. A Informação Nova não é recuperável no contexto, por não ter sido mencionada

anteriormente pelo falante/escritor; caso tenha sido expressa previamente, só é considerada Nova se passar a adquirir um caráter inesperado, de ênfase contrastiva, como explicitado no exemplo da página anterior, seção 4.2.

Sobre a escolha do foco de informação (ou Informação Nova), Halliday (1994: 336) assegura que:

In writing, the principle is that (i) the information unit is a clause, unless some other unit is clearly designated by the punctuation; and (ii) the focus falls at the end of the unit, unless some positive signal to the contrary is given, either by lexical cohesion (no focus on repeated word) or by grammatical structure (predication: *it is... that...*).

Na ordem não-marcada, a Informação Dada antecede a Informação Nova, visto que é comum se apresentar em primeiro lugar a informação de conhecimento compartilhado para, a seguir, ser apresentada a nova informação. No texto a seguir, observa-se que os termos destacados em negrito referem-se todos à Informação Dada, colocada sempre em primeira posição, retomando a Informação Nova sublinhada nas orações antecedentes.

FALE COM ELE

Um bom bate-papo com o urologista pode ser de grande valia durante o tratamento de problemas masculinos, como ejaculação precoce, dificuldade para conseguir uma ereção e falta de desejo sexual. **[Isso]** É o que constata uma pesquisa conduzida pela psiquiatra Carmita Abdo, jurada do II Prêmio SAÚDE! e coordenadora do Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas de São Paulo. **O estudo** durou seis semanas e teve a participação de 1293 voluntários. **Eles** primeiro responderam a um questionário, o quociente sexual masculino, que avalia seu desempenho sob os lençóis (confira logo abaixo). Além disso, **[eles]** retornavam a cada 15 dias ao uro para conversar sobre a evolução do tratamento. **Os encontros quinzenais** surtiram efeito. “**Por meio deles** o homem percebe onde precisa melhorar e entende que, para isso, deve respeitar as orientações do especialista”, conta Carmita.

http://saude.abril.com.br/testes/teste_quociente_sexual.shtml

A ordem não-marcada “Informação Dada precedendo Informação Nova”, porém, pode sofrer alteração. Tal mudança pode ocorrer no começo de um tópico novo (a) na conversação ou (b) na seção de um texto escrito.

Outro caso possível é o uso do expletivo “it” em inglês – elemento que não carrega nenhuma informação –, implicando que tudo que estiver após a partícula expletiva é considerado Informação Nova, conforme pode ser verificado no texto que segue.

BASICS

Tiny Specks of Misery, Both Vile and Useful

By NATALIE ANGIER

It's **easy to hate viruses for their freeloading ways**, but they have also repaid us in ways we are just beginning to tally.

The New York Times

Wednesday, January 9, 2008

<http://www.nytimes.com/pages/science/index.html>

Outra situação possível são as elipses, que omitem Informação Dada, ocasionando o fato de toda a oração ser considerada Informação Nova:

exemplo 1:

MILAN X BOCA JRS.

O Milan se vingou do Boca com uma vitória incontestável por 4 x 2 e [ele] **tornou-se o primeiro tetracampeão mundial de clubes**



Anterior
Ver mais imagens
Próxima



<http://placar.abril.com.br/>

exemplo 2:

comer

Olha o coco!



Trazido pelos portugueses, o coco fincou raízes em terras brasileiras. E [ele] **virou símbolo da cultura nacional.**

<http://planetasustentavel.abril.com.br/>

domingo, 30 dez. 2007

No caso do imperativo – que possui elíptico o elemento a quem o pedido, ordem, sugestão ou súplica é solicitado(a), embora recuperável pelo contexto –, toda a oração é considerada Informação Nova.

exemplo 1:

Painel Traseiro

As conexões dos cabos do Modem são feitas no painel traseiro. **Conecte [você] o adaptador de alimentação no local indicado abaixo. Use [você] o botão Reset para restaurar as configurações aos valores padrão de fábrica (veja [você] o funcionamento do Botão Reset nos tópicos adiante).**

Fonte: Guia De Instalação Rápida do DSL-50B, Roteador ADSL2/2+, p. 2.

exemplo 2:

Internacional	
	
<p>▸ Paella valenciana: <u>saiba</u> [você] <u>como fazer o legítimo prato espanhol</u></p>	
<p>Veja [você] também:</p>	
<p>▸ <u>Renda-se</u> [você] <u>ao estilo espanhol de petiscar</u></p>	
<p>E mais:</p>	
<p>▸ <u>Aprenda</u> [você] <u>outros pratos dessa rica culinária</u></p>	

<http://culinaria.terra.com.br/> - 09/01/08

4.4 RELAÇÃO ENTRE ESTRUTURA TEMÁTICA E ESTRUTURA DE INFORMAÇÃO

Abaixo do complexo oracional, ou seja, no nível da oração, a gramática gerencia o fluxo do discurso por meios estruturais na relação entre os sistemas (a) Temático e (b) de Informação. Assim, além da Estrutura Temática – que possibilita a construção da coesão e a identificação dos mecanismos utilizados pelo falante/escritor para organizar a mensagem e possibilitar o fluxo de informação –, há outra unidade importante a ser considerada na

oração sob a perspectiva da Metafunção Textual: a Unidade de Informação. Esta, referente ao foco de informação, é realizada da seguinte forma:

(a) pela Informação Dada – de conhecimento prévio do ouvinte/leitor ou identificável pelo contexto, sendo opcional; e

(b) pela Informação Nova – aquela que o falante/escritor deseja que seja de conhecimento do ouvinte/leitor, sendo obrigatória.

Em estruturas de ordem não-marcada, é comum a Informação Dada anteceder a Informação Nova, visto que, geralmente, se apresenta em primeiro lugar a informação de conhecimento compartilhado, para, a seguir, ser apresentada a informação desconhecida.

Na maioria dos casos em ordem canônica, na oração, a Estrutura Temática coincide com a Estrutura de Informação, havendo as seguintes relações: (a) Tema e Informação Dada; (b) Rema e Informação Nova. Isso pode ser ilustrado no texto a seguir, em que a última oração está sistematizada para efeitos de exemplificação:

<p>HARRY POTTER PARQUE TEMÁTICO</p> <p>Um parque temático inspirado nas aventuras de Harry Potter vai ser inaugurado nos EUA. O Mundo Mágico de Harry Potter ficará localizado no resort dos estúdios Universal em Orlando e estará pronto em 2009. <u><i>O parque vai ter brinquedos, lojas e atrações baseadas nos livros do pequeno aprendiz de feiticeiro, como a escola de magia e bruxaria de Hogwarts e a vila de Hogsmeade.</i></u></p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Revista portuguesa <i>Focus</i> nº 399/2007)</p>	
--	--

TEMA	REMA
O parque	vai ter brinquedos, lojas e atrações baseadas nos livros do pequeno aprendiz de feiticeiro, como a escola de magia e bruxaria de Hogwarts e a vila de Hogsmeade.
INFORMAÇÃO DADA	INFORMAÇÃO NOVA

Se a oração é estruturada como duas unidades de informação, numa ordem não-marcada, geralmente o limite entre Estrutura Temática e Estrutura de Informação (os dois sistemas independentes que organizam a informação na oração) coincide. Por outro lado, pode acontecer de o falante/escritor optar por Informação Nova em posição temática e Informação Dada na posição de Rema. Se ocorrer, então, de a Informação Nova coincidir com o Tema, esta será marcada pela ênfase e entonação na fala para indicar a apresentação desta Informação em uma posição diferente daquela em que geralmente ocorre. Conforme Halliday (2004), na escrita é mais difícil variar a relação de Tema e Dada, sendo que, na grande maioria dos casos, essas duas funções são realizadas pelo mesmo constituinte; o mesmo procedimento ocorre entre Rema e Nova, realizados pelo restante da oração.

Feitas as distinções, é preciso endossar que, embora relacionadas, Tema e Dada não são a mesma coisa, assim como Rema e Nova. O *Tema* é aquilo que o falante/escritor escolhe como ponto de partida para sua mensagem; *Informação Dada* é o que o ouvinte/leitor já conhece, ou seja, conhecimento partilhado com o falante/escritor. *Rema* é todo o resto da oração que se origina a partir do primeiro elemento experiencial caracterizado como Tema pelo falante/escritor; *Informação Nova* é o conhecimento a ser adquirido pelo ouvinte/leitor.

Dessa forma, Tema e Rema são orientadas em relação ao falante/escritor, enquanto Informação Dada e Informação Nova são orientadas em relação ao ouvinte/leitor. Ambas as estruturas, contudo, são selecionadas pelo falante/escritor. O quadro que segue sintetiza esses conceitos:

Quadro-resumo sobre Estrutura Temática e Estrutura de Informação

Função	O que significa
Tema	o que o falante/escritor escolhe como ponto de partida para sua mensagem
Informação Dada	o que o ouvinte/leitor já conhece; conhecimento compartilhado com o falante/escritor
Rema	o resto da oração; tudo o que se origina depois do primeiro elemento experiencial caracterizado como Tema pelo falante/escritor
Informação Nova	o conhecimento a ser adquirido pelo ouvinte/leitor e apresentado pelo falante/escritor

4.5 N-REMA

Quanto à relação entre Rema e Informação Nova, cabe salientar que Peter Fries (1994), ao se dedicar também ao Rema em suas pesquisas com textos em inglês, atribuiu o termo N-Rema (N, de Nova), em textos escritos, ao último constituinte da oração que é dedicado à Informação Nova. O N-Rema caracteriza-se, assim, como a parte da oração em que o falante/escritor deposita a informação não conhecida ainda pelo ouvinte/leitor, sendo esta de maior interesse do ouvinte/leitor. Conforme Fries (2002: 125), “since we are interested in the unmarked association of Rheme with New, and since New typically is associated with the last constituent of the clause, we can coin the term *N-Rheme* to indicate the last constituent of the clause⁴⁷”.

Ainda segundo Fries (1995:11):

⁴⁷ Uma tradução livre da passagem é a que segue: “como estamos interessados na associação não-marcada de Rema e Informação Nova, e como a Informação Nova tipicamente é associada com o último constituinte da oração, nós podemos cunhar o termo *N-Rema* [Nova-Rema] para indicar o último constituinte oracional”.

As we examine the text, we should keep in mind that the N-Rheme is the newsworthy part of the clause, that is, the part of the clause that the writer wants the reader to remember. As a result we should expect the content of the N-Rheme to correlate with the goals of the text as a whole, the goals of the text segment within those larger goals, and the goals of the sentence and the clause as well. On the other hand, the Theme is the orienter to the message conveyed by the clause. It tells the reader how to understand the news conveyed by the clause. As a result, we should expect the choice of thematic content usually to reflect local concerns (...).⁴⁸

Assim, para Fries, o foco da informação é a informação apresentada como de maior valor na oração, a parte que contém o *ponto* da oração, ou seja, a informação principal que deve ser lembrada pelo ouvinte/leitor; esta se encontra localizada no final da oração. Segundo Fries (1997: 319),

A closely related hypothesis presented in Fries (1981) is indirectly relevant to this paper: information which is perceived to constitute the point of the text or text segment is regularly found within the Rhemes. In other words, information which is perceived to present the point of a text segment would not be found in Themes.⁴⁹

⁴⁸ Uma tradução livre da passagem segue: “Enquanto nós examinamos o texto, nós deveríamos manter em mente que o N-Rema é a parte mais valiosa de informação nova da oração, a parte que o escritor quer que o leitor lembre. Como resultado, deveríamos esperar o conteúdo do elemento N-Rema se correlacionar com os objetivos do texto como um todo, os objetivos do segmento do texto dentro daqueles objetivos anteriores, e os objetivos da sentença e da oração também. Por outro lado, o Tema é o orientador para a mensagem transportada pela oração. Como resultado, nós deveríamos esperar que a escolha do conteúdo temático geralmente refletisse interesses locais (...)”.

⁴⁹ A passagem tem tradução livre como segue: “Uma hipótese apresentada em Fries (1981) é indiretamente relevante para este *paper*: a informação que é percebida constituir o ponto de um texto ou segmento do texto é regularmente encontrada dentro dos Remas. Em outras palavras, a informação que apresenta o ponto de um segmento do texto não deveria ser encontrada nos Temas”.

Ainda nas palavras de Fries (2009),

N-Rheme is the term I have used to refer to the last clause-level constituent. This concept has no theoretical status. It is a working tool that I have used in order to address how we know that certain information is presented as New in writing. That is, N-Rheme is to be interpreted as a portion of the answer to my question concerning how we know that certain information is being presented as New. It is a useful working tool because of the unmarked association within the N-Rheme constitutes one of about six techniques available to writers to cue readers concerning what is being presented as New information in a written text.⁵⁰

O próprio Fries (2009) menciona, além da ordem da informação nas orações – Dada seguida de Nova, sendo o N-Rema o último constituinte oracional –, outras marcas utilizadas pelos escritores para sinalizar o N-Rema em textos escritos, ou seja, elementos que fornecem ao leitor atento meios de este verificar o que funciona como Nova: (a) construções gramaticais utilizadas, como as *cleft sentences* (ou orações clivadas), que são associadas geralmente a entonações especiais; (b) a pontuação; (c) relações coesivas; (d) questões retóricas; (e) repetições sistemáticas; e (f) *layout* do texto, tipo de fonte, etc.

Para exemplificar o N-Rema nas orações, será utilizado o texto *Harry Potter: Parque Temático*, que ilustrou a relação entre Tema e Informação Dada e entre Rema e

⁵⁰ A passagem pode ser traduzida livremente como segue: “N-Rema é o termo que eu tenho usado para me referir ao último constituinte no nível oracional. Este conceito não tem estatuto teórico. É uma ferramenta de trabalho que eu tenho usado, a fim de identificar como nós conhecemos a informação que é apresentada como Nova em textos escritos. O N-Rema pode ser interpretado como a porção de resposta para a pergunta que faço, estando relacionado ao modo pelo qual sabemos que determinada informação é apresentada como Nova. É uma ferramenta de trabalho útil devido à associação não-marcada de Nova com o final da oração. Então, a posição da informação dentro do N-Rema constitui uma das seis técnicas aproximadas que os escritores utilizam para marcar o que está sendo apresentado como Informação Nova em textos escritos”.

Informação Nova (página 132). Observe que o assunto do texto – O Parque Temático inspirado nas aventuras de Harry Potter – é sinalizado por relações de sinonímia e por elipse, o que será visto posteriormente na próxima seção sobre Progressão Temática.

A seguir, um esquema sobre a Estrutura Temática do texto *Harry Potter: Parque Temático*:

<p>HARRY POTTER PARQUE TEMÁTICO</p> <p>Um parque temático (T1) <u>inspirado nas aventuras de Harry Potter vai ser inaugurado nos EUA (R1). O Mundo Mágico de Harry Potter (T2) ficará localizado no resort dos estúdios Universal em Orlando (R2) e [o Mundo Mágico de Harry Potter] (T3) estará pronto em 2009 (R3). O parque (T4) vai ter brinquedos, lojas e atrações baseadas nos livros do pequeno aprendiz de feiticeiro, como a escola de magia e bruxaria de Hogwarts e a vila de Hogsmeade(R4).</u></p> <p style="text-align: right;">(Fonte: Revista portuguesa <i>Focus</i> n° 399/2007)</p>
--

Dentro de cada Rema localiza-se o N-Rema, associação entre Informação Nova e o Rema, o que pode ser constatado como segue:

- (a) na primeira oração, o N-Rema é a Circunstância de Lugar “nos EUA”;
- (b) na oração 2, o N-Rema é a Circunstância de Lugar “no resorte dos estúdios Universal em Orlando”;
- (c) na terceira oração, o N-Rema é a Circunstância de Tempo “em 2009”; e
- (d) na quarta oração, o N-Rema é o Complemento “brinquedos, lojas e atrações baseadas nos livros do pequeno aprendiz de feiticeiro, como a escola de magia e bruxaria de Hogwarts e a vila de Hogsmeade”.

HARRY POTTER
PARQUE TEMÁTICO

Um parque temático inspirado nas aventuras de Harry Potter vai ser inaugurado nos EUA (N-R1). O Mundo Mágico de Harry Potter ficará localizado no resort dos estúdios Universal em Orlando (N-R2) e estará pronto em 2009 (N-R3). O parque vai ter brinquedos, lojas e atracções baseadas nos livros do pequeno aprendiz de feiticeiro, como a escola de magia e bruxaria de Hogwarts e a vila de Hogsmeade(N-R4).

(Fonte: Revista portuguesa *Focus* nº 399/2007)

Assim, nota-se que as informações de maior valor para o leitor sobre o parque consistem em sua localização, o ano de inauguração e os seus atrativos para o público.

Quadro-resumo do mapeamento dos Temas e dos N-Remas oracionais

Tema	N-Rema
1. Um parque temático inspirado nas aventuras de Harry Potter	nos EUA
2. O Mundo Mágico de Harry Potter	no resort dos estúdios Universal em Orlando
3. e [o Mundo Mágico de Harry Potter]	em 2009
4. O parque	brinquedos, lojas e atracções baseadas nos livros do pequeno aprendiz de feiticeiro, como a escola de magia e bruxaria de Hogwarts e a vila de Hogsmeade

Associando-se o que foi visto no capítulo 3 sobre Tema e as reflexões suscitadas até agora no presente capítulo, pode-se verificar que, para os systemicistas, Tema e N-Rema se relacionam, estando marcados sintática e funcionalmente da seguinte forma:

(a) sintaticamente, o Tema está associado com a posição inicial na oração; a Informação Nova ou N-Rema, por sua vez, é identificado como o último constituinte oracional em estruturas de ordem canônica; e

(b) funcionalmente, o Tema funciona como orientador escolhido pelo locutor para a informação que está por vir, enquanto que o N-Rema é a parte principal da informação apresentada como Nova ao interlocutor, sendo o foco de atenção da oração.

4.6 GRAMÁTICA E TEXTO: A TEXTURA

Ratificando-se a preocupação da GSF com o estudo do texto como unidade, McAndrew & McAndrew (2002: 118) afirmam que “functional linguists talk about texts. This is because they are concerned with discourse rather than sentences in isolation (...)”⁵¹. A Teoria utiliza o termo *Textura* para designar uma característica primordial de qualquer texto – ser coerente e expressar sentido, tendo suas sentenças interligadas, relacionadas entre si de modo lógico e coeso. Bloor & Bloor (1995:86), a esse respeito, comentam o seguinte:

A stretch of language which is coherent and ‘makes sense’ is said to have *texture* (...) texture is simply the quality of being a text, rather than a set of unconnected bits of language such as one might find in a collection

⁵¹ O trecho tem tradução livre da seguinte forma: “os lingüistas funcionais falam sobre textos; isso ocorre, porque se ocupam do discurso em vez de sentenças isoladas (...)”.

of independent sentences used as exercises in a language text book.⁵²

A Textura é um recurso para produzir sentido, referindo-se ao modo como os significados se relacionam entre si num texto. Ela consiste de características associadas a dois grupos de recursos textuais: (a) o componente estrutural, subdividido em (a.1) Informação Dada e Informação Nova: Estrutura de Informação e Foco; e (a.2) Tema e Rema: Estrutura Temática; e (b) o componente coesivo, subdividido em (b.1) referência; (b.2) elipse e substituição; (b.3) conjunção; e (b.4) coesão lexical.

Halliday (2004, p. 87) afirma, quanto aos recursos textuais, o seguinte::

[they] are of two kinds: (i) structural; (ii) cohesive. What this means is as follows. The grammar construes **structural** units up to the rank of the clause complex (which is what lies behind the sentence of written English); there it stops. But although the grammar stops here, the semantics does not; the basis semantic unit is the text, which can be as long as a novel, an epic or a treatise. So the grammar provides other, **non-structural** resources for managing the flow of discourse: for creating semantic links across sentences – or rather, semantic links which work equally well either within or across sentences. These latter are referred to collectively under the name of **cohesion** (...).⁵³

⁵² A tradução livre do trecho é a que segue: “Um contínuo de língua que é coerente e ‘faz sentido’ é dito ter *textura* (...); *textura* é simplesmente a qualidade de ser de um texto, em vez de um conjunto de pedaços não conectados, tal como pode ser achado em coleção de sentenças independentes usadas como exercícios em livros textos”.

⁵³ O fragmento citado pode ser traduzido livremente da seguinte forma: “[eles] são de dois tipos: (i) estruturais e (ii) coesivos. A gramática interpreta unidades ‘estruturais’ até o nível do complexo oracional [vide conjunções]; aí, ela pára. Mas, embora a gramática pare aqui, a semântica não: **a unidade básica é o texto** [grifo do pesquisador] (...) Portanto, a gramática fornece outros recursos, ‘não estruturais’, para gerenciar o fluxo do discurso, para criar relações semânticas ao longo das sentenças (...) Estes são referidos como ‘coesão’.

Quanto ao componente estrutural (a), este já foi explicado e ilustrado no capítulo 3. O componente coesivo (b), por sua vez, é usado com o propósito de assegurar ao texto coesão, por meio de um dos mecanismos lingüísticos que seguem:

(b.1) referência: uso de palavras e/ou expressões (pronomes) no texto para indicar o mesmo referente. Pode ser endofórica (anafórica ou catafórica) ou exofórica; no último caso, não é considerado elemento coesivo, porque o referente se encontra fora do texto;

(b.2) substituição e elipse: a primeira é usada quando falante/escritor quer evitar repetição de um item lexical, trocando-o por outro(s) recurso(s) gramatical(ais) da linguagem, não havendo, aqui, co-referencialidade; a elipse remete à omissão de uma palavra/expressão usada anteriormente ou evidente no contexto lingüístico (exemplo: omissão do pronome pessoal “eu”, quando pode ser marcado pela desinência verbal);

(b.3) conjunção: termo utilizado com o intuito de estabelecer laço coesivo entre orações ou seções de um texto, constituindo relações de significado entre as partes;

(b.4) coesão lexical: associação de palavras e/ou expressões que formam um mesmo conjunto semântico, isto é, uma “cadeia coesiva” que mantém entre seus constituintes relação de significado.

Um texto é coeso, portanto, quando a progressão lógica da informação que é veiculada nele é auxiliada pelo uso de mecanismos coesivos referidos anteriormente e por sua Estrutura Temática. Na seqüência, a progressão de Temas ao longo do texto será o foco da seção 4.7.

4.7 A PROGRESSÃO TEMÁTICA DE FRANTISEK DANEŠ

A pertinência do estudo do Tema, sob a ótica funcional hallidayana, tem sua relevância para além dos domínios da oração, ao se observar como são mapeadas as escolhas temáticas realizadas pelo falante/escritor ao longo das orações e dos complexos oracionais, na constituição do texto como unidade de sentido.

Pode-se verificar que, por meio da *Progressão Temática* (sucessão de Temas oracionais ao longo do texto), ocorrem os movimentos do texto, o que será analisado aqui na forma como foi primeiramente concebido por Daneš e, posteriormente, revisto por Fries. Relevante também se faz notar como se processa, em textos escritos, a organização da informação e de que forma o nível de informatividade de um texto tem sua relação estabelecida com as funções estruturais de Tema e Rema para a organização do fluxo discursivo.

A idéia de Progressão Temática surge com Daneš (1974: p. 114), que teoriza:

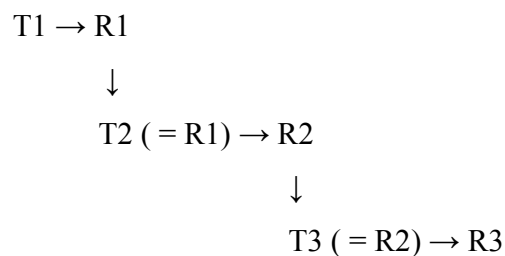
(...) By this term [thematic progression (TP)] we mean the choice and ordering of utterance themes, their mutual concatenation and hierarchy, as well as their relationship to the hyperthemes of the superior text units (such as the paragraph, chapter,...), the whole text, and to the situation. Thematic progression might be viewed as the skeleton of the plot.⁵⁴

⁵⁴ A tradução livre da passagem é a seguinte: “Por este termo [progressão temática (PT)], nós queremos significar a escolha e ordem dos temas das sentenças, sua concatenação mútua e hierarquia, assim como sua relação com os hipertemas das unidades do texto superior (tais como parágrafo, capítulo, etc.), para o texto como um todo, e para a situação. A progressão temática pode ser vista como o esqueleto da trama”.

A PT, segundo Danes, é dividida em três tipos:

4.7.1 PT Linear Simples

A PT Linear Simples (ou PT com tematização linear de Remas) caracteriza-se pelo fato de o Tema da oração subsequente ser originado do Rema da oração anterior, e, assim, sucessivamente. Assim, uma oração 1 apresenta um Tema 1 e um Rema 1; a oração 2, então, tem seu T2 originado do Rema da oração anterior (R1); na seqüência, a oração 3 tem seu T3 oriundo do Rema da oração anterior (R2); e assim por diante. Este tipo, considerado o modelo mais elementar de PT, é formalizado a seguir:



Um exemplo de PT linear pode ser verificado na seguinte passagem:

Segunda 25

23h00

RTP1

Prós e Contras

Todas as semanas (T1) os grandes assuntos que marcaram a actualidade política e social do nosso país e as questões que preocupam os portugueses são debatidas neste programa apresentado pela jornalista Fátima Campos Ferreira (R1). Os temas [deste programa] (T2) são passados a pente fino com a ajuda de um painel de especialistas convidados (R2).

(Fonte: Revista *Focus* DESTACÁVEL, 20 a 26 de Junho de 2007, p. 86)

As orações neste trecho são organizadas quanto à análise temática na seguinte ordem: $\boxed{T1 \rightarrow R1 + T2 \text{ (originado do R1)} \rightarrow R2}$.

4.7.2 PT Constante ou Contínua

Segundo a PT Constante ou Contínua (PT com um tema contínuo), o Tema das orações se mantém o mesmo, inalterado, ao longo do texto, ou seja, o mesmo Tema aparece em uma série de orações, ligado a diferentes Remas, segundo sistematizado no quadro que segue. São usados, para representar os Temas reiterados, os seguintes recursos: (a) elipses; ou (b) termos como sinónimos e pronomes anafóricos.

T1 → R1

↓

T1 → R2

↓

T1 → R3

Assim, tem-se a seguinte organização das orações: $\boxed{\text{T1} \rightarrow \text{R1} + \text{T1} \rightarrow \text{R2}}$.

A PT Constante pode ser constatada no texto *Harry Potter: Parque Temático*, já comentado nas páginas 132, 137 e 138. Abaixo, há o esquema dos primeiros constituintes oracionais do texto:

Um parque temático inspirado nas aventuras de Harry Potter

↓

O Mundo Mágico de Harry Potter

↓

[o Mundo Mágico de Harry Potter]

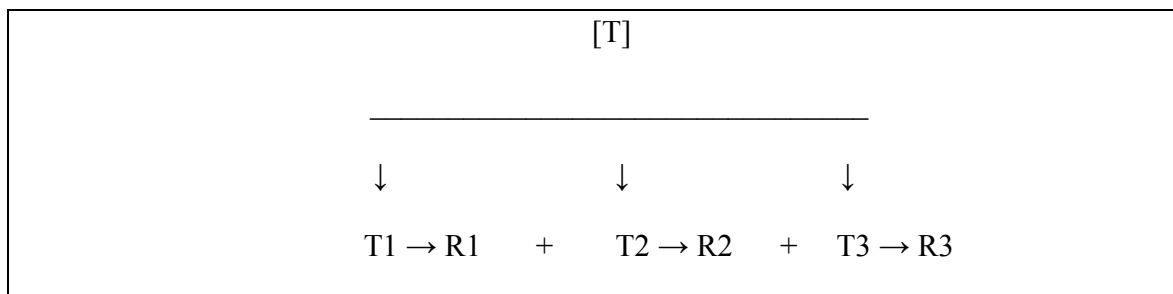
↓

O parque

4.7.3 PT Derivada

Os Temas Derivados ocorrem quando um item de um parágrafo ou de outra seção de um texto (hipertema) pode dar origem a subitens como Temas das orações. Assim, os

Temas Derivados são expressões em posição coesivamente relacionadas em significado, mas não necessariamente na forma, a um tópico estabelecido anteriormente no texto.



Um exemplo de PT derivada pode ser encontrada no texto que segue:

LIMPEZA PROFUNDA

A Henkel (T1) acaba de lançar Sonasol Lava-Tudo Amoniacal Spray, o primeiro lava-tudo amoniacal em *spray* que lhe garante todo o poder e higiene do amoniacal, mas agora de uma forma rápida e fácil. **O novo Sonasol Lava-Tudo Amoniacal Spray, com a sua fórmula especial com amoniacal, (T2)** garante-lhe uma limpeza e higiene profundas de todo o tipo de sujidade, num conveniente formato em *spray*, fácil e pronto a usar em toda a casa. **A sua proderosa espuma (T3)** adere eficazmente à sujidade, tornando-se ideal para limpar todos os tipos de superfícies. **O seu baixo nível de resíduos (T4)** permite deixar todas as superfícies limpas e muito brilhantes. **Com dupla função (*spray* e *espuma*), o novo Sonasol Amoniacal Spray (T5)** poderá ser adaptado à superfície e sujidade a limpar.

(Fonte: Revista *Focus*, nº 401, 2007: p. 144)

No texto anterior, há cinco orações divididas em Tema e Rema. Interessa, aqui, verificar que os Temas das orações 3 e 4 são derivados do Tema da oração 2, que funciona

para estas como Hipertema (tema do parágrafo), visto que apresentam, em posição temática, características do novo produto lançado. É importante também notar que o Tema da segunda oração (T2) foi originado do Rema da primeira oração.

Daneš (1974) trabalha na tradição da Escola de Praga, que vê a Tematicidade sendo determinada contextualmente, ao invés de sintaticamente. A divisão funcional da oração em Tema (T) e Rema (R) não necessariamente corresponde à seqüência de expressões numa sentença particular. Como o conceito de PT se baseia na noção pragueana de Tema, ela não pode ser identificada pelo padrão de estruturas temáticas das orações tal como a noção compreendida por Halliday e pelos sistemicistas. Assim, para o Tema de Daneš, o conceito de PT não se refere à ordem das palavras, mas à conexão textual.

Embora diferente da perspectiva hallidayana de identificação do Tema, a tipologia da PT de Daneš é usada em análises textuais dos sistemicistas, e mencionada por estes em seus estudos, como é o caso de Bloor (1995: p. 89), ao afirmar que “Daneš (1974) identified a number of models of thematic progression (...)”⁵⁵. Isso ocorre, porque é Fries (1981; 1994) que acrescenta à afirmação de Daneš – todas as sentenças num discurso são conectadas lingüisticamente ao discurso precedente – uma nova afirmação de que o expoente lingüístico desta conexão aparece invariavelmente em posição inicial na oração. Fries incorpora o Tema hallidayano à definição de Daneš, propondo que os Temas de um texto, ao serem interligados, formam modelos que contribuem para a organização textual.

O quadro a seguir sintetiza as possibilidades de PTs propostas por Daneš:

⁵⁵ A tradução livre da citação é a que segue: “Daneš (1974) identificou um número de modelos de progressão temática (...)”.

(a) PT Linear: o Tema da oração subsequente é originado do Rema da oração anterior, e, assim, sucessivamente.

$$\boxed{T1 \rightarrow R1 + T2 \text{ (originado do R1)} \rightarrow R2 + T3 \text{ (originado do R2)} \rightarrow R3}$$

(b) PT Constante: o Tema das orações se mantém o mesmo, inalterado.

$$\boxed{T1 \rightarrow R1 + T1 \rightarrow R2 + T1 \rightarrow R3}$$

(c) PT Derivada: um item (hipertema) pode dar origem a subitens como Temas.

$$\begin{array}{c} [T] \\ \hline \downarrow \quad \quad \quad \downarrow \quad \quad \quad \downarrow \\ T1 \rightarrow R1 \quad + \quad T2 \rightarrow R2 \quad + \quad T3 \rightarrow R3 \end{array}$$

4.7.4 Outras possibilidades de PT

Além dos três tipos apresentados anteriormente, segundo a divisão de Daneš, também são previstos outros casos como os que seguem:

4.7.4.1 Rema Partido: é previsto um modelo de Rema, denominado *Rema Partido*, caracterizado pelo fato de o Rema de uma oração, por ter dois componentes, apresentar

cada um desenvolvido como Tema das orações subsequentes. A representação pode ser feita do seguinte modo:

$$\boxed{T1 \rightarrow R1 [R1A + R1B] + T2 [= R1A] \rightarrow R2 + T3 [= R1B] \rightarrow R3}$$

Conforme Bloor & Bloor (1995: 91/92), este tipo de PT é denominado *Split Rheme Pattern* e “occurs when the Rheme of a clause has two components, each of which is taken in turn as the Theme of a subsequent clause”⁵⁶

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, é obrigatório o ensino de Arte em todos os níveis da Educação Básica. De 5ª a 8ª série, são oferecidas duas aulas semanais de 50 minutos cada uma. No Ensino Médio, a carga horária diminui pela metade (...)

(Fonte: Revista *Nova Escola* On-line, 16/04/2007 – Índice da edição 201)

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (T1), é obrigatório o ensino de Arte em todos os níveis da Educação Básica (R1). **De 5ª a 8ª série (T2)**, são oferecidas duas aulas semanais de 50 minutos cada uma. **No Ensino Médio (T3)**, a carga horária diminui pela metade (...)

(Fonte: Revista *Nova Escola* On-line, 16/04/2007 – Índice da edição 201)

4.7.4.2 Tema Partido (denominação atribuída pelo pesquisador): caracterizado pelo fato de o Tema de uma oração, por ter dois componentes, apresentar cada um desenvolvido como Tema das orações subsequentes.

⁵⁶ O excerto, que se refere ao *Rema Partido*, pode ser traduzido livremente assim: “ocorre quando o Rema de uma oração tem dois componentes; cada um deles passa a ser Tema das duas orações subsequentes”

As duas directivas europeias

As duas directivas europeias de 2000 (T1) marcaram um passo importante no campo da igualdade de tratamento e da luta contra a discriminação.

A directiva sobre igualdade racial (2000/43/CE) (T2) proíbe a discriminação com base na raça ou origem étnica relativamente a:

- * Segurança social e cuidados de saúde;
- * Benefícios sociais, como a distribuição gratuita de medicamentos, benefícios ligados à habitação e outras concessões;
- * Educação;
- * Acesso a fornecimento de bens e serviços disponíveis ao público em geral, incluindo habitação.

A segunda directiva (2000/78/CE) (T3) aplica a igualdade de tratamento das pessoas no emprego e na formação sem distinção da sua religião ou credo, orientação sexual, deficiência ou idade relativamente a:

- * Acesso ao emprego e à criação da própria actividade profissional, bem como oportunidade de promoção;
- * Acesso a orientação profissional e formação a todos os níveis;
- * Condições de trabalho, incluindo em termos de despendimento e salário;
- * Adesão a sindicatos e entidades profissionais e acesso a quaisquer benefícios daí decorrentes.

Fonte: Panfleto *As nossas diferenças fazem a diferença. Pela diversidade, contra a discriminação*. Homepage: www.stop-discrimination.info

4.7.4.3 Tema sintetizador (denominação dada pelo pesquisador): aquele que sumariza a informação contida em toda a oração anterior, que pode ser ilustrada pelo grupo “isso que

você acaba de ler” na oração “Isso que você acaba de ler é um estereotipo fajuto de um nerd”, do texto que segue:

7/12/2007 21:49

É dos nerds que elas gostam mais!

por Aline Vieira

Eles foram de esquisitos a rejeitados e tiveram que agüentar a zoação da galera por um bom tempo. Agora, os nerds viraram o sonho de consumo de muitas meninas e são considerados os namorados ideais. Saiba o porquê.

Ele senta no fundo da sala, usa óculos, é cheio de espinhas, não se dá muito bem com as meninas e quando está sozinho costuma ler um livro enorme de física quântica e, em poucos segundos, já consegue devorá-lo. Esquece tudo isso! **Isso que você acaba de ler (Tema)** é um estereotipo fajuto de um nerd.

(...)

http://capricho.abril.com.br/comportamento/conteudo_comportamento_264914.shtml

Ainda em relação à PT, Carmel Cloran admite outras possibilidades de progressão do Tema: o Tema de uma oração passa a ser Rema na seguinte (Tema > Rema) ou, ainda, o Rema de uma oração se mantém o mesmo na oração seguinte (Rema > Rema). Segundo Cloran (in Hasan & Fries, 1997: 388):

(...) The concern of both Daneš and Fries is with thematic content. For this reason they do not consider other possible patterns of thematic progression, e.g. Theme > Rheme and Rheme > Theme patterns (...) These patterns, as well as Danes's patterns (i) [Simple

linear TP] and (ii) [Continuous Theme TP] are of particular importance in the present analysis (...).⁵⁷

4.8 PETER FRIES: A RELAÇÃO ENTRE PROGRESSÃO TEMÁTICA E MÉTODO DE DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

Os conceitos de Progressão Temática e de método de desenvolvimento textual (mdt) apareceram juntos em Fries (1981), que amplia a definição funcional de Tema. Assim, a primeira posição na oração em inglês, e, por extensão, em português, não seria arbitrária, mas um recurso textual utilizado na produção de modelos que passam a constituir o método de desenvolvimento de um texto.

Fries acrescenta à afirmação de Daneš (1974) – todas as sentenças num discurso são conectadas lingüisticamente ao discurso precedente – uma nova afirmação de que o expoente lingüístico desta conexão aparece invariavelmente em posição inicial na oração. Em outros termos, ele incorpora o Tema hallidayano à sua definição, o que significa que a PT, para Fries, tem relação com conexão textual e ordem das palavras, o que pôde ser verificado pelos exemplos na seção 4.7. Conforme Fries (2009):

Thematic progression has the closest association to the lexico-grammar since one can discover thematic progression simply by noting the sequence of Themes in successive clauses or sentences of a text and then discovering if these Themes are cohesively connected to information expressed in some preceding sentence,

⁵⁷ Uma tradução livre do excerto é a seguinte: “O interesse de ambos, Daneš e Fries, tem a ver com conteúdo temático. Por essa razão eles não consideram outros padrões possíveis de progressão temática, tais como os padrões de Tema > Rema e Rema > Tema (...). Estes padrões, como os de Daneš (i) [TP Simples] e (ii) [TP Contínua] são de particular importância na presente análise (...).”

and if yes, where is that sentence, and in which portion of the preceding sentence is that information located?⁵⁸

Ainda sobre isso, Crompton (2004:213) comenta a relação entre a PT de Daneš, o método de desenvolvimento do texto proposto por Fries e a articulação com o Tema hallidayano, como segue:

Fries (1981) hypothesises that the textual phenomena of ‘thematic progression’ (Daneš: 1974) and ‘method of development’ provide discourse evidence for the function proposed by Halliday (1967) for Theme, in particular that ‘initial position in the sentence’, or sentence-level Theme, means ‘point of departure of the sentence as message’.⁵⁹

Assim, para assegurar a definição hallidayana, Fries propõe que os modos de interligar os Temas de um texto formam modelos que contribuem para a organização textual. A proposta de que Progressão Temática e método de desenvolvimento textual são relevantes por exporem a estrutura do discurso (Fries: 1981) é largamente aceita e difundida pelos sistemicistas, que encontram no autor confirmação para a validade do Tema segundo a GSF. Martin et al. (1997: p. 22) reitera tal afirmação ao dizer o que segue:

⁵⁸ Uma tradução livre da passagem pode ser a que segue: “A Progressão Temática tem associação próxima com a léxico-gramática desde que alguém possa verificar Progressão Temática simplesmente ao notar a seqüência de Temas em orações sucessivas de um texto ou, então, descobrir se estes Temas estão coesivamente conectados à informação expressa em alguma oração antecedente, e, em caso afirmativo, onde está essa oração e em que porção da oração precedente a informação está localizada?”.

⁵⁹ O excerto, extraído do *abstract* do referido artigo de Crompton pode ser traduzido livremente da forma como segue: “Fries (1981) cria a hipótese de que o fenômeno textual da ‘progressão temática’ (Daneš: 1974) e ‘método de desenvolvimento’ fornecem evidência discursiva para a função proposta por Halliday (1967) para Tema, em particular que a ‘posição inicial na oração’, ou Tema no nível da oração, significa ‘ponto de partida da oração como mensagem’”.

The choice of Theme for any individual clause will generally relate to the way information is being developed over the course of the whole text (...) This progression of Themes over the course of a text is referred to as the text's **method of development**. (Fries, 1981)⁶⁰

Sobre método de desenvolvimento textual, Fries (1983: 135) afirma que:

(a) the lexical material placed initially within each sentence of a paragraph (i.e. the themes of each sentence of a paragraph) indicates the point of departure of the message expressed by that sentence, and (b) the information contained within the themes of all of sentences of a paragraph creates the **method of development** of that paragraph.⁶¹

Halliday (1994: 67) reitera a afirmação de Fries ao dizer que “the thematic organization of the clauses (and clauses complexes, where relevant) is the most significant factor in the development of the text⁶²”. O método de desenvolvimento do texto é concernente, portanto, à sucessão dos constituintes em posição temática no decorrer das orações de um texto, mais precisamente no que se refere aos seus conteúdos experienciais, o que contribui significativamente para a coesão e coerência deste texto.

⁶⁰ Uma tradução livre da passagem é a que segue. “A escolha do Tema para qualquer oração individual geralmente se relacionará ao modo como a informação está sendo desenvolvida ao longo do texto como um todo. (...) Esta progressão de Temas ao longo do curso de um texto é referida como o **método de desenvolvimento do texto** (Fries, 1981)”

⁶¹ A passagem pode ser livremente traduzida como segue: “(a) o material lexical localizado inicialmente em cada oração de um parágrafo (exemplo: Temas de cada oração de um parágrafo) indica o ponto de partida da mensagem expressa por aquela oração, e (b) a informação contida dentro dos Temas de todas as orações de um parágrafo cria o **método de desenvolvimento** daquele parágrafo.

⁶² A passagem tem tradução livre da seguinte forma: “a organização temática das orações (e complexos oracionais, quando relevantes) é o fator mais importante no desenvolvimento do texto”.

Para Fries (1983), se a maioria dos Temas oracionais de um determinado texto refere-se ao mesmo campo semântico, o campo semântico será visto como o método de desenvolvimento do texto, o que pode ser verificado no caso do texto *Harry Potter: Parque Temático*, que ilustrou as seções sobre (a) relações entre Tema e Dada, Rema e Nova; (b) N-Rema; e (c) Progressão Temática, no que dizia respeito aos Temas Contínuos. Pode-se perceber, neste texto, que seus Temas oracionais (um parque temático inspirado nas aventuras de Harry Potter; o Mundo Mágico de Harry Potter; eclipse ; o parque) pertencem ao mesmo campo semântico, logo o texto possui um único método de desenvolvimento. Há casos de textos, porém, em que não há elementos semânticos comuns ao longo dos seus Temas oracionais, logo estes não apresentarão um método de desenvolvimento simples.

A noção de método de desenvolvimento do texto é distinta da noção de *tópico* do texto, ou assunto, podendo, em certos casos, como no exemplo do texto sobre Harry Potter, o tópico aparecer dentro dos Temas oracionais, o que contribuirá para o método de desenvolvimento do texto; há situações, porém, em que o tópico está localizado nos Remas oracionais. A respeito disso, Fries (1983: 135) afirma que “therefore there is no necessary correlation between the topic of the paragraph and the themes of the component sentences of paragraph⁶³”.

4.9 HIPÓTESES PROPOSTAS POR FRIES

Para explorar mais a natureza do Tema, Fries formula, com base nos conceitos expostos anteriormente, quatro hipóteses que serão abordadas brevemente a seguir; as duas

⁶³ Uma tradução livre da passagem é a seguinte: “portanto, não há necessariamente correlação entre o tópico do parágrafo e os Temas das orações que o compõem”.

primeiras são expressas em seu artigo de 1981, e as duas seguintes são acrescentadas posteriormente em texto de 1995:

- (a) Hipótese 1 – diferentes padrões de Progressão Temática se correlacionam com diferentes gêneros textuais;
- (b) Hipótese 2 – o conteúdo experiencial dos Temas se correlaciona com o que é percebido ser o método de desenvolvimento de um texto;
- (c) Hipótese 3 – o conteúdo experiencial dos Temas se correlaciona com diferentes gêneros;
- (d) Hipótese 4 – o conteúdo experiencial dos Temas de um texto se correlaciona com diferentes elementos genéricos da estrutura do texto.

4.9.1 PROGRESSÃO TEMÁTICA E GÊNERO TEXTUAL

A hipótese 1 se refere ao fato de a PT se correlacionar com tipo de gênero textual. Sobre PT, Fries (1996:7) afirma o seguinte:

The notion of thematic progression (derived from the work of Daneš (1974) and others) concerns the ways that texts develop the ideas they present. More specifically thematic progression concerns where Themes come from – how they relate to other Themes and Rhemes of the text.⁶⁴

⁶⁴ O excerto pode ser traduzido livremente como segue; “A noção de progressão temática (derivado do trabalho de Daneš (1974) e outros) diz respeito aos modos que os textos desenvolvem as idéias que apresentam. Mais especificamente, progressão temática se refere a de onde os Temas vêm, de que modo eles se relacionam a outros Temas e Remas do texto”.

Adotados os padrões de PT de Daneš, estes são constituídos na relação entre as seleções de Tema-Rema e as seleções experienciais num texto, visto que os Temas são definidos até o primeiro elemento experiencial que tem representação na oração, e os Remas são identificados como sucessão daqueles. Em relação à PT Constante, Fries afirma que “the result of this type of thematic progression is that the Themes in the text constitute a chain of (typically) co-referential items which extends through a sequence of sentences or clauses”⁶⁵ (1995:7). No caso da PT Derivada, Fries (1995: 7, 8) informa que:

In this case, the passage as a whole concerns a single general notion, and the Themes of the various constituent clauses all derive from that general notion, but are not identical to one another. Thus, an obituary might use Themes which refer to the person who died, services, the funeral burial, etc. Clearly these items are not coreferential, but they can all be seen to relate to the situation as a whole.⁶⁶

Para embasar sua hipótese, Fries cita uma pesquisa de Gill Francis em que ela examinara Temas oracionais em jornais, mais precisamente em reportagens de capa, editoriais e cartas ao editor; suas análises verificaram que a PT usada nas reportagens diferia daquelas usadas nos outros dois gêneros. Outra análise mencionada por Fries é a de Bäcklund que, ao examinar conversações telefônicas, identificou também pouca evidência

⁶⁵ O extrato pode ser traduzido livremente como segue: “o resultado deste tipo de progressão temática é que os Temas no texto constituem uma cadeia de (tipicamente) itens co-referenciais que se estendem por meio de uma seqüência de sentenças ou orações”.

⁶⁶ O trecho recebe a seguinte tradução livre: “Neste caso, a passagem como um todo diz respeito a uma noção geral única, e os Temas das várias orações constituintes derivam daquela noção geral, mas não são idênticos uns aos outros. Então, um obituário pode usar Temas que se referem à pessoa que morreu, a serviços, ao funeral, ao cemitério, etc. Certamente estes itens não são co-referenciais, mas podem todos ser visto como se relacionando à situação como um todo”.

para uma PT geral nos seus dados. Fries acredita, então, que sua hipótese pode ser melhorada ao integrar uma visão de estrutura do texto.

4.9.2 CONTEÚDO EXPERIENCIAL DO TEMA E MDT

A segunda hipótese levantada por Fries remete ao fato de o conteúdo experiencial dos Temas se correlacionar com o método de desenvolvimento do texto. Fries levanta a hipótese de haver relação entre o conteúdo experiencial dos Temas de um texto e as interpretações realizadas pelos ouvintes/leitores deste texto; em outras palavras, dois textos podem expressar a mesma mensagem, porém desenvolvendo as idéias de modos diferentes e, dessa forma, interferindo nas reações de seus ouvintes/leitores. Segundo Fries (1995:9), então, “the way in which a text develops its ideas can be called the method of development of the text”⁶⁷.

Como esta noção de método de desenvolvimento não é estrutural, mas semântica, é importante frisar que um texto bem escrito não necessariamente tem suas idéias desenvolvidas num modo único, embora alguns textos o tenham. Dessa forma, se é percebido que um texto tem um método de desenvolvimento simples, único, os Temas das orações e complexos oracionais deste texto expressam significados relacionados ao método de desenvolvimento deste, ou seja, possuem alguns significados experienciais específicos apresentados no texto; outros textos, porém, desenvolvem suas idéias de modos complexos. Assim, a simplicidade ou complexidade do desenvolvimento das idéias de um texto está

⁶⁷ O excerto pode ser traduzido livremente como segue: “o modo no qual um texto desenvolve suas idéias pode ser chamado de Método de Desenvolvimento do Texto”.

correlacionada com o grau para o qual o conteúdo experiencial dos Temas de um texto pode ser verificado ao ser oriundo de um conjunto limitado ou amplo de campos semânticos.

Conforme a segunda hipótese, portanto, os textos que apresentam essa abordagem usarão o conteúdo experiencial de seus Temas para construir seu método de desenvolvimento. Como decorrência desta hipótese, pode ser verificado que, ao se mudar o conteúdo experiencial dos Temas de um texto, são mudadas também as percepções dos leitores de como as idéias neste são desenvolvidas.

4.9.3 CONTEÚDO EXPERIENCIAL DO TEMA E GÊNERO TEXTUAL

Conforme a terceira hipótese de Fries, o conteúdo experiencial dos Temas em um texto é sensível ao gênero, ou seja, tais significados não são distribuídos ao acaso em posições diferentes nas orações. Fries (1995; 1997) menciona como exemplo o caso de panfletos turísticos, cujas referências à localização espacial são comuns e, embora estas possam aparecer na posição de Rema, devem ter predominância no Tema, visto desempenharem um papel de orientação para o leitor sobre o que a mensagem trata. Assim, ao se compararem textos, é necessário examinar todas as referências a um tipo de significado (como a localização espacial), observando-se as proporções deste em posição temática e em posição remática.

Outro exemplo apresentado por Fries remete à pesquisa de Gill Frances (referida na hipótese 2) que verifica serem predominantes, em reportagens de notícias, processos

materiais e verbais ou participantes em processos materiais e verbais em vez de processos relacionais ou participantes em processos relacionais. Em contraste, os editoriais e as cartas tematizam menos processos materiais, muito pouco processos verbais e há um percentual muito maior em relação à tematização de processos relacionais. As reportagens de notícias de capa são apresentadas com objetividade, enquanto as cartas de reclamações e os editoriais envolvem intervenção autoral, logo as estruturas gramaticais que codificam foco marcado (exemplos: Equativas Temáticas e Temas Predicativos) ocorrem com mais frequência em cartas de reclamações e em editoriais do que nas reportagens. Tais estruturas, embora sejam construções gramaticais, têm conseqüências semânticas.

Segundo Fries (1997:329),

In summary, Francis's results supported hypothesis 3 only partially. The Themes used in new reports differed clearly in content from the Themes of the two expository genres. However, when Francis compared the Themes of the Letters with those of the Editorials, she found that the overall averages for each of the two genres did not differ very much. Further, the variation between individual texts within each of the two expository genres was so great that the differences in the averages which she found did not seem significant.⁶⁸

Há pesquisadores, como Margaret Berry, que têm achado o conteúdo experiencial dos Temas das orações se correlacionar fortemente com o tipo de gênero. A autora sugere

⁶⁸ A citação pode ser livremente traduzida da seguinte forma: “Em resumo, os resultados de Francis sustentaram a hipótese 3 apenas parcialmente. Os Temas usados nas reportagens diferiam claramente em conteúdo dos Temas dos dois outros gêneros – cartas de reclamação e editoriais. Contudo, quando Francis comparou os Temas das cartas com aqueles dos editoriais, ela achou que as médias totais para cada um dos dois gêneros não diferia muito. Além disso, a variação entre os textos individuais dentro de cada um dos dois gêneros era tão grande que as diferenças em média que ela achou não pareciam significativas”.

que nomes de lugares têm distribuições diferentes em quatro gêneros: um guia de turismo, um folheto de viagem, uma *coffee party* e uma *commite meeting*. As funções que eles desempenham podem ser as seguintes: Sujeito, Complemento, Circunstância. Para exemplificar, o guia e o panfleto de viagem usam nomes de lugares como Sujeito e como Tema com muito mais frequência do que os outros dois textos; no texto *coffee party*, para ilustrar, 23 das 25 ocorrências de nomes de lugares não eram nem Tema nem Sujeito.

4.9.4 CONTEÚDO EXPERIENCIAL DO TEMA E ELEMENTOS GENÉRICOS DA ESTRUTURA

A quarta hipótese remete à relação entre o conteúdo experiencial dos Temas de um texto e os diferentes elementos da estrutura dentro desse texto. Como um texto se move de um elemento da estrutura (Tema) para o próximo (Rema), os significados expressos em cada elemento da estrutura do texto também mudarão, assim como a linguagem usada em cada elemento. Enquanto Tema tem sido descrito como “ponto de partida”, “*framework* para a interpretação da mensagem”, “orientador”, Rema é identificado como a localização não-marcada de Informação Nova, que deveria ser de maior interesse para o ouvinte/leitor.

Para ilustrar sua hipótese, Fries menciona o caso de um texto com uma estrutura problema-solução, em que o analista deveria verificar os significados experienciais para detectar de que modo o texto se move da descrição do problema para a descrição da solução. O autor afirma que tanto o conteúdo temático como o conteúdo remático do texto deveriam sofrer alterações, embora o conteúdo dos N-Remas deveria estar mais conectado

com os objetivos de cada porção do texto, visto que é nesta parte da oração que, segundo Fries, se concentram as informações mais valiosas para o conhecimento do ouvinte/leitor.

Ainda sobre os N-Remas, Fries menciona que, na parte relativa à descrição do problema no texto em questão, estes deveriam ter uma conexão óbvia com o que está errado; na parte relativa à descrição da solução, em consequência, os N-Remas deveriam ter uma conexão também óbvia com o que foi apresentado para solucionar o problema. Em contrapartida, os Temas referentes à parte relativa ao problema podem dizer respeito a aspectos que o causam, como um motor que não funciona adequadamente; os Temas relativos à seção sobre solução, por sua vez, podem se referir a noções tais como a seqüência de ações apresentadas para solucionar o problema..

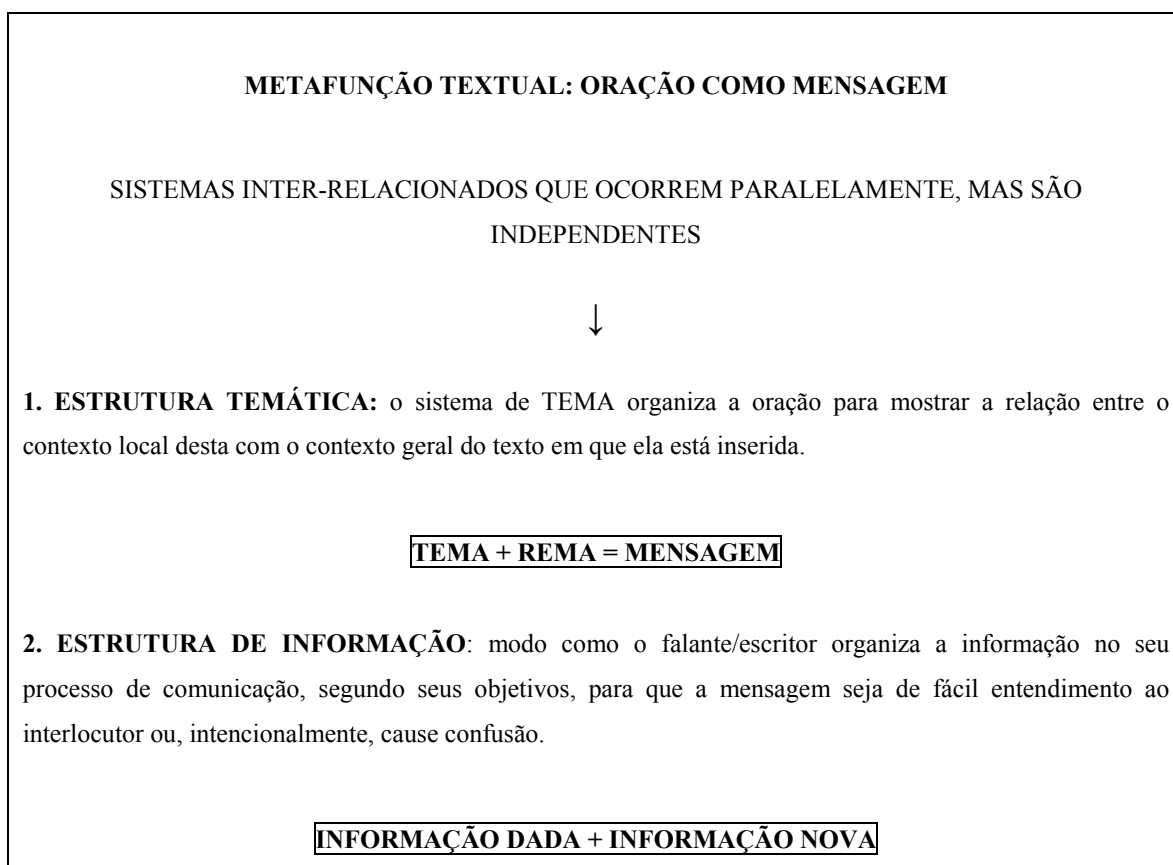
Sobre as quatro hipóteses levantadas, Fries (1997) afirma que a hipótese 2, para um exame minucioso, necessitaria de uma investigação das respostas do ouvinte/leitor aos textos apresentados, o que está além do escopo do estudo apresentado por ele; similarmente, a hipótese 4, segundo o autor, ainda não tem sido sistematicamente explorada. Sobre as hipóteses 1 e 3, porém, Fries (1997:354;355) afirma o que segue:

The data discussed in this paper and in the Works summarized in section I make it quite clear that hypotheses I and 3 are worth exploring carefully. Thematic progressions and the experiential content of the Themes do not occur randomly in these texts. In my data, the frequencies of the various thematic progressions vary with genre type, the experiential content of the Themes varies with genre type, and the proportions of times that certain meanings are expressed thematically also varies with genre type.⁶⁹

⁶⁹ O excerto pode ser traduzido livremente como segue: “Os dados discutidos neste artigo e nos trabalhos sumarizados na seção I tornam claro que as hipóteses I e 3 são válidas se exploradas cuidadosamente. As progressões temáticas e o conteúdo experiencial dos Temas não ocorrem por acaso nestes textos. Nos meus dados, as frequências das várias progressões temáticas variam de acordo com o tipo de gênero, o conteúdo

4.10 RESUMO

A Metafunção Textual (MT), um dos três níveis lingüísticos de análise proposto pela Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), realiza as Mefunções Ideacional e Interpessoal. Ao apresentar a oração como mensagem, a MT apresenta dois sistemas de análise oracional – (1) a Estrutura Temática e (2) a Estrutura de Informação – com suas respectivas funções: (1) Tema e Rema e (2) Informação Dada e Informação Nova –, conforme quadro que segue:



experencial dos Temas varia com o tipo de gênero, e as proporções de vezes que certos significados são expressos tematicamente também variam com o tipo de gênero”.

Com base na identificação dos Temas oracionais ao longo de um texto, parte-se para a caracterização da Progressão Temática deste. Há um número de modelos de progressão temática, como os que seguem:

(a) o modelo do Tema Contínuo ou Constante: o Tema permanece inalterado ao longo do texto, correspondendo à Informação Dada e sendo representado por diferentes escolhas lexicais – nomes próprios, nomes comuns, pronomes – ou por elipses; todas essas representações se referem ao mesmo referente;

(b) o modelo do Tema Linear: o Rema de uma oração é o Tema da oração seguinte; dessa forma, o Tema das orações subseqüentes à primeira coincidem sempre com Informação Dada;

(c) o modelo de Rema Partido/Dividido: o Rema de uma oração apresenta dois componentes que se desenvolvem, cada um a seu modo, como Tema das orações subseqüentes; aqui, o Tema das orações subseqüentes coincide com Informação Dada; e

(d) Temas Derivados: expressões em posição de Tema que são coesivamente relacionadas em significado, mas não necessariamente na forma, a um tópico estabelecido previamente no texto; assim, pode ocorrer que cada um dos Temas subordinados seja derivado do mesmo hipertema.

A escolha do Tema para cada oração geralmente se relaciona ao modo como a informação está sendo desenvolvida ao longo do texto como um todo. Assim, a progressão de Temas em um texto está relacionada ao “método de desenvolvimento textual” (Fries, 1981); cabe, portanto, ao falante/escritor sinalizar ao ouvinte/leitor, a partir de suas escolhas temáticas, o caminho a ser percorrido por este no decorrer do texto. O mdt é identificado pelo conteúdo experiencial dos Temas oracionais, ou seja, textos com um conteúdo experiencial referente a um único campo semântico possuem um método de

desenvolvimento simples; textos com conteúdos experienciais variados apresentam um método de desenvolvimento complexo.

Segundo Butt (1997, p. 103), o exame de modelos seqüenciais e cumulativos de Tema resulta na descoberta de três características de um texto: (a) a relação entre as mensagens das orações com a proposta ou objetivo do texto como um todo; (b) o modo como o texto é desenhado; e (c) de que forma o falante/escritor antecipa as necessidades do ouvinte/leitor por meio das escolhas temáticas.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

5.1 INTRODUÇÃO

É importante, antes de se determinar o procedimento metodológico da presente pesquisa, reiterar que o Tema de uma oração é considerado até o primeiro elemento que desempenha alguma função experiencial na oração – o Tema Ideacional. Assim, este elemento, que desempenha a função de Tema na Metafunção Textual, também exerce outras funções no sistema de modo (na Metafunção Interpessoal) – por exemplo, a de Sujeito – e no sistema de transitividade (na Metafunção Ideacional) – por exemplo, a de Ator. Estes significados são fundamentais ao se considerar a relevância do Tema da oração no desenvolvimento do texto como um todo. Embora a escolha temática de cada oração possa parecer algo aleatório, a seleção dos Temas das orações tem influência na organização discursiva. Devido a isso, é imprescindível que o analista tenha discernimento para, ao avaliar os Temas oracionais, poder identificar possíveis padrões temáticos, o que vai ao encontro desta pesquisa.

Este estudo, baseado nos conceitos amplamente discutidos e ilustrados nos capítulos 3 e 4, prevê, quanto à parte metodológica, os procedimentos de análise explicitados no capítulo 5, no que concernem à identificação do Tema das orações e à Progressão Temática ao longo de cada texto e sua associação com os N-Remas oracionais, a fim de se verificar de que forma ocorre o fluxo de informação em textos narrativos. A seção 5.3 apresenta uma breve análise, para efeitos de ilustração, de um dos textos do *corpus*, para que se possa

exemplificar a sistematização adotada no trabalho, conforme as estratégias utilizadas na apreciação dos quarenta textos que constituem o *corpus* da pesquisa. Por fim, no item 5.4, são apresentadas considerações tecidas com base nas análises realizadas a partir dos constructos teóricos explanados nos capítulos anteriores.

5.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para efeitos de análise, com o intuito de se averiguar a pertinência da identificação do Tema e do tipo de Progressão Temática como elementos fundamentais da organização discursiva, além da localização da informação principal de cada oração no N-Rema, o pesquisador procederá da seguinte forma: segmentação de cada texto no nível da oração, identificando suas orações constituintes e, em cada oração, as funções de Tema e Rema, Informação Dada e Informação Nova – constructos teóricos pertencentes à Metafunção Textual. Para efeitos de sistematização, serão apresentados, na seqüência, as etapas que caracterizam a metodologia adotada pelo pesquisador na análise dos textos que constituem o *corpus* da pesquisa.

Quanto à Estrutura Temática, serão adotados os seguintes passos:

(a) cada oração independente será analisada conforme o conceito funcional de Tema proposto por Halliday (1967; 1985; 1994; 2004);

(b) no caso de complexos oracionais, as relações de parataxe e de justaposição admitem a análise temática de cada oração isoladamente;

(c) no caso de relações de hipotaxe em que a oração dominante preceder a oração dependente, será adotada a análise de cada oração separadamente;

(d) no caso de relações de hipotaxe em que a oração dependente anteceder a oração dominante, a priori, será adotada a análise de cada oração isoladamente, com exceção das situações apresentadas no capítulo 3 sobre Tema, como as que seguem:

(d.1) quando as orações dependentes manifestarem idéia de Circunstância, estas serão consideradas como Tema do complexo oracional, cabendo a função de Rema a toda a oração dominante, visto que a oração dependente equivale semanticamente a um termo ou expressão que exprime a função interpessoal de Adjunto Circunstancial;

(d.2) no caso das orações restritivas, estas sofrem um rebaixamento da categoria de oração para a de grupo, sendo analisadas como parte integrante do grupo nominal a que pertence o termo a que estão associadas.

Mapeados os Temas oracionais, será identificada a forma como estes se apresentam no conjunto, segundo uma das três categorias propostas por Daneš (1974) para a Progressão Temática (PT Contínua, PT Linear ou PT Derivada) ou alguma outra categoria que surgir no decorrer das análises, conforme explicitação na seção 4.7 do capítulo 4.

Assim, o Tema Constante é aquele reiterado, que se refere, segundo Halliday, a um elemento experiencial da oração prévia. Quanto ao Tema Linear, este tem origem no Rema da oração antecedente, podendo ser identificado de duas formas: (1) ao se referir a um item presente no Rema da oração antecedente (N-Rema, segundo Fries: 1995); ou (2) ao se referir a todo o Rema da oração precedente. O Tema Derivado, por sua vez, remete a um item referido no hipertema, ou seja, um Tema mais amplo do qual outro(s) se origina(m); este pode estar no nível do parágrafo. Caso o Hipertema se refira ao título ou subtítulo de

um texto, uma manchete, uma divisão de capítulo, ou seja, esteja num nível mais elevado do que aquele do parágrafo, é denominado de Macrotema (Martin: 1992). Verifica-se que PTs Constantes e Lineares são mais comuns de serem identificadas do que PTs Derivadas, visto que estas podem derivar de hipertemas explícitos (conforme mencionado anteriormente) ou implícitos.

Sobre a identificação dos Temas oracionais, Halliday (1994: 61) afirma que:

The significance of these patterns emerges when we come to consider the importance of clause theme in the overall development of a text. By itself the choice of Theme in each particular instance, clause by clause, may seem a fairly haphazard matter; but it is not. The choice of clause Themes plays a fundamental part in the way discourse is organized; it is this, in fact, which constitutes what has been called the 'method of development' of the text. In this process, the main contribution comes from the thematic structure of independent clauses. But other clauses also come into the picture, and need to be taken account of in Theme-Rheme analysis.⁷⁰

Para proceder à análise das PTs nos textos, o pesquisador seguirá os seguintes critérios:

⁷⁰ A passagem pode ser livremente traduzida como segue: “A relevância destes modelos emerge quando consideramos a importância do Tema oracional no desenvolvimento do texto como um todo. A escolha do Tema em cada caso particular, oração por oração, pode parecer um problema bastante fortuito, mas não é. A escolha dos Temas oracionais desempenha uma parte fundamental no modo como o discurso é organizado; isso é, de fato, o que constitui o que é chamado de ‘método de desenvolvimento’ do texto. Neste processo, a contribuição principal vem da Estrutura Temática de orações independentes. Mas, outras orações também precisam ser levadas em conta quanto à análise Tema-Rema

(1) estabelecer ligações entre o Tema Ideacional de uma oração e o Tema da(s) oração(ões) que a antecede(m); caso isso ocorra, a PT será classificada como PT Constante, pois o Tema da oração 1 e o Tema da oração 2 são o mesmo:

$$\boxed{\text{oração 1 (T1} \rightarrow \text{R1)} + \text{oração 2 (T1} \rightarrow \text{R2)}}$$

(2) Se a ligação entre o Tema Ideacional de uma oração ocorrer com o Rema da oração prévia, a PT será categorizada como Linear; o Tema da oração 2 será oriundo do Rema da oração 1:

$$\boxed{\text{oração 1 (T1} \rightarrow \mathbf{R1}) + \text{oração 2 (T2 [R1]} \rightarrow \text{R2)}}$$

(3) Se o Tema da oração não obedecer a nenhuma dessas tipologias, ele pode explicitamente se referir a um item do Macrotema do texto ou do Hipertema do parágrafo, recebendo, então, a denominação de PT Derivada.

(4) Caso não se encontre um referente do Tema na oração antecedente, um outro critério há de ser estipulado, ou seja, identificar tal referente na oração prévia à oração antecedente, com o intuito de se identificar um intervalo entre uma PT Constante ou uma PT Linear; isso já foi estudado e constatado em pesquisas da área (Crompton: 2004). Os itens a seguir ilustram as duas possibilidades de tal fato ocorrer:

(a) Neste caso, ao ser verificado o Tema da oração 1 (T1), nota-se que o Tema da oração 2 (T2) é diferente, havendo ruptura temática; o Tema da oração 3 (T3 = T1), por sua vez, recupera o Tema da oração 1. Dessa forma, a PT é Constante, porque há a manutenção do Tema da oração 1:

oração 1 (T1 → R1) + oração 2 (T2 → R2) + oração 3 (T1 → R3)

(b) Aqui, ao serem identificados o Tema e o Rema da primeira oração (T1 → R1), observa-se que o Tema da oração 2 não tem relação com a oração anterior, provocando ruptura temática. Então, verifica-se o Tema da oração 3 (T3), que é derivado do Rema da oração 1 (T3 = R1); assim, a PT será classificada como Linear.

oração 1 (T1 → R1) + oração 2 (T2 → R2) + oração 3 (T3 [R1] → R3)

(c) Caso nenhuma dessas possibilidades ocorrer, isto é, o Tema da oração 3 não estabelecer relação com os Temas ou Remas das duas orações que o antecedem, aí será considerado um caso de PT Derivada. Esta admite uma das três realizações:

- (a) Temas explicitamente relacionados a Macrotemas textuais;
- (b) Temas relacionados a sentenças anteriores à sentença prévia do Tema sob análise; e
- (c) Temas para os quais nenhuma relação pode ser identificada.

Identificados os Temas e os Remas oracionais, feito o mapeamento de todos os Temas de cada oração do texto e realizada a caracterização do tipo de Progressão Temática, o próximo passo se refere à identificação do método de desenvolvimento do texto. Nesta etapa, verificar-se-á qual é o conteúdo experiencial dos Temas oracionais, ou seja, se o conjunto de Temas do texto remete a um mesmo campo semântico – o que implica um único método de desenvolvimento para o texto –, ou se os conteúdos experienciais temáticos remetem a mais de um campo semântico, o que significa a existência de um método de desenvolvimento complexo.

Realizado o trabalho com os Temas, o próximo passo consiste no mapeamento, dentro dos Remas, daquela informação de maior valor para o interlocutor, o N-Rema, que, segundo Fries, se refere ao último constituinte da oração em textos escritos. Para a realização desta etapa, serão identificados todos os últimos constituintes oracionais, que coincidirão com o *ponto* do texto, ou seja, o foco da informação, lugar onde se concentram as informações mais significativas para o interlocutor.

A etapa seguinte consiste na realização de um esqueleto do texto, a partir da seleção dos seus Temas, com seus respectivos conteúdos experienciais, e dos seus N-Remas, de modo a se constatar como a informação é veiculada do ponto de partida (o Tema) para o foco da oração (o N-Rema); ao mesmo tempo, observa-se o conjunto de Temas e de N-Remas oracionais para se averiguar qual é o papel dessas funções no fluxo de informação ao longo do texto. Realizado isso, tem-se um esquema do texto, contendo, além do método de desenvolvimento deste, as informações mais significativas para o interesse do leitor, o

que pode ser a base para a constituição de um novo texto – um resumo –, o que implica ainda outros fatores de estudo que não são alvo desta pesquisa.

O último passo consiste nas considerações sobre semelhanças e diferenças encontradas na análise dos textos que compõem o *corpus*, de modo a se verificarem parâmetros que possam servir de base a outros estudos, fomentando as discussões sistêmicas sobre o assunto.

5.3 ILUSTRAÇÃO DE ANÁLISE

A fim de exemplificar como se processou a análise das narrativas que constituem o *corpus*, esta seção apresenta um dos textos em foco e a análise da materialidade lingüística, conforme a proposta desta pesquisa.

O texto a seguir é uma narrativa em que são apresentados fatos verídicos sobre a agressão feita a uma empregada doméstica por cinco jovens moradores da Barra da Tijuca (RJ) que roubaram sua bolsa e a atacaram com chutes na cabeça, alegando, quando de sua prisão, terem confundido a vítima com uma prostituta. A matéria é a chamada de capa de uma reportagem realizada pelo Jornal *O Globo* de 25 de junho de 2007.

**Doméstica agredida na Barra
Jovens alegam que confundiram vítima com prostituta**

Cinco jovens de classe média moradores da Barra espancaram, na madrugada de sábado, uma empregada doméstica de 32 anos. Ela estava num ponto de ônibus no bairro quando os agressores chegaram num carro, roubaram a sua bolsa e começaram a atacá-la com chutes na cabeça. Três deles já foram presos e alegaram ter confundido a vítima com uma prostituta. Todos serão acusados da tentativa de latrocínio (roubo com morte).

O GLOBO (ON)LINE
PRIMEIRO CADERNO – 25/06/2007
Chamada de Capa

Divisão do texto em períodos

1º período: Cinco jovens de classe média moradores da Barra espancaram, na madrugada de sábado, uma empregada doméstica de 32 anos.

2º período: Ela estava num ponto de ônibus no bairro quando os agressores chegaram num carro, roubaram a sua bolsa e começaram a atacá-la com chutes na cabeça.

3º período: Três deles já foram presos e alegaram ter confundido a vítima com uma prostituta.

4º período: Todos serão acusados da tentativa de latrocínio (roubo com morte).

Divisão dos períodos em orações e identificação dos Temas e Remas oracionais

Doméstica [foi] agredida na Barra (R)

Jovens alegam / que [jovens] confundiram vítima com prostituta(R)

1ª oração: **Cinco jovens de classe média moradores da Barra (T1) espancaram, na madrugada de sábado, uma empregada doméstica de 32 anos (R1).**

2ª oração: **Ela (T2) estava num ponto de ônibus no bairro (R2)**

3ª oração: **quando os agressores (T3) chegaram num carro (R3).**

4ª oração: **[os agressores] (T4) roubaram a sua bolsa (R4)**

5ª oração: **e [os agressores] (T5) começaram a atacá-la com chutes na cabeça (R5)**

6ª oração: **Três deles (T6) já foram presos(R6)**

7ª oração: **e [eles] (T7) alegaram (R7)**

8ª oração: **[os agressores] (T8) ter[em] confundido a vítima com uma prostituta (R8)**

9ª oração: **Todos (T9) serão acusados da tentativa de latrocínio (roubo com morte) (R9)**

Estrutura Temática: Temas e Remas oracionais

O GLOBO (ON)LINE

PRIMEIRO CADERNO – 25/06/2007

Chamada de Capa

Doméstica (T) [foi] agredida na Barra
Jovens (T) alegam **que [eles] (T)** confundiram vítima com prostituta

Cinco jovens de classe média moradores da Barra (T1) espancaram, na madrugada de sábado, uma empregada doméstica de 32 anos (R1). Ela (T2) estava num ponto de ônibus no bairro (R2) quando os agressores (T3) chegaram num carro (R3), [os agressores] (T4) roubaram a sua bolsa (R4) e [os agressores] (T5) começaram a atacá-la com chutes na cabeça (R5). Três deles (T6) já foram presos (R6) e [três deles] (T7) alegaram (R7) (T8) [eles] ter[em] confundido a vítima com uma prostituta (R8). Todos (T9) serão acusados da tentativa de latrocínio (roubo com morte) (R9).

Identificação dos Temas e dos N-Remas

ORAÇÃO	TEMA	N-REMA
01	doméstica	[foi] agredida na Barra
02	jovens	alegam
03	que [jovens] (Tema Textual + Tema Ideacional)	confundiram vítima com prostituta
04	cinco jovens de classe média moradores da Barra	espancaram, na madrugada de sábado, uma empregada doméstica de 32 anos
05	ela	estava num ponto de ônibus no bairro
06	quando os agressores (Tema Textual + Tema Ideacional)	chegaram num carro
07	[os agressores]	roubaram a sua bolsa
08	e [os agressores] (Tema Textual + Tema Ideacional)	começaram a atacá-la com chutes na cabeça
09	três deles	já foram presos
10	e [três deles] (Tema Textual + Tema Ideacional)	alegaram
11	[eles]	ter[em] confundido a vítima com uma prostituta
12	todos	serão acusados da tentativa de latrocínio (roubo com morte)

Conjunto de Temas oracionais

<p>Cinco jovens de classe média moradores da Barra</p> <p>Ela</p> <p>os agressores</p> <p>[os agressores]</p> <p>[os agressores]</p> <p>Três deles</p> <p>[eles]</p> <p>Todos</p>

Identificação dos N-Remas oracionais

na Barra
alegam
vítima com prostituta
uma empregada doméstica de 32 anos
num ponto de ônibus no bairro
num carro
a sua bolsa
com chutes na cabeça
presos
alegaram
a vítima com uma prostituta
acusados da tentativa de latrocínio (roubo com morte)

Algumas considerações sobre a análise deste texto são feitas a seguir:

- (a) A organização do texto consiste na escolha dos primeiros constituintes (Temas oracionais), em sua grande maioria, referindo-se aos assaltantes, que, representados por grupos nominais distintos e por elipses, passam a ser informação conhecida (Informação Dada), devido à reiteração da mesma idéia. O Tema de cada oração coincide com a função sintática de Sujeito na Metafunção Interpessoal, servindo os primeiros constituintes, na Metafunção Textual, como ponto de partida para o locutor em relação à mensagem a ser apresentada – a oração como um todo; assim, os Temas recorrentes confirmam serem “os jovens de classe média / os agressores” o ponto de partida escolhido pelo locutor para abordar o tópico do texto: o assalto à empregada doméstica;
- (b) Há, neste texto, o predomínio de Temas recorrentes, o que caracteriza uma Progressão Temática Constante ou Contínua. Os Temas apresentados – “cinco jovens de classe média moradores da Barra, os agressores, [os agressores], [os agressores], três deles, [eles], [os agressores], todos – remetem aos assaltantes; a única exceção é a primeira oração do segundo período, em que o primeiro constituinte é o grupo “ela” – pronome que remete à “empregada doméstica de 32 anos”, mencionada no final da primeira oração do corpo do texto como Informação Nova e retomada agora como Informação Dada;
- (c) O *método de desenvolvimento* do texto é simples, estando relacionado com vocábulos e/ou expressões do mesmo campo semântico, identificados pela grande maioria dos conteúdos dos Temas oracionais que se referem aos assaltantes,

agressores da empregada doméstica, conforme citado no item (b). Em outras palavras, os termos em posição temática neste texto apresentam alto índice de previsibilidade, em face à sua recorrência, mas são significativos para se traçar o método de desenvolvimento do texto;

- (d) a Informação Nova, de importância para o leitor, refere-se aos últimos constituintes de cada oração, os N-Remas, possibilitando que se perceba o foco do texto, isto é, o ponto de maior relevância. Os N-Remas oracionais deste texto explicitam onde ocorreu o assalto (num ponto de ônibus no bairro da Barra da Tijuca, RJ), com quem (uma empregada doméstica de 32 anos confundida com uma prostituta pelos assaltantes), o que aconteceu à vítima (agressão física com chutes na cabeça, tendo sua bolsa sido roubada), o que aconteceu aos agressores (presos e acusados de tentativa de latrocínio, roubo com morte);
- (e) O mapeamento dos Temas e dos N-Remas de cada oração deste texto permite ao leitor construir um esqueleto do texto, ou seja, um esquema que sintetiza, de um lado, os Temas mapeados e, de outro, as idéias mais significativas encontradas nos N-Remas. Dessa forma, o interlocutor pode sumarizar o texto e, num segundo momento, realizar um resumo, que se constitui num outro texto, o que não é foco desta pesquisa.

Com base nas constatações anteriores, pode-se verificar que este texto é estruturado da seguinte forma:

Quadro-resumo da organização do texto: esquema do texto

Síntese dos Temas (ponto de partida)	Síntese do conjunto dos N-Remas (informações principais)
<u>Agressores</u> : Os jovens de classe média da Barra (assaltantes)	<u>Vítima</u> : empregada doméstica de 32 anos confundida com uma prostituta
	<u>Onde</u> : num ponto de ônibus no bairro da Barra (RJ)
	<u>O que aconteceu</u> : agressão física com chutes na cabeça e bolsa da vítima roubada
	<u>Conseqüências</u> : agressores presos, acusados de tentativa de latrocínio, roubo com morte

5.4 RESULTADOS

A partir da realização dos procedimentos na análise dos textos, alicerçado nas concepções teóricas discutidas, num trabalho de averiguação de texto a texto e de estabelecimento de relações e cruzamento de similaridades e caracterização de peculiaridades entre os diversos textos do *corpus*, o pesquisador chega às seguintes considerações:

- (i) Os **Temas** confluem, nos textos narrativos analisados, na grande maioria dos casos, com a função de *Sujeito* no sistema de Modo da Metafunção Interpessoal, servindo como ponto de partida para o locutor em relação à mensagem a ser apresentada – a oração como um todo. Os constituintes em

posição temática nesses textos que relatam eventos, portanto, tendem a representar um personagem ou um conjunto de personagens, havendo exceções para os Temas marcados. Estes, quando aparecem, provocam ruptura temática, indicando geralmente seqüências de localização espacial e temporal (*Circunstâncias* no sistema de Transitividade da Metafunção Ideacional), com o intuito de situar o leitor em relação ao cenário no tempo ou no espaço onde se desenvolve a ação. Tais constatações encontram ancoragem em Fries (1983); segundo o autor, as narrativas tendem a relatar uma seqüência de eventos, sendo que cada evento envolve um personagem comum ou conjunto de personagens. Como resultado, o ponto de partida da mensagem de cada oração na narração do evento tenderá a ser uma das personagens, seqüência no tempo, ou (quando uma mudança ocorre) cenário no tempo ou lugar. Como resultado, tende-se a ter seqüências de orações com o mesmo tipo de Tema, isto é, cada oração apresenta o mesmo tipo de Tema que a anterior – Tema Contínuo ou Constante;

(ii) Predomina, nos referidos textos, a *Progressão Temática Constante ou Contínua*, havendo reiteração dos constituintes temáticos, que, pela própria repetição por elipses e/ou processos de sinonímia, heteronímia, indicam um alto nível de previsibilidade e apresentam um baixo nível de informatividade na correlação com Informação Dada. Assim, a informação em posição temática, que orienta o leitor em relação à informação a seguir, contém, nos textos analisados, significados experienciais de pouca importância para o texto como um todo, sendo, portanto, pouco relevantes para o interlocutor;

(iii) O mapeamento dos Temas de cada oração ao longo do texto (*Progressão Temática*) usualmente revela, então, o ponto de vista escolhido pelo locutor frente ao assunto do texto (como o escritor se posiciona), ou, ainda, a apresentação dos personagens do texto, e, a partir daí, a centralização das ações a partir destes. Assim, o conteúdo experiencial dos Temas nos textos narrativos analisados (a informação contida em posição temática na seqüência de orações) tem relação com a especificidade da narração, pois indica grupos que pertencem a um mesmo campo semântico, caracterizando tais textos como possuindo um único método de desenvolvimento;

(iv) O conjunto de N-Remas (último constituinte oracional que contém a informação de maior interesse para o interlocutor) apresenta um alto nível de informatividade, isto é, concentra as informação de maior valor, aquelas que devem ser retidas pelo leitor e, em consequência, as mais relevantes do texto. O conjunto de N-Remas oracionais sinaliza o ponto do texto, o foco da informação, onde o leitor deve se deter;

(v) É possível, por meio do mapeamento dos Temas oracionais recorrentes (e, por consequência, o estabelecimento da Progressão Temática), associados aos N-Remas de um texto narrativo, conforme constatado no *corpus* sob análise, construir um esqueleto como suporte do texto e, ao mesmo tempo, como possibilidade para a elaboração de uma síntese – a criação de um novo texto –, o que não foi alvo de estudo

da presente pesquisa. O esquema textual apresenta de um lado os Temas Contínuos, que contêm conteúdos experienciais pertencentes a um mesmo campo semântico, havendo, pelas reiterações temáticas, alta previsibilidade; de outro lado, o esquema apresenta os N-Remas oracionais, constituintes finais das orações que concentram a Informação Nova, portanto portadores de alto nível de informatividade. Assim, o fluxo de informação nos referidos textos refere-se ao movimento da informação do ponto de partida (o Tema) ao foco (o N-Rema) de cada oração ao longo do texto, para se configurar este como unidade de sentido.

6 CONCLUSÃO

A proposta desta pesquisa – sedimentada nos pressupostos da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday, e mais precisamente centrada nas noções de Tema e Informação Nova (funções da Metafunção Textual Hallidayana) – visava, em suma, à averiguação, em textos narrativos originais escritos em língua portuguesa, de como se processa o fluxo de informação textual, ou seja, a forma como se constrói o texto como unidade de sentido. O trabalho, desde sua origem, objetivava verificar como as ferramentas teóricas propostas por Halliday, a partir de sua concepção de uma teoria social da linguagem, se articulavam, na prática, com o texto, para se perceberem mecanismos de construção de sentido deste.

Um trabalho sistemático de análise dos textos que constituem o *corpus* da pesquisa sinaliza para considerações significativas a respeito da construção do fluxo de informação nos referidos materiais, apontando similaridades ocorridas nas análises, que podem contribuir para uma reflexão sobre a construção destes textos em língua portuguesa. Há possibilidade de certas generalizações, embora se saiba que o cruzamento destes dados com os de outras pesquisas já realizadas e/ou vindouras são producentes, a fim de que se corroborem ou rechacem argumentos aqui apresentados com o intuito da caracterização do fluxo de informação em narrativas de língua portuguesa.

Num primeiro momento, como forma de síntese, faz-se um breve percurso sobre conceitos exaustivamente apresentados e ilustrados ao longo da pesquisa (Tema, Progressão Temática, método de desenvolvimento textual, Informação Nova, N-Rema, fluxo de informação, tópico e ponto do parágrafo/texto), de modo a engendrará-los, para, a

seguir, de posse das hipóteses proferidas no início do trabalho, proceder-se às considerações suscitadas com base nas análises dos textos mencionados.

O *Tema* está associado diretamente à posição inicial da oração em inglês (e em português), sendo considerado o “ponto de partida” da oração como mensagem e funcionando como orientador para a informação que está por vir – o *Rema*. O material lexical em posição inicial de cada oração indica o ponto de partida da mensagem expressa por aquela oração. Representado pelo primeiro constituinte oracional que tem função no sistema de transitividade, o Tema oracional, segundo Fries, fornece um *framework* para o restante da oração, ao estabelecer um contexto no qual a oração é interpretada.

A posição temática tem motivação discursiva, visto que o mapeamento do conjunto de Temas oracionais de um texto – sua *Progressão Temática* – constrói um ângulo particular de interpretação sobre o tópico (assunto) do texto; tal posição na oração não é, portanto, arbitrária, mas um recurso textual que possibilita a realização do *método de desenvolvimento textual*. Este se caracteriza por representar o conteúdo experiencial dos elementos temáticos (Temas Ideacionais) que se sucedem ao longo das orações, estando relacionados diretamente ao campo do texto, o que contribui significativamente para a coesão e coerência textuais. Isso significa que a informação contida em posição temática, na seqüência de orações de um texto, cria o método de desenvolvimento deste. Segundo Halliday (1994: 336), “the choice of Theme, clause by clause, is what carries forward the development of the text as a whole”⁷¹. Assim, o conjunto de Temas de um parágrafo ou segmento de texto, quando se refere a um determinado campo semântico, este é

⁷¹ Uma tradução livre para a passagem é a seguinte: “a escolha do Tema, oração por oração, é o que acarreta o desenvolvimento do texto como um todo”.

identificado como método de desenvolvimento do parágrafo; a ausência de um campo semântico comum nos Temas revela a ausência de um método de desenvolvimento simples.

O *tópico* ou assunto do texto, por sua vez, geralmente é revelado pela reiteração de termos ao longo deste, não havendo necessariamente correlação entre tópico e Temas oracionais, ou seja, o assunto não precisa ser percebido como parte do método de desenvolvimento do texto (isso só acontece quando o tópico aparece reiteradamente no conteúdo lexical dos Temas oracionais), já que aquele pode ter seus referentes identificados em posição remática. O tópico ou assunto, nesta acepção, também pode ser denominado “tema”; este, porém, se distingue de Tema – termo metalinguístico da GSF para designar uma das funções da Estrutura Temática, sistema de análise da Metafunção Textual.

A *Informação Nova* está associada, no texto escrito, ao último constituinte oracional. O termo *N-Rema* (Nova-Rema) denomina este constituinte que contém informação com valor de Nova, apresentada como *newsworthy* e não recuperável no contexto (extra)linguístico. A escolha do foco da informação (ou Nova) expressa o principal *ponto* da unidade de informação, aquele que o locutor está apresentando como *news*, ou seja, a informação de maior valia, aquela que o interlocutor deveria lembrar. Assim, o *ponto* do parágrafo se refere à mensagem que este pretende transmitir, isto é, a informação contida nos N-Remas das orações do parágrafo.

A relação entre Tema e Informação Nova diz respeito ao *fluxo de informação*, ou seja, como a informação apresentada (Nova) numa dada oração é interpretada e está relacionada ao seu contexto (Tema). Dessa forma, há uma combinação entre Tema (“ponto de partida”) e foco, visto que o lugar não marcado do foco é o final da unidade de informação – o que coincide, na escrita, com o último constituinte oracional –, ocorrendo

um movimento do início da oração (proeminência temática) para o final (proeminência informacional).

Com base nessas reflexões teóricas, foram elencadas algumas hipóteses para serem testadas nos textos do *corpus*, de modo a se pensar sobre a adequação de tais constructos teóricos quando da sua relação com a formulação e/ou recepção do texto, além de se procurarem marcas, similaridades nos respectivos textos que pudessem caracterizá-los como próprias e/ou recorrentes nas narrativas.

As hipóteses norteadoras da pesquisa, a partir da descrição do Tema e do N-Rema, a fim de se prever a localização do fluxo de informação em textos escritos, são sintetizadas como segue:

- (i) a posição temática contém significados experiências pouco relevantes para as metas de um texto, logo apresenta um alto índice de previsibilidade devido à sua recorrência, sendo, porém, significativa para o método de desenvolvimento de textos narrativos;
- (ii) as informações contidas nos N-Remas oracionais são extremamente importantes para as metas de um texto, sendo pertinente, então, por meio de sua identificação, se perceber o foco do texto – o ponto de maior relevância;
- (iii) o mapeamento dos Temas e dos N-Remas oracionais possibilita ao interlocutor a síntese do texto – um esquema das idéias relevantes que devem ser apreendidas pelo leitor –, que pode originar, num segundo momento, um resumo do texto, o que não é foco desta pesquisa.**

A fim de serem testadas as hipóteses, o pesquisador recorreu à seleção de quarenta textos narrativos curtos autênticos, oriundos de fontes diversas, com propósitos vários de comunicação. Fez-se uma apreciação do material, tendo sido identificado, a partir do mapeamento dos Temas e dos N-Remas oracionais, o seguinte: o conteúdo experiencial dos Temas, a fim de se observar o método de desenvolvimento textual; o tipo predominante de Progressão Temática, para que se estabelecesse uma tentativa de regularidade nesse padrão; o conteúdo informacional dos N-Remas, com o intuito de se caracterizar o foco do texto; a relação entre a recorrência dos Temas oracionais e a alta informatividade dos N-Remas, para se construir o esquema do texto.

Com base na realização de tais procedimentos na análise dos textos, podem ser tecidas certas considerações:

- (i) a posição temática, nos textos narrativos, apresentou um alto índice de previsibilidade e, em contraponto, um baixo nível de informatividade, visto que a recorrência de Temas em tais textos era constante, havendo o predomínio de Progressão Temática Contínua. Os Temas recorrentes são um fator significativo para a caracterização destes textos como contendo um único método de desenvolvimento. Em outras palavras, observou-se que o conteúdo experiencial dos Temas recorrentes, na grande maioria dos textos, apontava para termos de um mesmo campo semântico;
- (ii) os N-Remas, por sua vez, apresentaram um alto índice de informatividade, ao serem identificados como constituintes oracionais que detinham a principal informação para o leitor nos referidos textos. O conjunto dos N-Remas apontava para o foco do texto, a parte de maior

relevância em termos de nível de informação, aquela que concentra a informação de maior valor;

- (iii) o mapeamento dos Temas e dos N-Remas oracionais resultou no esqueleto do texto, isto é, na seleção dos elementos essenciais que garantem ao leitor o principal da apreensão da informação em cada texto. O esquema do texto apresenta duas colunas: uma contém a recorrência dos Temas com alto índice de previsibilidade; a outra contém a relação dos N-Remas oracionais, os quais possuem alto índice de informatividade. Dessa forma, percebe-se que o fluxo de informação nos textos analisados refere-se ao deslocamento da informação do contexto local da oração – o Tema – para o seu foco – o N-Rema. No texto como um todo, então, nota-se que o ponto do texto (a área de maior concentração em termos de informação relevante) refere-se ao conjunto dos N-Remas, sinalizados pelos últimos constituintes oracionais.**

Esta pesquisa promoveu a reflexão sobre alguns constructos teóricos da Gramática Sistêmico-Funcional na sua aplicação à análise de textos, tendo como foco a discussão sobre os conceitos de Tema, Rema, Informação Dada e Informação Nova – funções pertencentes à Metafunção Textual hallidayana – bem como as noções sobre Progressão Temática de Frantisek Daneš e as de N-Rema, fluxo de informação, ponto do texto e tópico, propostas por Perter Fries. O aparato teórico, embasado também em outros autores

sistemicistas, promoveu a utilização de tais recursos metalingüísticos com o intuito de averiguar de que forma eles são significativos na identificação de um texto como unidade de sentido.

As considerações realizadas neste estudo, com base na análise do *corpus* de investigação, visam a contribuir para maiores reflexões sobre o conceito de Tema e para fomentar os estudos sistêmicos centrados principalmente na organização textual, além de endossar a importância da análise remática, principalmente no que tange aos N-Remas, quando do estudo do fluxo de informação em um texto.

O presente trabalho, neste sentido, revela como os textos narrativos em língua portuguesa sob análise se constroem em termos de Estrutura Temática e Estrutura de Informação, caracterizando-se como mais uma fonte em língua materna para se pensar a descrição lingüística do português. É importante que os dados apresentados aqui se cruzem com outros, oriundos de pesquisas também em língua portuguesa, a fim de que generalizações possam ser feitas e se constituam como referências para uma gramática sistêmica do português. Além disso, este estudo contribui para a realização de pesquisas futuras na área sistêmica que tenham como meta a elaboração de resumos, a partir das questões suscitadas aqui quanto ao estabelecimento de um esqueleto ou esquema do texto com base na identificação dos Temas e dos N-Remas oracionais nas narrativas.

REFERÊNCIAS

BÁRBARA, Leila & GOUVEIA, Carlos A. M. It is not there, but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. Paper Presented at the 13th Euro-International Systemic Functional Linguistics Workshop. University of Brest, July, 2001. *Direct Papers 46*. São Paulo: PUCSP, 2001.

BLOOR, Thomas & BLOOR, Meriel. *The Functional Analysis of English: a Hallidayan Approach*. London: Edward Arnold, 1995.

BUTT, David, FAHEY, Ronda, SPINKS, Sue & YALLOP, Colin. *Using Functional Grammar: An Explorer's Guide*. Sydney: National Centre for English Language Teaching and Research (NCELTR), Macquarie University, 2000.

CROMPTON, P. *Theme in argumentative texts: an analytical tool applied and appraised*. Ph. D. dissertation. Department of Modern English Language and Applied Linguistics, Lancaster University, 2002.

CROMPTON, P. Theme in discourse: 'Thematic progression' and 'method-of-development' re-evaluated. *Functions of Language* 11 (2): 2004, pp. 213-49.

CUNHA, Maria Angélica F. da., OLIVEIRA, Mariangela R. De & MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Maria Angélica F. Da & SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

DANEŠ, Frantisek. Papers on Funcional Sentence Perspective and the organisation of the text. In: DANSES, Frantisek. *Papers on Functional Sentence Perspective*. The Hague: Mouton, 1974, pp. 106-128.

EGGINS, Susan. *An Introduction to Sistemic Functional Linguistics*. London: Pinter, 1994.

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and Power*. London: Longman, 1989.
FAIRCLOUGH. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. London: Longman, 1995.

FAIRCLOUGH. *Discurso e mudança social*. Trad. Izabel Magalhães (coordenadora de tradução). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FLOWERDEW, John. *Signalling nouns in discourse*. English for Specific Purposes 22. Pergamon, 2003, pp. 329-346.

FRANCIS, G. *Anaphoric Nouns, Discourse Analysis n° 11*, Birmingham: ELR, 1986.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group cohesion. In Coulthard, M. (ed.). *Advances in Written Discourse Analysis*. London & New York: Routledge, 1994, pp. 83-101.

FRIES, Peter H. On the status of theme in English: arguments from discourse. *Forum linguisticum*, 6: 1981, pp. 1-38.

FRIES, Peter H. A personal view of theme. In Gadessy, M. (ed.) *Thematic development in English texts*. London: Pinter, 1995, pp. 01-19.

FRIES, Peter H. On theme, rheme and discourse goals. In: Coulthard M. (ed.) *Advances in written text analysis*. Routledge, 1994.

FRIES, Peter H. Themes, Methods of Development, and Texts. In: Hasan, Ruqaiy & Fries, Peter H. *On Subject and Theme: a Discursive Functional Perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 1997, pp. 317-359.

FRIES, Peter H. The Flow of Information in a Written English Text. In: Fries, Peter H., Michael Cummings, David Lockwood & William Spruiell. *Relations and Functions within and around Language*. London: Continuum, 2002.

FRIES, Peter H. The textual metafunction as a site for a discussion of the goals of linguistics and techniques of linguistic analysis. In: FOREY, Gail & THOMPSON, Geoff. *Text type and Texture*. London: Equinox, 2009, pp. 8-44.

FRIES, Peter H. & GREGORY, Michael. *Discourse in Society: Systemic Functional Perspectives. Meaning and choice in Language: Studies for Michael Halliday*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1995.

GHADESSY, Mohsen. *Thematic Development in English Text*. London: Pinter, 1995.

GOUVEIA, Carlos A. M. & BÁRBARA, Leila. Marked or unmarked that is NOT the question, the question is: Where's the theme? Paper Presented at the 12th Euro-International Systemic Functional Linguistics Workshop. University of Glasgow, pp. 19-22 July 2000. *Direct Papers 45*. São Paulo: PUCSP, 2001.

HALLYDAY, M. K. Notes on transitivity and theme in English 1-3. *Journal of Linguistics* 3.1, 3.2, and 4.2:3-4. 1967.

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e Função da linguagem. In: LYONS, John (Org.). *Novos horizontes em linguística*. São Paulo: Cultrix, 1976. pp. 134-160.

HALLIDAY, M. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. K. *An Introduction to Functional Grammar*. Revised by Christian M. I. M. Matthiessen. 3rd ed. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. & HASSAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HASSAN, Ruqaiya & FRIES, Peter H. (Eds.) *On Subject and Theme: A Discursive Functional Perspective*. Amsterdam: John Benjamins: 1995, pp. 317-359.

JUNKES, T. K. Produção escrita: um estudo da coesão e coerência textuais. In: Cabral, L. G. & E. Gorski. *Linguística e Ensino: Reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Santa Catarina: Insular, 1998. pp. 73-90.

MCANDREW, Paula & MCANDREW, John. Systemic Functional Linguistics: an Introduction. *Journal of the Faculty of Global Communication*. Siebola: University of Nagasaki, 2002, number 3:115-127.

MARTIN, Jim. Theme, method of development and existentiality: The price of reply. *Occasional Papers in Systemic Linguistics* 6: 147-83. 1992.

MARTIN, Jim R., Matthiessen, Christian M. I. M & Painter, Clare. *Working with Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1997.

MATTHIESSEN, Christian M. I. M & HALLIDAY, M. A. K. *Systemic Functional Grammar: A first step into the theory*. Sydney: Macquarie University, 1997.

MEURER, J. L., BONINI, Adair & MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). *Gêneros : teorias, métodos, debates*. São Paulo : Parábola, 2005.

MORENO, Ana I. Retrospective labelling in premise-conclusion metatext: an English-Spanish contrastive study of research articles on business and economics. *Journal of English for Academic Purposes* 3, 2004, 321-339.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIONI, Raymundo da Costa. Os modificadores na argumentação do locutor. In: BARBISAN, Leci (Org.). *Cadernos de pesquisa em linguística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. pp. 9-21.

PENNOCK, B. *A Genre Approach to Re-entry Patterns in Editorials*, *SELL Monographs* – v. 2, Valencia, 2000.

RAVELLI, L. J. A dynamic perspective: implications for metafunctional interaction and an understanding of theme. In Hasan, R. & Fries, P. H. (eds.). *On subject and theme: a discourse functional perspective*. Amsterdam: Benjamins, 1995. pp. 189-234.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. 2nd ed. London: Edward Arnold, 1996.

VENTURA, Carolina S. M & LIMA-LOPES, Rodrigo E. de. O Tema: caracterização e realização em português. *Direct Papers 47*. São Paulo: PUCSP, 2002.